REVISTA

DE

PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

OUTUBRO, 1890

Summario

			Pag.
I.	A REVISTA.		V
II.	O TRATADO COM A INGLATERRA E A SITUAÇÃO DE PORTUGAL	Spectator	1
III.	REALIDADES DA REVOLUÇÃO FRANCEZA.	F. d'Ayalla	16
IV.	AS COMMUNIDADES DE GÔA.	Jayme de Magalhães Lima	40
V.	OS PEGUREIROS	Monteiro Ramalho	52
VI.	SONETOS.	Joaquim de Araujo	64
VII.	CHRONICAS DA POLITICA EUROPÊA. .	G. Côrte-Real	67
VIII.	PRATICAS E THEORIAS DA DICTADURA REPUBLICANA NO BRAZIL	Frederico de S.	74

LUGAN & GENELIOUX, Editores — Porto

Correspondentes

Rio de Janeiro
LOMBAERTS & C.A
7, Rua dos Ourives

Paris
Vve EMILE MELLIER
17, Rue Séguier

2.º Anno — Vol. III. Numero 13.

A **REVISTA DE PORTUGAL** é publicada mensalmente, n'um volume de 130 a 150 paginas.

Um **BOLETIM BIBLIOGRAPHICO** acompanha cada numero da Revista, dando noticia e descripção de todas as obras, nacionaes ou estrangeiras, que forem enviadas á Redacção.

Os **ANNUNCIOS** são inseridos n'um supplemento especial collocado no fim do numero.

ASSIGNATURA

Portugal e ilhas adjacentes

Um anno	Seis mezes	Tres mezes
6$000 reis	**3$200 reis**	**1$700 reis**

Numero avulso. . . . . **500** reis
Pelo correio. . . . . **540** »

Colonias, Hespanha, Brazil e outros paizes da União Postal

Um anno	Seis mezes
7$200 reis fortes	**3$800 reis fortes**
(Frcs. 40)	(Frcs. 21,10)

A **REVISTA DE PORTUGAL** assigna-se no Porto na livraria dos editores e administradores **LUGAN & GENELIOUX**, em todas as livrarias de Portugal, e nas principaes livrarias do estrangeiro.

ACABA DE SAHIR Á LUZ:

Dissonancias, versos por *Thomaz Ribeiro.* 1 vol. in-12. 600

O Conde de S. Salvador de Mattosinhos, discurso funebre pronunciado na igreja de S. Bento da Paulicea, a 24 de novembro de 1888, nas solemnissimas exequias que alli mandou celebrar a colonia portugueza da referida cidade, no 30.º dia depois do fallecimento do illustre titular, pelo *Padre Senna Freitas.* Folh. in-12 200

Maximas, conselhos moraes, pensamentos, memorias, sentimentos nobres e proverbios, colligidos e recopilados por *Mathias da Luz Soares,* antigo alumno do Real Collegio de S. José de Macau. Obra utilissima para a instrucção da mocidade, dedicada e offerecida aos paes de familia. 2.ª edição. 1 vol. in-8.º de 336 pag. 600
Com uma cartonagem propria para brindes. 900

Religião e critica, pelo conego *Egydio Pereira de Oliveira e Azevedo.* 1 vol. in-8.º. 800

REVISTA

DE

PORTUGAL

—

VOLUME III

Porto — Typographia de A. J. da Silva Teixeira
Cancella Velha, 70

REVISTA

DE

PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

VOLUME III

PORTO
EDITORES, LUGAN & GENELIOUX
Successores de Ernesto Chardron
1890

Todos os direitos reservados

THE J. PAUL GETTY CENTER
LIBRARY

A REVISTA

A Revista de Portugal conseguiu, pelo esforço fiel de alguns collaboradores illustres, percorrer o seu primeiro anno com auctoridade e com brilho; mas a experiencia d'esse anno trabalhoso impôz aos fundadores da Revista a necessidade de remodelar não só o seu Programma inicial, mas ainda o molde pesado e estreito em que ella gradualmente crystallisára. D'outro modo seria certo o deperecimento e desapparecimento d'uma obra que elles teimosamente consideram educadora e indispensavel á dignidade das Letras patrias.

Fundada com os elevados intuitos, entre outros, de crear um orgão especial e profissional de critica; de erguer entre as discussões tumultuarias da Politica um logar mais alto e sereno que no meio das paixões e dos interesses fosse como o refugio da superior razão; de formar um resumo do movimento intellectual de Portugal que tornasse praticavel á Critica estrangeira a apreciação das nossas obras e dos nos-

sos homens; de fundar um registro permanente da nossa actividade em todos os ramos que nos permittisse ter, o mais exacta e visivelmente que ser podesse, a consciencia de nós mesmos — a Revista de Portugal, logo desde os seus primeiros passos, ainda vivos de esperança, encontrou por um lado difficuldades insuperaveis em preencher estes fins, e não encontrou por outro uma sympathia bastante prompta e quente para mostrar que fosse esta, precisamente, a Publicação appetecida e esperada pelas curiosidades intellectuaes do Publico.

Por um lado, forçoso foi aos fundadores da Revista reconhecer que em Portugal não existia ainda um grupo de escriptores que, exclusivamente empregados no exercicio das Letras, livres de todas as influencias de Partido ou de Escóla, e disciplinados por habitos estrictamente regulares de trabalho, podessem assegurar a uma Revista uma collaboração abundante, diligente, variada, opportuna, pontual e efficaz. E por outro lado, ainda forçoso lhes foi reconhecer que o Publico, por motivos multiplos de raça, de educação, de costumes e de occupações, deseja encher aquellas horas livres em que folheia um livro ou uma Revista, não no severo esforço de adquirir uma instrucção systematica, mas no mero consolo de receber uma distracção intelligente.

N'estas condições foi indispensavel preparar uma reorganisação da Revista [1]. Por um lado ella devia tornar-se mais independente da collaboração nacional, sempre escassa, sempre irregular, sempre retardada, indo recolher através

[1] Estes trabalhos de reorganisação forçaram a Revista a interromper, durante os mezes de julho, agosto e setembro, a sua publicação regular. Começando o seu segundo anno, a Revista toma como primeira data a do mez em que reapparece.

das grandes publicações estrangeiras a sua provisão mensal, idéas que ensinem e os factos que interessem; e por outro lado devia offerecer ao Publico aquella leitura facil, ligeira, clara, diversa, nova, que é a unica que, sem o fatigar ou desanimar, lhe póde ainda assim levar ao espirito cultura e informação. De facto a Revista, querendo viver e actuar como um factor efficaz de educação, devia adoptar aquelle typo especial de Publicação a que se dá na Europa o nome de *Magazine.*

Uma Revista tal como os fundadores da Revista de Portugal a conceberam no seu programma inicial, não é ainda realisavel dentro das nossas condições litterarias e sociaes. Para cumprir tão alto Programma surgirá por muito tempo ainda entre nós a difficuldade da collaboração. Não faltam, é certo, para constituir um grupo de collaboradores, homens excellentemente competentes; mas esses, infelizmente, ou seja por estarem absorvidos em occupações profissionaes (e não possuindo o methodo intellectual que habilita um inglez ou um allemão a encher de manhã um livro de escripturação e a compôr á noite um estudo de critica), ou seja por se acharem presos á disciplina partidaria (unico sentimento que entre nós permanece vivo entre tantos outros que se apagam) — esses raramente têm o calmo vagar de produzir, e quasi nunca a inteira liberdade de julgar. O mal do nosso paiz, a *falta de pessoal,* pesa tão gravemente nas letras como em todos os outros ramos da actividade nacional.

A unica publicação, pois, que a nossa sociedade comporta é um *Magazine,* onde destaquem sim, por vezes, obras de Critica, de Historia, de Philosophia, tão valiosas como as que honraram o primeiro volume da Revista de Portugal, mas onde sobretudo predominem as obras de imaginação,

as vulgarisações scientificas, narrações de viagens, os trabalhos biographicos, os estudos de costumes, as actualidades politicas e sociaes, toda essa Litteratura, ou fórmas de Litteratura, mais adaptadas e proprias para um largo Publico, que ás idéas e aos factos nunca póde dedicar um estudo exhaustivo, apenas uma fugitiva curiosidade.

Este *Magazine* assim comprehendido, será aceito pelo Publico e viverá? Conseguiremos nós, escriptores e leitores, uns pela pontualidade do seu trabalho, outros pela fidelidade do seu apoio, dotar Portugal com uma Publicação, que, se não tão completa como as grandes Revistas Europêas, será ainda assim honrosa para a sua reputação litteraria?

A Revista de Portugal, apesar de tão nova na carreira, começava recentemente a ser citada com sympathia e respeito no estrangeiro por jornaes e revistas. Teremos nós ainda de supprimir este fio unico que nos prendia á Europa intellectual?

O esforço que hoje imploramos, e esperamos, não é um esforço enorme para crear um mundo. É apenas o limitado esforço de trabalho e de apoio da parte de Escriptores e da parte dos Leitores, para que em todo este reino de Portugal, que ainda é um reino da Europa culta, possa viver affirmando a vitalidade do nosso Pensamento e a nossa participação nas coisas da Intelligencia — uma Revista, uma modesta Revista de 130 paginas, uma Revista isolada e unica. A Armenia que é uma provincia inculta da Turquia Asiatica — tem tres.

O TRATADO COM A INGLATERRA

E A SITUAÇÃO DE PORTUGAL

Nos mezes que vão decorridos d'este anno de 1890, singularmente funesto para nós por tantas desgraças, a Inglaterra póde dizer-se que confiscou a Africa em seu beneficio, instituindo-se em potencia quasi suzerana, e repartindo com a Allemanha, com a França, e finalmente comnosco, os restos de um banquete em que tomou para si a parte do leão.

Coube a Portugal a sorte do cordeiro, como na fabula tão conhecida; embora se deva dizer, em abono da verdade, que os deploraveis erros da nossa politica interna concorreram para tornar facil á Inglaterra o desempenho do seu papel de lobo cerval. Quando, em janeiro, a imprensa de todo o continente europeu verberava o procedimento violentamente inaudito com que a Inglaterra, segura já de que nada tinha a temer do lado da Allemanha, punha termo ao debate diplomatico comnosco; quando se denunciava um movimento de sympathia pela nossa pobre causa, e a Europa parecia querer acordar para a verdadeira comprehensão dos interesses continentaes, o espectaculo que nós démos suffocou esse movimento.

Subordinando o debate da questão ingleza ás conveniencias de mesquinhas questiunculas partidarias, suffocando a um tempo os tumultos anarchicos e a explosão generosa do patriotismo ingenuo; afastando-se systematicamente da publicidade que é a

unica defeza dos fracos, para se lançar na illusoria esperança da benevolencia de uma nação que nos olha com um desdem excitado pela cubiça: o ministerio de janeiro pensou que a *questão ingleza* se media pela bitola ordinaria dos problemas minusculos da nossa politica interna, e que a hostilidade ávida da Inglaterra se reduzia á inimizade pessoal de lord Salisbury pelo ministro que durante annos defendera palmo a palmo, com uma tenacidade digna de melhor exito, os restos do nosso patrimonio historico.

O tratado de 20 de agosto foi a mais cruel e a mais fulminante desillusão para todos os que partilhavam as opiniões governamentaes; porque para o nosso governo havia muito que as imposições descaroaveis da Inglaterra lhe teriam mostrado a temeridade com que se lançára n'um caminho errado. Forçado a passar sob as forcas caudinas, fôra todavia elle quem de coração leve se mettera n'um bêco sem outra sahida mais do que o diploma verdadeiramente monstruoso que teve a deploravel coragem de subscrever.

Era tarde para voltar a traz.

Dado o golpe de 11 de janeiro, a Inglaterra durante mezes entreteve-nos com a prorogação das negociações. Satisfeitissima com a marcha das coisas em Portugal; vendo como a nossa attitude prejudicava as sympathias europeias e desfazia o principio de resistencia que poderia vir a tornar-se na convocação de uma segunda conferencia que fizesse para a Africa oriental o que a de Berlim fizera para as regiões do Zaire: a Inglaterra tratou primeiro de ajustar as suas contas com a Allemanha, celebrando com ella o tratado de partilha; passou depois á França, deixando-lhe o Saharà; e quando isoladamente tinha liquidado com essas nações que a podiam incommodar, voltou-se para Portugal e disse: agora nós!

Comprehendemos, adivinhamos, os dolorosos momentos que os negociadores portuguezes do tratado passaram, e tanto mais pungentes quanto a consciencia propria lhes estava decerto mostrando o erro do caminho em que tinham entrado, vendados os olhos para fóra, sómente abertos para descortinarem a urdidura

do tecido raro e pôdre da politica domestica. Decerto, a consciencia, remordendo, lhes disse muitas vezes que tinham anteposto a sua condição de *regeneradores* á sua qualidade de portuguezes, e que tinham commettido o crime de sacrificarem os interesses da patria ás conveniencias do partido. Crimes d'estes foram sempre communs nos paizes moralmente abatidos e socialmente desorganisados.

Mas, se a historia não perdôa porque não tem auctoridade para tanto, é mister confessarmos que a condemnação unanime do paiz que sente e pensa, fulminando os auctores do tratado de 20 de agosto, é um castigo mortal.

Parce sepultis.

*
* *

Deixemos portanto em paz os homens politicamente mortos, qualquer que venha a ser o futuro d'esse funesto diploma datado de 20 de agosto, para dizermos a respeito d'elle, não aquillo que nos ditam o coração dilacerado, e o amor patrio mal ferido, mas sim e unicamente o exame critico da politica e da historia.

Não é este o logar, nem cabe nas proporções de um artigo, expôr com desenvolvimento os fastos da nossa vida de povo colonisador. Digamos, porém, apenas o que summariamente interessa para a comprehensão do assumpto discutido agora.

Nos tempos historicos das nossas descobertas e conquistas, quando o imperio portuguez se estendia pelos tres continentes da Africa, da Asia e da America, completado por um enxame de ilhas dispersas por todos os mares, o nosso poder assentava na força da nossa marinha. Tendo descoberto o caminho da India, conservavamos cerrados os mares do Oriente ás bandeiras europeias, da mesma fórma que cerrados lhes mantinhamos os portos continentaes da Africa e da America. Tinhamos o monopolio dos mares, e á sombra d'elle, novos phenicios ou gregos, iamos commerciando por todas as costas, estabelecendo feitorias,

levantando fortalezas para as proteger, instituindo estancos, como o do assucar nas ilhas atlanticas, do pau-brazil na America, e da pimenta na India, para crear, ao lado da riqueza particular dos armadores e negociantes, a riqueza publica do monarcha ou do estado.

O typo classico da colonia-feitoria manteve-se principalmente no Oriente, e emquanto se nos manteve o poder eminente de nação maritima.

Ao lado d'este typo, porém, já na Africa, já principalmente no Brazil, creamos o typo das colonias de plantação, isto é, d'aquellas colonias que, sem dependerem de uma forte emigração, prosperavam com as culturas industriaes servidas pelo trabalho de indigenas dirigidos e salariados por portuguezes. E apparecendo, como appareceram no Brazil, vastos jazigos de ouro e pedras preciosas, aos lucros das fazendas juntou-se o das minas, e a riqueza publica achou tambem no monopolio dos diamantes e no *quinto* do ouro uma opipara fonte de receitas.

Embora os dias aureos do nosso poder maritimo já tivessem passado; embora os mares não fossem já couto nosso exclusivo: bastava para a fructifera exploração d'estas colonias o regimen de seclusão em que as conservavamos, e a sufficiente administração com que as regiamos.

Ao lado, finalmente, d'estes dois typos coloniaes, as ilhas atlanticas tinham apresentado o terceiro e ultimo, que é o das colonias de povoação, vasadouro do excesso de população pretropolitana, onde os portuguezes, do Minho e do Algarve principalmente, podiam ir installar-se, continuando os seus misteres ordinarios de lavradores, pescadores ou mareantes. Como a emigração portugueza em tempo algum foi absolutamente consideravel, as nossas colonias de população nunca tiveram a vastidão e a importancia, nem das feitorias orientaes, nem das fazendas americanas.

Ao mesmo tempo que a colonisação civil procurava assim adaptar-se ás condições variaveis dos extensos territorios avassallados, a colonisação pela catechese, isto é, as missões, principalmente jesuitas, tentavam, já no Congo, já em Moçambique, já no

Brazil, converter os indigenas á fé christã, procurando por essa fórma extrahil-os da sua barberie nativa. E isto era sobretudo praticado em Africa, onde até aos nossos dias a exploração colonial póde dizer-se que se reduzia á exportação de escravos.

Tal foi, em breves e summarios traços, o systema historico do nosso imperio colonial.

Perdido o poder maritimo, é de vêr que estava prejudicada a conservação da rêde de feitorias com que bordavamos os continentes orientaes. A longa crise das guerras da independencia que succederam á revolução de 1640 consummou a perda do Oriente, sanccionada pelos tratados successivos celebrados com inglezes e hollandezes.

Restava-nos o Brazil; mas tambem a crise do principio do seculo XIX, a emigração da côrte para o Rio de Janeiro e os tratados de 1810, precipitando o termo ao regimen de seclusão, que mais tarde ou mais cedo havia de ser condemnado e abolido, vieram determinar a perda do nosso imperio americano, cuja independencia força foi reconhecer em 1825.

Quer da India, quer no Brazil; quer no seculo XVII, quer em 1810, foi porém a Inglaterra que, dispensando á dynastia restauradora da independencia um auxilio, mais de uma vez illusorio e sempre onerosissimo, aproveitou dos nossos apuros para estender sobre o corpo desangrado de Portugal a sua garra adunca de animal rapace.

O restabelecimento de instituições representativas, devolvendo ao povo o seu governo e terminando o periodo bisecular do absolutismo monarchico, veio porém estabelecer em outras bases os elementos politicos. E ao mesmo tempo, do nosso velho imperio colonial restava-nos a Africa, mas não com o caracter antigo de viveiro de escravos, pois decididamente cooperavamos com a Inglaterra na repressão de um trafico em que todas as nações coloniaes collaboravam.

É este o momento de proferir o nome glorioso do marquez de Sá da Bandeira, que dedicou a sua vida simultaneamente á abolição da escravatura e ao renascimento da nossa vida colonial pela exploração da Africa. Se nos tumulos os cadaveres

podessem chorar, seriam de sangue as lagrimas do nosso Bayard, ao vêr a obra dos seus carinhos retalhada hoje e para sempre condemnada!

Tambem o marquez de Sá foi, na recente historia do nosso paiz, o mais illustre adversario da politica tradicional ingleza, pois que assim se tem de dizer a politica seguida a partir de 1640 e continuada até 1826, com o breve intervallo da dictadura pombalina e o fugaz momento da revolução de 1820. Depois do estabelecimento das instituições liberaes, com effeito, ninguem póde affirmar que houvesse uma nórma de proceder semelhante á que determinou a expulsão dos inglezes no movimento de 1820; embora accidentalmente episodios tristes como a Belemzada, por exemplo, viessem mostrar que as antigas tradições se não tinham de todo apagado. E é incontestavel que, especialmente a partir de 1881 e da rejeição do tratado de Lourenço Marques, a influencia ingleza em Portugal não era maior do que a franceza ou allemã, embora da anglomania regeneradora do gabinete de 1879 nos tivesse ficado o tratado da India que a acabou de enfeudar á Grã-Bretanha.

Desde os tempos já distantes em que, abolindo a escravidão em Africa, o marquez de Sá da Bandeira abriu um periodo novo á nossa ultima colonia (porque o resto são padrões historicos apenas), desde então até hoje o caminho andado foi consideravel; apesar de luctarmos com a inclemencia dos climas, com a extincção progressiva da marinha mercante, com a nullidade da emigração nacional, com os defeitos monstruosos da administração colonial, com a propria vastidão dos nossos dominios perante a dos nossos recursos, finalmente com a instabilidade da nossa machina politica e a consequente falta de sequencia na regencia colonial.

Pouco ou muito, caminhára-se, porém; e a Africa, especialmente Angola, apresentava-se como o succedaneo da India e do Brazil, para nos garantir geographica e economicamente uma autonomia que nos não garante por si só o territorio portuguez da peninsula hispanica. Abolido o seu caracter historico de feitoria commercial de escravos, Angola desenvolve-se simulta-

neamente com o trafego sertanejo e com o caracter cada vez mais pronunciado de uma colonia-fazenda, ou de plantação, especie de que S. Thomé nos proporciona um exemplar perfeito e sobremancira prospero.

As perspectivas que já de longe se descortinavam ácerca do futuro colonial da nossa provincia de Angola accentuaram-se progressivamente. Capitalisámos alguns milhares de contos de reis para a dotar com elementos de prosperidade economica: subsidiámos o cabo submarino, construimos estradas e pontes, construimos o caminho de ferro de Ambaca, e vamos fazer o de Mossamedes, canalisámos as aguas do Bengo. Ao mesmo tempo, o commercio *portuguez* da provincia crescia d'um modo notavel. Em 1887, as remessas para a metropole eram de 1:940 contos; em 1888, de 2:464 contos. Em 1887 exportavamos para Angola 1:430 contos, dos quaes 364 nacionaes; em 1880 exportavamos 2:120, entrando por 465 contos as fazendas nacionaes. Já as estamparias de Lisboa concorriam em somma consideravel no abastecimento do mercado africano; e agora em Ruães, junto a Braga, se está edificando uma fabrica de algodões destinados ao consumo angolense.

Por outro lado, a descoberta dos jazigos auriferos de Moçambique, promettendo-nos n'essa provincia uma historia semelhante á que teve a metade austral do Brazil, veio, porém, aguçar o appetite insaciavel da Inglaterra que, pela terceira vez, se lançou sobre nós a despojar-nos da nossa ultima ancora de salvação. Comprehende-se por isso como o tratado de 20 de agosto agitou e commoveu o que ainda resta vivo na alma portugueza. É que ella vê dissipar-se de todo a ultima esperança no porvir, e considera com exacção que esse funesto diploma seria a mortalha funerea de Portugal.

*
* *

Em que, porém, e como é que o tratado destroe assim por completo o futuro colonial portuguez? Será por causa das per-

das de territorio? Não; porque territorios tinhamos nós demasiados para a extensão dos nossos recursos; e se em Portugal houvesse a força necessaria para antepôr o bom senso ás phantasias do patriotismo, e para não explorar a sentimentalidade morbida d'um povo infeliz, nunca teriamos, como ultimamente fizemos, alargado o nosso dominio aos vastos sertões do Zaire d'onde nenhum proveito nos póde vir, e que nos custam pesados encargos. Será porque o tratado destroe a ambição geographica de ligarmos de costa a costa o nosso imperio, vedando assim a communicação entre as colonias inglezas do extremo sul da Africa, e as colonias rudimentares do norte do Zambeze? Tambem não; porque essa ambição nunca poderia tornar-se, de um romance que foi, n'uma realidade positiva e pratica. Será, finalmente, porque o tratado consagra o principio da collaboração estrangeira em colonias que nós não podemos cabalmente explorar? Tambem não; porque, apesar das nossas tradições funestas a tal respeito, a idéa da necessidade da cooperação é geralmente aceite.

Então porque é?

É porque o tratado impõe-nos essa cooperação pela fórma humilhante de um quasi protectorado.

É tambem porque o tratado nos impossibilita de explorarmos com proveito o que nos deixa da nossa Africa, ao mesmo tempo que nos impõe encargos esmagadores. Vergando ao peso d'elles, e na impossibilidade de os satisfazer, teremos de nos entregar nos braços da Inglaterra, que assim adquirirá de graça esta nossa derradeira herança.

Examinemos, pois, summariamente, o que o tratado é.

Com relação a Moçambique, dois motivos capitaes impelliam a Inglaterra: franquear a passagem para as suas colonias do Nyassa, e ao mesmo tempo garantir a communicação do sul para o do norte do Zambeze, era um; outro era apossar-se das regiões auriferas da margem norte do Zambeze e do interior dos districtos de Manica e de Sofala. Para obter estes dois pontos capitaes, exigiu e obteve a nossa expulsão da margem norte do Zambeze, entre Tete e Zumbo, deixando-nos apenas na margem

sul uma faxa de dez milhas de largura; exigiu e obteve a mutilação de Manica e Sofala, retalhando os estados do Gungunhama que, de vassallo exclusivamente nosso, passa a ficar sob a influencia mixta de inglezes e portuguezes; exigiu e obteve a liberdade de navegação do Zambeze, e seus ramaes e affluentes, podendo estabelecer entrepostos ou feitorias em todas as margens; exigiu e obteve a feitoria de Chinde na embocadura do Zambeze; exigiu e obteve de nós a obrigação de fazermos o caminho de ferro do Pungue, e varias linhas telegraphicas.

De fórma que, retalhado o nosso territorio, ameaçado o que nos resta pelos inevitaveis conflictos com os vatuas, franqueados todos os rios, annullado o rendimento das alfandegas, Moçambique, com que não mantemos commercio de especie alguma, fica-nos apenas servindo de colonia nossa *in nomine*, pelo preço de a policiarmos, de lhe construirmos obras publicas, de a administrarmos, para que os inglezes possam lavrar as minas de ouro e navegar e commerciar livremente, melhor do que em sua casa d'elles, pois somos nós que pagamos as despezas de exploração.

Eis ahi onde levou a errada politica de seclusão, herdada das antigas tradições coloniaes! Por não termos querido aceitar a cooperação estrangeira em regiões que nós isoladamente não podiamos fructificar, vêmo-nos hoje na dura collisão de perder tudo, até a soberania, ou de sermos esmagados com despezas para a conservar!

Se a venda fosse operação compativel com a nossa situação politica, incontestavelmente seria melhor negocio vender Moçambique do que dal-a assim de mão beijada, ficando obrigados ainda por cima a correr-lhe com os gastos.

E em compensação dão-se-nos mais territorios, a nós que não podemos já com os que temos. É verdade que esses dois territorios nos extremos norte e sul da costa de Moçambique se reduzem a nesgas de areaes insalubres e estereis: um o do Rovuma que, diga-se de passagem, já era nosso, porque o regulo local se nos tinha submettido; outro, o do Pungolo, onde a

Inglaterra se limita a consentir que nos installemos, se podermos e quizermos.

Com relação á Africa occidental, tambem ha novas extensões, nas baixas apauladas que se estendem até ao Zambeze e ao Kabompo; deixando-nos duvidosa, senão perdida, a esperança de occuparmos a Lunda que o Estado-livre do Congo á ultima hora reclama para si.

E em Angola, e em Moçambique, por toda a parte, patenteamos as nossas colonias ás missões protestantes que ficamos obrigados a proteger; e á invasão das mercadorias inglezas, ou preceituando abertamente a liberdade do commercio e navegação, ou garantindo-a de facto, como succede em Angola, por meio do transito concedido através d'uma faxa littoral, nem sequer delimitada! E tudo isto funccionará sob o regimen de tribunaes arbitraes que constituem um verdadeiro condominio, e sujeitando-nos ao consentimento da Inglaterra, se quizermos dispôr do que se diz ser nosso, o que importa um verdadeiro protectorado. E tudo isto, que são convenções commerciaes, sempre temporarias nos tratados, fica estipulado *ad perpetuum!*

Esta positiva diminuição da soberania é a punhalada dada em cheio no coração portuguez; a franquia outorgada ás missões e á navegação e ao commercio apunhalam por igual a riqueza colonial nascente, no ponto de vista da economia metropolitana — em Angola com a lavoura e o commercio, em Moçambique com a lavra das minas.

Vimos como a perda do nosso poder maritimo determinou a perda do nosso imperio oriental; depois, como o termo da seclusão em que mantinhamos o Brazil foi a causa da sua separação. Agora, a concorrencia livre do commercio inglez na Africa occidental matará por completo, e a breve praso, o trafego já importantissimo entre Angola e Lisboa. Emquanto, para ir ao sertão, o commercio tinha de forçosamente submetter-se ao regimen de pautas protectoras, o trafego colonial vinha a Lisboa obter o beneficio da nacionalisação. Agora que, em transito, passam pelos portos as mercadorias inglezas, para que virão aqui incorrer nos gastos de uma viagem inutil? O commercio

de Angola transferir-se-hia em breve para Londres e Liverpool.

Assim o tratado, rasgando as cartas de fôro de um povo até aqui livre, ao mesmo tempo lhe rouba a esperança que era licito pôr em Africa para a sua regeneração economica.

Quando a India se perdeu, ficou o Brazil; quando se perdeu o Brazil, ficou a Africa. Perdida, que resta agora? Nada. O espaço obscuro de uma valla onde o cadaver portuguez irá jazer sepultado nos cemiterios da historia.

Por isso, e com razão, o instincto popular considerou este desastre semelhante ao de 1578. Dois annos depois, Portugal acabava.

*
* *

Todos os portuguezes, não obcecados pelo faceiosismo, nem inteiramente dominados pelo materialismo pratico, pensam que, nem a dignidade nacional, nem o interesse publico permittem a aceitação do tratado de 20 de agosto.

Póde affirmar-se que a opinião se pronunciou unanimemente contra elle.

Uma parte porém da opinião, senão a mais consideravel ou a mais judiciosa, nem por isso a menos cheia de impetos vehementes, entende que só a mudança de regimen ha de salvar Portugal, e que só o rompimento com a Inglaterra é conveniente n'esta hora angustiosamente solemne.

Vamos pois considerar este ultimo lado da questão.

Em primeiro logar, convem repetir agora a conhecida e sempre verdadeira lição de que as nações têm sempre o governo que merecem. No systema representativo em que vivemos, especialmente depois de terminado o nosso periodo de guerras civis, é absurdo imputar aos governantes, só, os males que nos affligem. O povo que os elege e os tolera é o principalissimo responsavel. Imputal-o porém ao monarcha, emquanto elle obedece aos preceitos constitucionaes, é o cumulo da iniquidade. Se por ve-

zes, com effeito, o throno, exorbitando, foi pedir auxilio á Inglaterra, como já dissemos; não é menos verdade que ainda nos tempos agitados das nossas luctas civis, mais de uma vez o throno sanccionou tambem actos positivos de hostilidade declarada a essa mesma Inglaterra. Se no seculo XVII a dynastia lhe pediu soccorro, se ainda isso se repetiu na crise do principio do seculo XIX: o facto é que desde 1834 a historia é outra, porque o rei apenas reina, são os ministros que governam, e é o povo quem faz os ministros por via dos parlamentos.

Ponhamos portanto de parte a responsabilidade do throno pelos actos dos ministros e dos parlamentos, que assim o manda o mais elementar bomsenso. Applaudamos, provisoriamente, a condemnação total e summaria formulada pelos republicanos, e por outros que o não são, contra as classes governantes. Depois? Pensa alguem, com dois dedos de juizo no cerebro, que a suppressão do throno supprime os homens e os seus vicios, fazendo brotar do chão outros portuguezes differentes do que somos? É insensato.

Tudo isto, porém, presuppõe a hypothese falsa de que nós podemos livremente dispôr dos nossos destinos. Não o póde talvez nação alguma da Europa, nos dias de hoje, engrenadas como se acham todas pelas condições da vida internacional. Menos do que nenhuma o podemos, porém, nós, encravados na Hespanha que nos cerca, e com a qual nos achamos em contacto cada dia mais intimo.

Na hora em que uma republica se proclamasse em Portugal, n'esse proprio instante transporiam a fronteira os exercitos hespanhoes. Ninguem contesta este facto; mas os republicanos allegam que na hora em que a republica se proclamasse em Portugal, proclamar-se-hia em Hespanha. *Quod erat demonstrandum.* E se assim succedesse? Qual seria a independencia d'esta republica de áquem do Caya, perante a de além? O regimen do dualismo, praticavel com a monarchia, é impossivel com a republica.

De fórma que a solução proposta, sem alterar os defeitos, os vicios, as molestias que se imputam ás classes governantes,

pois seriam os mesmos portuguezes a governar, importaria apenas a perda da independencia, quer a Hespanha viesse (como em 1834 e em 1847) intervir para repôr as coisas no estado anterior, quer a Hespanha sacrificasse a sua monarchia á satisfação de vêr a Peninsula unida sob a fórma republicana.

Contra estes argumentos póde haver declamações, invectivas, injurias: argumentos não ha.

Além de tudo isto, o motivo determinante do estabelecimento da republica seria o tratado; o fim, um rompimento formal com a Inglaterra. E depois? Depois, dizem, a França republicana dar-nos-hia as mãos e bateriamos a Inglaterra. Gente ingenua, que ainda crê em sympathias para determinar os actos politicos dos povos! Como investiria com a Inglaterra, por causa de nós, essa propria França que por causa dos seus proprios interesses se não atreve a fazer valer os seus direitos no Egypto! ella que até supportou a partilha de Africa, em que tambem a Inglaterra lhe deu o Sahará, guardando para si o valle fertilissimo do Niger!

Força é reconhecer, portanto, que se ha momento em que a implantação da republica seja a consummação da catastrophe, esse momento é o de agora. Perderiamos ao mesmo tempo as colonias e a metropole, resvalando de chofre na agitação da anarchia obscura em que morrem miseravelmente as nações apodrecidas.

E se em todos os casos a monarchia é o penhor da nossa independencia nacional, muito mais o é n'este instante em que sómente considerações de ordem conservadora poderão arrancar-nos das garras da Inglaterra.

Quererão as nações monarchicas da Europa continental precipitar Portugal n'uma revolução, a nosso vêr inevitavel, se o tratado fosse approvado. Consentirão em que, despojando-nos do patrimonio colonial, nossa esperança futura, nos precipitem, com os encargos que lançam sobre nós, no abysmo medonho de uma bancarrota? Sacrificando, como quasi sempre, ao dia de hoje o futuro de ámanhã; vendendo, como Esaú, a primogenitura por um prato de lentilhas, os nossos governos de-

certo padecem de myopia; mas a questão portugueza póde ser agora, como foi em 1828, o signal de uma commoção grave em todo o occidente europeu. Republicana a Hespanha unificada, o equilibrio actual da Europa estaria compromettido.

Considerações d'esta ordem sempre commoveram pouco a Inglaterra, cuja fortuna medrou constantemente com as desgraças do continente; mas se a não commovem os azares dos povos com cuja ruina póde lucrar, impressiona-se com as advertencias das nações poderosas cuja amizade não deseja perder.

Reflecte, por via de regra; e reflectindo, a Inglaterra ha de reconhecer que, garantindo-lhe nós a liberdade de navegação no Zambeze e o transito em Moçambique; estabelecendo no Chinde um posto nosso para as baldeações; facilitando aos seus *prospectors* o accesso ás regiões auriferas, e as concessões mineiras; mas deixando-nos ella absolutamente para nós a provincia de Angola com os seus sertões, e abandonando as pretenções que ultrajam a nossa dignidade de povo brioso ou diminuem a nossa soberania de nação independente — ha ainda campo para restabelecer relações pacificas.

Ha de reconhecel-o, acreditamol-o; porque os inglezes são sobretudo uma nação pratica, e não quereriam incorrer no desagrado das nações poderosas da Europa, por precipitarem, acaso toda a Hespanha, nos azares de uma revolução. Além d'isso, porém, e talvez ainda antes d'isso, está a circumstancia de que não é decerto provocando a nossa inimizade que melhor poderão penetrar no cubiçado interior d'Africa. Incontestavelmente nada podemos contra a Inglaterra na Europa; mas se, pelos sertões de Tete, ou do Zumbo, e no interior de Manica, os exploradores inglezes encontrassem em cada um dos nossos chefes sertanejos um inimigo armado, por cuja acção e represalias o governo portuguez jámais póde ser responsavel, desde logo haviam de reconhecer a conveniencia de transigir, até no seu proprio e exclusivo interesse.

Por todos os motivos, pois, acreditamos que se chegará a um *modus vivendi* reciprocamente aceitavel. O erro capital da nossa politica em Africa foi querer abraçar esse mundo com

ambas as mãos, sem dispôrmos de meios, nem para occuparmos, nem para explorarmos um continente. Agora, o erro da Inglaterra foi por seu lado suppôr, que a nossa fraqueza era já uma cachexia senil. Enganou-se. Emendemos cada qual os respectivos erros, e largos dias correrão ainda antes que nos acotovelemos no centro d'Africa. O mundo é largo ainda: não queiramos reduzil-os á estreiteza mesquinha de ambições mercantis, quando se trata da vida de um povo que agora mesmo, n'este seu generoso impeto, se mostra digno herdeiro das tradições dos seus maiores.

Spectator.

REALIDADES

DA

REVOLUÇÃO FRANCEZA

« Dans les révolutions l'autorité reste aux plus scélerats. »

DANTON.

I

O talento de exposição, a arte de pôr ao alcance de todas as intelligencias, de uma maneira simples e precisa, os mais altos e graves problemas de philosophia, fizeram com que em França, no seculo XVIII, as idéas avançadas dos philosophos inglezes penetrassem em todas as camadas sociaes. O que em Inglaterra era apenas restricto a um circulo de pensadores como Brolingbroke, Collins, Tyndal e outros, em França, graças ao trabalho habil de vulgarisação, corria as ruas: todos philosophavam, e todos se julgavam com direito de reformar a sociedade. Até Marat, o infeliz auctor da *Optica*, pensava ter resolvido todos os problemas humanos. Com aquella leviandade propria de intelligencias simplistas, com esse enthusiasmo pela novidade tão natural no gaulez (vidè Commtar. J. Cesar), a philosophia epicurista do seculo XVIII apossou-se facilmente dos salões onde as damas elegantes, as *amigas*, davam o tom, e collaboravam nas obras picantes dos Delille e Crébillon. Os espiritos fortes começam por escarnecer da Divindade, como o primeiro e natural impeço á philosophia elegante; depois nivelam o homem com a besta e, n'um crescendo destruidor, atacam o governo da monarchia e todos os governos, a religião

christã e toda a religião, a sociedade inteira com os seus ideaes politicos e moraes. Ficava apenas o homem livre, isto é, o homem com a plena liberdade para todos os seus instinctos; e reduzia-se a psychologia a um systema de sensações. O ideal da vida era o estado natural, a liberdade selvagem do prazer e da rapina; e Marmontel e Diderot convidam os francezes a imitar os *Incas* e os *Otaitianos*. O *Catechismo Universal* de Saint-Lambert ensinava que o homem «é um sêr sensivel e raciocinante e que, por esta qualidade, evita a dôr e procura o prazer». «Quereis vós saber (escreve Diderot no seu *Supplément au voyage de Bougainville*) a historia resumida de quasi todos os nossos males? Eil-a: havia um homem *natural*, metteu-se n'este um homem *artificial*, e creou-se assim uma guerra civil que dura toda uma vida... Se quereis ser o vosso tyranno envernizai-vos com uma moral contraria á natureza, embaraçai com mil obstaculos todos os vossos movimentos, cercai-vos de phantasmas que vos atemorisem. Quereis ser feliz e livre? Despi-vos de todos esses preconceitos». «Duas necessidades ou funcções (diz outro philosopho) resultam da constituição do animal, a nutrição e a evacuação. Podem os homens alimentar-se dos seus semelhantes? Sim, porque os sêres têm o direito de se nutrirem de toda a substancia propria a satisfazer as suas necessidades. Homem da natureza, segue o teu desejo, escuta a voz dos teus appetites — eis o teu unico guia. Sentes tu, em frente de uma mulher, correr-te nas veias um fogo de cubiça? Pois bem, ella pertence-te; as tuas caricias serão desde logo innocentes, puros os teus beijos. O amor é o unico titulo do gozo, como a fome é o unico titulo da propriedade». Helvetius (*De l'Esprit*) estabelece por base da moral o amor proprio: «a dôr e o prazer são as unicas molas do mundo moral; e o sentimento do amor de si mesmo é a unica base de uma moral util». O barão de Holbach (*Système de la Nature*) cheio de um materialismo ardente, conclama n'estes termos: «Ó vós, diz a natureza, que, pela impulsão que vos dou, vos inclinaes a cada instante para a felicidade, não resistaes á minha lei soberana, trabalhai pela vossa felicidade, gozai sem medo, sêde felizes!»

De uma semelhante concepção da vida e do homem deve resultar um estado social correspondente que se traduz nos habitos, nos costumes, nas maneiras, nos sentimentos, nas artes, na litteratura. O patriarcha Voltaire pinta assim a sociedade d'então: «Nada ha que se compare á dôce vida que ahi se leva no seio das artes e de uma volupia tranquilla e delicada... O coração amollece e dissolve-se como as plantas aromaticas se derretem dôcemente a um fogo brando, exhalando deliciosos perfumes». As ceias em casa do barão d'Holbach, as de Voltaire em Ferney e em casa de Mme Chatelet terminavam (diz um dos comparsas) *par une polissonnerie générale.* «Todas as vezes que as *amigas* trocam entre si expressões e phrases *sensiveis*, devem fazel-o com uma voz fina e languida; se se olham é amoravelmente, deixando pender a cabeça; e pela menor coisa abraçam-se com ternura. É de uso entre meninas elegantes enterneecerem-se, ter *faniquitos* ao chegar á presença de M. de Voltaire. Lançam-se nos seus braços, choram balbuciantes de amor e enthusiasmo». Em Chantilly, a duqueza de Bourbon vestida de Naiade e dôcemente reclinada nos braços do duque do Norte, á popa de uma gondola doirada, veleja, ás aromaticas brisas da tarde, até á ilha d'Amor; o principe de Conti faz de piloto; e a tripulação, gente da alta sociedade, vestida de trajes allegoricos, perde-se entre os braços de guapas *divas* de seios nús. Nos salões, nos theatros, em casa dos philosophos e até em Versailles, onde a rainha fazia o papel de Rosina no *Barbeiro de Sevilha*, representavam-se em meio de applausos delirantes a *Nicaisse* e *L'amant poussif*, de Collé! Para mais se embeberem n'essa atmosphera de corrupção, mãos delicadas transcreviam em papel assetinado os dithyrambos da *Pucelle.* «Em casa de minha avó (escreve G. Sand) achei pastas cheias de coplas, de madrigaes e satyras erúas. Queimei muitos d'esses papeis sem me atrever a lêl-os até ao fim, tão obscenos eram». Barère não se enganava quando dizia aos francezes nos turvados dias da Convenção: «Vós sois chamados a recomeçar a historia!»

Não era, porém, chegado ainda o momento decisivo. A in-

tima alliança da philosophia e da sensibilidade não podia só por si levar o povo francez a recomeçar a historia. Embora Voltaire escrevesse o *Essai sur les mœurs* para a edificação de Mme Chatelet, e Condillac o *Traité des sensations*, segundo as idéas de Melle Ferrand, o espirito publico, o geral dos homens, nunca é impulsionado por um principio dissolvente ou por uma força corruptora. E é util pensar-se n'isto. Só póde ser uma força nas sociedades humanas um ideal, verdadeiro ou não, mas que pelo menos traduza uma aspiração nobre.

Foi preciso, por isso, que as idéas tomassem um novo curso, direi mesmo um curso opposto, para que a França se lançasse na perigosa ideologia do feminino e hysterico Rousseau. Com Voltaire e Montesquieu só poderiamos esperar os males melhorados; com Diderot, Cabanis e Condillac, um Eldorado de sensações; Rousseau veio abrir-nos as portas do Paraiso cerradas para o pobre e para o fraco pela dureza dos homens. Reina a fome, reina o vicio, reina a prostituição, tanta miseria, tanta loucura, tantos horrores? A culpa é da sociedade, dos governos, do poderoso e do rico. Aqui está o *Emilio* bom, nobre, generoso, que a sociedade corrompe com os seus sophismas, que o egoismo dos seus semelhantes impelle ao mal. E partindo do singular para o plural, do individuo para a sociedade, Rousseau, o ingenuo, o bom, levado pela logica da utopia, condemna tudo em nome do amor e da justiça, e funda, sem o saber, o nihilismo moderno.

Alma delicada e sensivel, apaixonado e crente, poeta pela visão plena das coisas, ninguem sentiu como elle a causa fundamental dos males humanos. E por isso venceu os *philosophos*, seduziu as turbas, arrastou após si, n'uma onda de enthusiasmo, todas as almas ingenuas, que viam n'elle o seu messias. Eis como elle faz fallar n'um dos seus livros um homem rico a um outro pobre: « Vós precisaes de mim, porque eu sou rico e vós pobre: façamos, portanto, um accordo entre nós; eu permittirei que tenhaes a honra de me servir com a condição de dardes o pouco que possuis pelo incommodo que tenho de vos dominar ». « Os reis (diz elle em outro logar) e os seus delega-

dos só têm em mira firmar e estender o seu dominio, e tornarem-se cada vez mais despotas. As palavras *bem publico, felicidade dos subditos, gloria da nação*, tão pomposamente empregadas nos editos, não significam mais, do que ordens funestas, e o povo continúa a soffrer cada vez mais, a despeito dos governantes lhe fallarem nos seus cuidados paternaes». (*Disc. sur l'origine de l'inégal. Contr. soc.*).

Compare-se agora esta linguagem dilacerante e sentida, tendo um fundo de verdade e utopia, e capaz de operar ainda sobre cerebros os mais refractarios, com a eloquencia dos posteriores jacobinos, e vêr-se-ha porque se fez a revolução e como se fez, o que ella poderia ter sido e o que ella de facto foi. Na *France libre*, de Camillo Desmoulins, este heroe da Bastilha falla ao povo n'esta linguagem, que é a expressão concreta da Revolução: « Nunca prêsa mais rica se offereceu a vencedores! Quarenta mil palacios, castellos e os dois quintos dos bens da França, serão o premio do seu valor! » A linguagem do prazer e da philosophia elegante, que adquirira a uncção philantropica de Rousseau, descamba afinal com os homens de 89 e 93 n'essa torva eloquencia do roubo e do assassinato: Sois chamados a recomeçar a Historia!

II

Tal sociedade, taes idéas, taes costumes, deviam produzir raros exemplares humanos. De feito, homens e successos assumem n'essa época proporções estranhas. Carlyle viu claro; e foi o primeiro que viu, que a revolução oscillava entre o crime e o ridiculo, entre o sorriso de Voltaire e o furor de Marat. Ainda hoje a França no seu centenario é loucamente grandiosa na glorificação do trabalho, como então o foi no da liberdade. Ainda hoje, com uma republica aliás forte e prospera, Boulanger quer á viva força purificar a França de braço dado a Rochefort, o heroe das *brasseries*, como pretendiam Danton e Marat. Ainda hoje a *sciencia moderna* faz-se representar pela

torre Eiffel topetando com os céos, como no seculo passado a *Montanha Santa* pretendia symbolisar a maior época da especie humana. Infeliz destino esse o da sympathica França! Louca vertigem essa, que promette outra vez aluir os estados europeus e atrazar por muitos seculos a nossa civilisação!

Mas voltemos ao passado, estudemos os primordios d'essa gigantesca e sangrenta Farça, observemos detidamente as figuras monstruosas, assistamos compungidos ás paradas theatraes, aos delirios burlescos, para d'elles tirarmos uma lição proveitosa e duradoura. Custa a crêr que n'um periodo de plena floração scientifica, dos maiores progressos na mathematica, na physica, na chimica e na geologia, em todos os ramos do saber humano emfim, um bello povo se abandonasse a uma tão brutal desordem de idéas e de actos! Pois que! Dir-se-ha que cada conquista no campo da sciencia positiva vale por uma derrota no campo da dignidade moral! Pois Leibnitz, Newton, Bernouilli, Taylor, Maclaurin, Laplace e Descartes, brilhando nas mathematicas puras; Herschell, librando-se por esses mundos fulgurantes; Newton decompondo o raio luminoso, medindo a celeridade do som e precisando a fórma das ondulações; Sauveur, Chladni e Bernouilli estabelecendo os theoremas fundamentaes da acustica; Kraft e Lambert achando as leis do calor radiante, e Black a do calor latente; Scheele, Priestly, Stahl e Lavoisier fundando a chimica, e Hauy e Romé de Lisle a mineralogia; Buffon, Hurton, Werner, Grew e Lineo fundando a geologia; Réaumur e Spallanzani explicando o mecanismo da digestão, Lavoisier o da respiração, Prochaska o das acções reflexas e Haller as condições e as phases da geração; e emfim, todos esses philosophos, todos esses pensadores, todos esses sabios, que são a gloria e o orgulho da especie humana, arrancam á Natureza os seus mais preciosos segredos para que a França nos ensine que o homem é uma besta e a sua unica lei o gozo?! É em nome da Sciencia e da Razão, fundadoras da hierarchia e da ordem, que a França estabelece por base das sociedades a anarchia permanente, e préga aos povos a paz na ponta das bayonetas? A liberdade, que é o apanagio da con-

sciencia, póde acaso fundar o communismo, que ataca o direito da propriedade? A igualdade, expressão concreta da civilisação, funda-se jámais no regimen da força bruta?... Felizmente estas não podiam ser as causas reaes da revolução; não podiam e não o foram. «Notre révolution purement politique (dil-o Desmoulins) n'a ses racines que dans l'egoïsme et dans les amours-propres de chacun, de la combinaison desquels s'est composé l'intérêt général».

Duas, na realidade, foram as forças que actuaram nos animos: a philosophia materialista e o desequilibrio economico, o luxo de *poucos* e a miseria de *muitos*, o individualismo e o pompadourismo. D'este contraste, da miseravel choupana do camponez e a sumptuosidade de Versailles, veio o odio tenaz e sangrento, e d'ahi a Revolução. É esta de resto a causa de todas as catastrophes sociaes; porque não é na Natureza que está a ordem, mas nas idéas e no sentimento, reguladoras do equilibrio social e economico. E esse equilibrio não existia em França nas vesperas de 89. «Senhor (reclamava a communa de Champagne), todos os delegados que nos são enviados em vosso nome vêm sempre para nos arrancar os nossos já pobres recursos. Praza aos céos que o rei tome a peito a defeza do pobre camponez extorquido e tyrannisado pelos commissarios régios, pelos executores do fisco, pela justiça e pelo clero. A população rural dos nossos campos vive em horrivel miseria, sem leitos para dormir, sem moveis; durante seis mezes falta-lhes até o pão de cevada e aveia que constitue o seu unico alimento, e d'este pouco, d'este mesmo nada, elles se privam para pagar os pesados impostos». Este estado de coisas levou só a Normandia a revoltar-se nove vezes no periodo que decorre de 1725 a 1768. Accrescente-se á miseria a alluvião de impostos, o imposto directo real, o dizimo, os direitos feudaes e outros, que representavam uma percentagem de 81 francos e 71 centimos. Não só os impostos mas a desproporção, pois ao passo que os grandes proprietarios contribuiam para o thesouro com 1.450:000 libras, os pequenos, os desprotegidos, pagavam 11.636:000. Durante o periodo de dez annos, sob a administra-

ção de Necker, Fleury e Calonne, os emprestimos ao thesouro subiam a 1:630 milhões, os juros montavam em 1789 a 205 milhões além de 15.800:000 de despezas da divida e anticipações. O *deficit* annual, que em 1770 era de 70 milhões, subia a 80 em 1783. Quando o quizeram reduzir foi por meio de successivas bancarrotas, de 2 milhares no tempo de Luiz XIV e outro tanto no tempo de Law, o iniciador de todas as aventuras financeiras. O ministro Loménie, para fazer face ás despezas, gasta o producto d'uma subscripção particular para hospicios, e dos 400:000 francos que ficavam em caixa metteu no bolso 200:000 ao despedir-se do ministerio. Esta penuria, porém, não obstava a que se gastasse só com a Pompadour 36 milhões de libras, e que as estrebarias absorvessem por anno 6.200:000 libras! O povo gemia sob o duro azorrague do fisco, o pequeno proprietario era esmagado pela usura dos que lhe forneciam dinheiro, a divida publica com os seus encargos cada vez mais pesados, ainda que não chegassem a 50 por cento da receita, tomava proporções assustadoras e, como se isto não fosse bastante, os clubs e os jornaes vinham dizer ao povo que a Republica era o ocio e o gozo da riqueza dividida!

A alta sociedade, corrompida naturalmente pela riqueza e ainda mais pelo luxo, tinha a lisongear-lhe os appetites a doutrina aduladora dos que se diziam philosophos; a classe média quasi que se confundia com o povo pela mingua de recursos, tanto intellectuaes como monetarios; faltava apenas emocionar o grande inconsciente, o povo. N'esse sentido trabalharam os especuladores politicos, os revolucionarios, esses que nada tinham a perder, mas tudo a ganhar com a anarchia, com o terror. Já o epicurismo dos philosophos tivera em Voltaire, sobretudo, o seu mais poderoso auxiliar, e nada ha para curvar o caracter, para matar todo o sentimento digno, para tornar os homens um rebanho de miseraveis como esse systema de philosophia positiva, que faz do estomago o centro do Universo. Foi elle, o *demonio encarnado*, que com a ironia, nunca d'antes vista, levou das consciencias o escrupulo, arremessando para o charco do ridiculo todos os symbolos antigos. Que faltava mais?

Nada, absolutamente nada. De um lado estava a aristocracia enervada e flaccida pavoneando a sua insultante riqueza; d'outro, o povo ignorante, agora ávido do prazer tambem, aguilhoado pela fome, fortemente solicitado pela miragem do Eldorado que Rousseau phantasiára n'um momento de sensualismo mystico. D'ahi esse antagonismo entre o rei e o povo, a aristocracia e a plebe. No fundo só havia isto: a Riqueza e a Pobreza, que se iam combater sob bandeiras mais ou menos pomposas — Liberdade, Fraternidade, etc. Era, com effeito, a guerra da cubiça contra um monturo de ouro. Foi essa guerra, a unica que sempre subsistirá, a que vai armar os braços dos mais terriveis homens de que reza a Historia. Conhecer, pois, esses homens, chefes da Revolução, o mesmo é que definir o seu caracter e o seu fim. E em primeiro logar está Danton, o *cyclope*, o *Plutão da eloquencia*.

Unico d'entre todos dotado de uma rara habilidade politica, comprehendeu logo que o seu palco devia ser mais amplo que o dos Cordeliers, e que para subir, vencer, empolgar a França nas suas robustas e plebeas mãos, havia um só caminho, um unico meio e este seguro: « de l'audace et encore de l'audace et toujours de l'audace ». É por ella que Danton triumpha e impera; é por ella que vibra os golpes mortaes de 10 de agosto, de 2 de outubro, de 31 de maio e 2 de junho no *comité* da salvação publica. Elle negoceia a retirada pacifica de Brunswick, elle trabalha para desligar a Prussia da coalição, elle obtem a alliança da Suecia, elle estabelece as bases do tratado da Basilea, elle até procura salvar o rei! Porque? Talvez Danton o não soubesse, e essa febre se explique pela sua vontade de triumphar e não pelos desejos que tinha de fazer vingar o ideal da republica. Na sua actividade phenomenal, na sua audacia taurina devia entrar por muito o seu temperamento sanguineo. Robusto, com um aspecto de luctador, a sua voz possante, de selvagem indomavel, fazia-se ouvir a cincoenta passos na rua com as janellas fechadas. Sobre uns hombros largos, fortes e movediços assentava-lhe a cabeça, quasi redonda, cheia de sangue e de força como a do

touro farpeado. No rosto bexigoso e convulso, de *bull-dog,* dois olhos pequenos e redondos, quasi encobertos pelas palpebras entumecidas, dardejavam o fogo da ambição e a furia da posse. Rugindo nos clubs e nas assembléas, vociferando imprecações na prisão, Danton, que é o symbolo e o typo mais perfeito da revolução, caminhou convulso e espumante para o cadafalso. — Não se póde cantar? perguntou ao seu carrasco Samsão. E canta:

Nous sommes menés au trépas
Par quantité de scélérats,
C'est ce qui nous désole.
Mais bientôt le moment viendra
Où chacun d'eux y passera
C'est ce qui nous console.

Danton era um pobre advogado em Champagne a quem o sogro soccorria com um *luiz* por mez. Mais tarde foi espião dos jacobinos ao serviço da côrte, de quem recebeu 30:000 libras...

Marat, o infeliz medico das cavalhariças do conde d'Artois, com pretensões a sabio, é uma outra especie de homem. A sua figura inspirava asco e a sua alma horror. Shakspeare entrevira esse typo convulsivo da malvadez no Macbeth: *I have supped full with horrors!* Quando na sessão de 25 de setembro de 1792, durante a Convenção, o terror de si mesmo lhe ditára estas palavras: «J'ai dans cette assemblée un grand nombre d'ennemis personnels» — todos se puzeram de pé gritando-lhe: «Tous, tous!» A lividez do seu rosto; o vestir desordenado e porco; o olhar de uma fixidez de illuminado, como se visse espectros em redor de si; os seus gestos curtos, rapidos e sacudidos, tão tormentosos como as suas idéas; o seu andar feito de saltos, como de quem tropeça e tem necessidade de fugir de si (andar tornado ainda mais brusco pela constante comichão das empigens que lhe cobriam o corpo), tudo n'elle, emfim, denunciava um homem empolgado pelo delirio da ambição. Curto de pernas e de idéas, era largo no radicalismo, e

descommunal no crime. Para elle havia só um meio de regenerar a França: matar, e ainda matar e sempre matar! Dessem-lhe um punhado de napolitanos armados de punhaes, duzentas e setenta mil cabeças decepadas pela guilhotina, e veriam como se implantava a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade! « Voici le moment de faire tomber les têtes des ministres et de leur subalternes, de Lafayette, de tous les scélérats de l'état majeur, de tous les commandants anti-patriotes des bataillons, de Bailly, de tous les municipaux contre-révolutionnaires, de tous les traîtres de l'Assemblée nationale ». Marat era filho d'um apostata hespanhol, dr. Juan Mara, casado com uma genoveza, e morreu ás mãos d'uma mulher.

Robespierre com Danton e Marat fórma a terceira face da Revolução. Este é a ideologia bordada de manhas, o rancor, a ambição, vasados em moldes rhetoricos d'um pedantismo chôcho. Tudo é ritual n'este Lama da Revolução, desde o cabello alinhado e a sobrecasaca formalista até á prosa bem adjectivada e repleta de mysticas prosopopeias. Adular a plebe, mostrar-se victima, chorar, lamentar-se, eis a grande arma d'este Tartufo. « J'ai un cœur droit, une âme ferme, je n'ai jamais su plier sous le joug de la bassesse et de la corruption. Qui suis-je moi qu'on accuse? Un esclave de la liberté, un martyr vivant de la République, la victime autant que l'ennemi du crime ». A sua vaidade não desce ao ridiculo do seu adversario, que se assignava « d'Anton » em escripturas publicas, nem a sua lingua possue a aspereza viperina de Marat.

Elle é o *incorruptivel*, e Madame Chalabre offerece a mão e 40:000 libras de renda a este seu anjo tutelar, *ma divinité suprême!* Povo e Republica, eis os seus adorados idolos; e Povo e Republica era elle, sêr de vaidade reprimida, de hypocrisia amaneirada e ductil, mixto de reptil e hyena. No seu discurso de 21 de abril de 1793, falla assim do primeiro: « Le peuple est le souverain, le gouvernement est son ouvrage et sa propriété, les fonctionnaires publiques sont ses commis. Le peuple peut, quand il lui plaît, changer son gouvernement et révoquer ses mandataires ». E que eloquencia elle desenvolve,

que estylo, que redundancia, que extasis, mão no peito, o olhar em alvo, parando, medindo a impressão da phrase, saboreando-se n'uma delicia de rhetorico sybarita. « O vieillesse honorée! O généreuse ardeur des enfants de la patrie! O larmes délicieuses des mères attendries! O joie naive et pure des jeunes citoyens! O charme divin de l'innocence et de la beauté! O majesté d'un grand peuple heureux par le seul sentiment de sa force, de sa gloire et de sa vertu! » (disc. 8. thermidor). E, depois, pezaroso e suspirante, como quem mede o sacrificio e avalia o perigo, n'uma voz surda, monotona e rouca, de quem em vão préga o bem, o amor e a virtude, prosegue quasi desfallecido: « Je suis certain de payer de ma tête les vérités que je viens de dire... » Vêde-o agora no palco, nas theatradas da Convenção, nos dias do seu triumpho, no seu solio pontifical. Pomposo e solemne, de casaca azul-celeste, calça de ganga, cinta tricolor, chapéo de penachos, Robespierre, á testa da Convenção, marcha grave e cadenciado com a cornucopia da Abundancia na dextra, na sinistra o symbolo da Paz e, alçando o gesto pontifical, lança fogo ao véo que cobre o Atheismo e descobre a estatua da Sabedoria. Salvas, musicas, córos de levitas entoando o novo *hosanna* reboam nos ares, e a geração revolucionaria, ferida de assombro e respeito, escuta silenciosa o seu novo oraculo: « Voilà la plus intéressante portion de l'humanité! O nature, que ta puissance est sublime et délicieuse! Comme les tyrans doivent pâlir à l'idée de cette fête! » Succede, porém, que Lecointre não querendo tomar aquillo a sério, ri-se da farça e do farçante. Insultar Robespierre! profanar o incorruptivel! E Robespierre desceu do estrado, livido, sêcco, offegante, terrivelmente irritado contra a impiedade. Para onde vai? quem tocou no *ungido* do Senhor?... Curvam-se os sacerdotes, afasta-se o povo, a guarda nacional faz as continencias, e Robespierre, dos seus dubios olhos verdes, dardeja contra os profanos os relampagos da ira santa. Caminha, entra e, com Couthon ao seu lado, redige e faz votar de assalto a terrivel lei de 22 *praisial*, que punha á sua disposição a vida de todos os cidadãos! *Quos ego*...

Se dos discursos pomposos passarmos á eloquencia dos factos, das festas burlescas á sedenta guilhotina, dos homens da Constituinte e da Legislativa aos da Convenção e do Comité da salvação publica, por mais imparcial que deva ser o critico, o horror assombra o pensamento, o tedio paralysa a penna. Quanta razão tinha madame Roland ao exclamar: Oh Liberdade, que de crimes se não praticaram em teu nome! Nem o delirio da Fé nos sectarios, nem o furor da posse nos Barbaros, nem a sordida animalidade dos Orientaes deixaram quadros tão torvos e ensanguentados como os d'esta Regeneração. Nunca os formidaveis idolos do Paganismo tiveram cultos mais orgiasticos e sangrentos, e os sombrios sacerdotes de Baal ou de Moloch jámais excederam estes levitas da Razão. E a tudo isto se convencionou chamar o Direito e a Fraternidade, a maior época da especie humana! Vêde essa bella França, a primogenita de entre as nações civilisadas, a gloriosa patria de Bossuet e Fénélon, a aristocratica por excellencia, calcada a pés juntos por uma horda de scelerados! O salão convertido em pocilga, forçadas as donzellas, cuspidos os altares, o incendio, o roubo, a carnificina, ondas de sangue e de violencia brutal rompendo, galgando d'um extremo ao outro. Cem mil francezes expulsos da sua patria, seiscentos e oito mil encarcerados, dezesete mil condemnados á guilhotina, e entre os quaes se contavam mulheres, creanças e octogenarios; quarenta mil cadeias e mil e duzentas prisões atulhadas de gente; sete mil e cento e vinte milhões desbaratados em quatro annos e meio; sabios como Lavoisier e Bailly, o delicado poeta Chénier, jurisconsultos como Etienne Pasquier, Lefèvre, Lamoignon, arrancados á vida. Bordeaux diminuia em $^1/_{12}$ da sua população, Reims $^1/_8$, Chamberi $^1/_4$, Rennes $^1/_3$, Argenton-le-Château $^2/_3$, Bréssuire, possuindo apenas seiscentos e trinta de tres mil, Lyon oitenta mil de cento e trinta mil habitantes — eis o saldo da Liberdade, Igualdade e Fraternidade prégada aos povos! E quem são esses homens que dominam a França e pretendem dar leis á Europa? Triste é dizel-o. Bandidos uns, scelerados outros, corruptos todos. Sombrio e tragico bando esse dos Santerre, Saint-

Just, Legendre, Carra, Huguenin, Rossignol, Barbaroux, Fréron, Henriot, Hébert, Marat, Robespierre, Couthon, Dumont, Carrier, Gasabeau, Tallien e tantos e tantos de sanguinolenta memoria. « Je ne crois pas (escrevia o barão Brinckman, embaixador da Suecia) que les différentes classes de la société soient plus corrompues en France qu'ailleurs; mais j'ose espérer que jamais un peuple ne sera gouverné par la volonté de scélérats plus imbeciles et plus cruels que la France ne l'a été depuis le commencement de sa nouvelle liberté ». Brissot, auctor d'um livro obsceno (*Le Diable dans un bénétier*), tendo recebido, em 1783, 13:335 francos para fundar um escóla em Londres, fica com essa quantia. Carra tinha sido condemnado pelo tribunal de Macon por furtos e roubos; Saint-Just, auctor d'um poema no genero da *Pucelle*, rouba á mãe uma baixella de prata e vai viver entre *divas* na rua Fromenteau; Dartigoyte, o sardanapalesco Dartigoyte, depois de ter insultado todas as senhoras n'um theatro em Auch, põe-se nú no seu camarote; Carrier, em Nantes, apropria-se da casa d'um cidadão, e estabelece n'ella o seu sumptuoso serralho; Collot d'Herbois, em Lyon, assistia aos supplicios, á mesa de jantar entre estalos de champagne e beijos de prostitutas. E assim eram os mais, assim todos.

Estes são os homens que, embora maus, consciente ou inconscientemente, pugnavam pela Justiça! Consola-nos, porém, vêr que no mar revolto das paixões ha sempre uma corrente de verdade e justiça, que é um grito e um documento da superioridade humana. Os conscientemente desgraçados, os malditos da honra e reprobos da verdade, são sempre poucos, mercê d'essa centelha divina que em nós habita. Por isso, e mais ainda devido ao conflicto que em nós se dá, o crime torna-se uma loucura, um frenesi: *abyssus, abyssum invocat!* É d'esta fatalidade physiologica que vêm os suicidios ou o suicidio da alma, que é a confirmação na mentira e no odio tão bem personificada no Satan de Milton: « evil be thou my good! » É ainda por isso que se depara em muitos dos vultos da Revolução esse riso terrivel dos condemnados, que é o desespero, a maldição da mentira.

Citemos alguns factos comprovativos. A 12 de julho Desmoulins annuncia n'um dos clubs de Paris uma Saint-Barthélemy dos patriotas. N'esse mesmo dia e no seguinte pelos *faubourgs* Saint-Antoine, Saint-Honoré e Saint-Jacques «des brigands armés de piques et de batôns se portent partout en plusieurs divisions, pour livrer au pillage les maisons». Proximo, as portas dos Lazaristas tinham sido arrombadas, e d'ahi aos gritos de —«á Bastilha, á Bastilha!»—o bando heroico rolou até ao inexpugnavel reducto da Tyrannia. D'entre essa onda de gente, que ia arrazar o velho Despotismo symbolisado pela Bastilha, destaca-se «un nombre de femmes élégants, et de fort bon air qui avaient laissé leurs voitures à quelque distance!» Um dia, na Assembléa Constituinte, apparece Anacharsis Clootz seguido de sessenta homens, vestidos com os costumes de quasi todos os povos, indios, turcos, chins, e apresenta-se como supremo representante do genero humano. A Assembléa, commovida por essa espontanea fraternisação das linguas e dos povos, admitte ás honras da sessão o embaixador! Clootz discursa e a Assembléa ouve: «Dieu débrouilla le cahos primitif; les Français débrouilleront le cahos féodal; Dieu est puissant et a voulu; nous sommes puissants et nous voulons... Plus le théâtre de la guerre sera grand, plus le procés des plébéiens contre les nobles sera terminé promptement et heureusement. Il nous faut des ennemis... la Savoie, la Toscane, et vite, vite!» Ninguem se riu, nem um murmurio perturbou o embaixador!

N'um outro dia, a 20 de junho, um cortejo de oito a dez homens capitaneado por Huguenin, Santerre e Saint-Huruge desfila pela sala. Ao meio, um d'elles levava na ponta da lança este distico — *Vivent les sans-cullotes*—e um outro n'uma forquilha o coração d'um bezerro—*Cœur d'aristocrate.* Huguenin lê e a Europa escuta: «Le peuple le veut ainsi, et sa tête est l'arbre généalogique de la nation et devant cette tête robuste, le faible roseau doit plier».

O patriota Palloy organisa a festa de 10 d'agosto de 1793 que custou á França 1.200:000 francos, além das despezas feitas com os setecentos delegados que vieram da provincia. Na

praça da Bastilha ergue-se a colossal estatua da Natureza deitando pelos peitos a *agua regeneradora.* O presidente Hérault enche a taça, liba, e passa aos oitenta e sete decanos, representantes dos oitenta e sete departamentos, o symbolo augusto da confraternisação universal. Depois, caminham todos, cada um com bandeirola e o nome dos respectivos departamentos, solemnes na sua faxa tricolor, ao som do tambor, dos clarins e do ribombo dos canhões, até ao campo de Marte. Ahi vão os delegados formando em circulos concentricos a *Montanha Santa,* do alto da qual o presidente, curvando-se, lhes entrega a Arca contendo a acta constitucional e o recenseamento dos votos, ao tempo que vai colhendo n'um feixe as lanças — symbolo da Republica unica e indivisivel. Nunca os povos se reuniram «pour célébrer la plus grande époque de l'espèce humaine!» Que importa que a fome e a guerra dizimem os francezes? «Périssent cent mille fois les 25 millions de français plutôt qu'une seule fois la république une et indivisible!»

A melhor porção da humanidade assim fortalecida e refeita, não contente nem com a Igualdade, nem com a Fraternidade, nem com a Liberdade, vai agora fundar o culto da Razão, a ultima, a exclusiva conquista da Republica. Pelos dias de 20, 22 e 30 brumario, magotes de bandidos entrelaçam-se pelas ruas a desenfreadas rameiras, aos uivos da Carmagnole — *ah! le bel oiseau.* Param aqui uns de mitra e baculo arrastando pelos braços bacchantes de seios nús; alli, ao pé d'uma taverna, com o calix a transbordar de aguardente e vestidos de paramentos ecclesiasticos, parodiam outros a missa; mais além, grupos de megeras arrastando sumptuosos vestidos preparam o banquete de sardas fritas em patenas de ouro! Refeitos, caminham em jericos mitrados, tendo em vez de redeas estolas, por selim douradas dalmaticas, vomitando e cantando. Chegam, e tudo aquillo desfila pela sala da Convenção. Nota-se a graça com que este imita um certo bispo levando solemnemente erguida a sagrada pyxide, como aquelle garganteia em lingua bunda a musica dos psalmos; e, quando em meio do zurrar dos sacros jumentos e do gargalhar das bacchantes cahem as mas-

caras e se descobrem os uniformes nacionaes, os membros da Convenção, commovidos, descem e apertam as mãos aos novos levitas da Razão.

Á tarde organisa-se em Notre-Dame a festa grandiosa, o novo culto da Humanidade. Uma actriz de gorro vermelho e saiote rompe o prestito á guiza de David. No côro da igreja ergueram um novo templo feito de pranchas e papelão. Na nave, sacerdotisas *presque décullotées, le col et la poitrine nues*, entoam a antiphona da nova liturgia *en hurlant la Carmagnole.* Sobre um monticulo de verdura a Razão, branca como a Belleza e núa como a Verdade, recebe entre nuvens de aromas o culto dos fieis, que vão depôr aos pés d'uma das *habituées* das ceias do duque de Soumisc o preito da sua fé ardente e pura. Já o crepusculo religioso da tarde vinha descendo das abobadas, amorteciam os cantos, expiravam os cirios, desvaneciam os aromas, e nas capellas lateraes á luz da razão tragicas rameiras *font des lupanars avec des cris aigus !...*

Com uma tal liberdade, uma tal philosophia e um tal culto o homem do seu estado civilisado devia passar a ser uma fera. Ponham-se embora de parte os crimes politicos que a paixão sincera póde mas não deve desculpar; esqueçam-se ainda os martyrios inquisitoriacs do *Grand-Cesar, Saint-Vicent, Bel-Air* e outras prisões; fechem-se embora os olhos aos altares cuspidos e ás blasphemias impotentes contra a Divindade; o que porém entristece e humilha é a furia jovial e o *aplomb* sinistro com que se commettiam as mais deshumanas atrocidades. Não seria exaggero dizer-se que nenhuma revolução, nem mesmo as commoções religiosas, que são as peores, deixou de si tantos documentos de insania como a da França. Citemos mais alguns factos.

Guillin-Dumontel, em tempos capitão d'um navio mercante e depois commandante no Senegal, vivia retirado no seu castello de Polegmieux em companhia de sua mulher, dois filhinhos e suas irmãs, ao todo dez pessoas. Era bom e bemfazejo, mas rico. Tanto bastou para que na manhã de 26 de junho de 1791 visse a sua casa cercada de gente furiosa, que brandia

fouces. Arrancaram-no de casa, deceparam-lhe a cabeça, e o seu corpo, feito em pedaços, distribuiram-no pelas povoações. Muitos « trempent leurs mains dans son sang et s'en barbouillent le visage... *quelques-uns, saisis par la gendarmerie à Chasselay, avaient fait rôtir l'avant-bras du mort et le dévoraient à table* ». Damiens, d'um só golpe, abre o peito de Lalenn, arranca-lhe o coração e leva-o em triumpho agarrado aos dentes. Na rua Saint-Antoine outro selvagem passeava o coração da pobre Madame Lamballe na ponta d'um chuço... A penna recusa contar tantas atrocidades.

III

Indicámos até aqui as causas remotas e proximas da Revolução, tanto quanto nos permittiu este limitado estudo, e formamos d'ella uma idéa sob o duplo ponto de vista historico-social e moral. Falta-nos agora examinal-o debaixo de outro aspecto, estudar o seu lado pratico, os seus resultados politicos e economicos. Desculpar-se-iam á Revolução, como querem os seus defensores, todos os erros, todas as demasias e até todos os crimes, se porventura ella tivesse contribuido para um resultado pratico. Longe d'isso. Não ha na historia exemplo de assembléas legislativas que desconhecessem tanto as noções mais elementares do direito commum, da propriedade, da economia, de tudo emfim que faz com o homem um todo natural e evolutivo.

É com justa razão, por isso, que o snr. Molinari attribue á Revolução apenas duas conquistas, o codigo, em parte, e o systema metrico — o que é pouquissimo não só perante os sacrificios e perdas por que passou a França, mas perante a petulancia com que se pretendeu remodelar pela base todo o trabalho humano sem afinal alterar um ápice do que existia.

Se se fallar na salutar interferencia do povo na administração da coisa publica, nas bellezas da liberdade do voto, no suffragio universal, póde-se responder que foram conquistas essas que os factos se encarregaram de reduzir a mesquinhas pro-

porções. Os politicos gostam d'esses sophismas com que se arma ao effeito; mas a crúa realidade vem ensinar-nos o que realmente valem esses romanticos ideaes. Nós com a nossa *sciencia moderna*, que fazemos a physiologia e a anatomia do espirito, concordamos todavia com visivel enthusiasmo em que todo o homem tem a completa capacidade de poder e saber escolher os melhores e mais sabios governantes! A propria França que assim pensou no momento mais solemne da sua vida politica, isto é, no momento em que affirmava os *direitos do homem*, veio dizer-nos que n'essa época (1790) sobre 81:200 eleitores se abstiveram de votar 67:200, chegando a não votar 74:000 em 1791. (Veja-se para épocas posteriores o excellente folheto *Suffragio Universal* do snr. Taine).

Não nos enganemos. A liberdade da consciencia não é um direito, é uma condição; não é uma conquista, está na propria natureza moral do homem. Quem póde *querer* é necessariamente livre, embora essa faculdade não tenha uma representação concreta. E, se quizermos mesmo tomar as coisas exteriormente, como ellas parecem e não como de facto são, a Allemanha de Luthero, a Inglaterra puritana de Cromwell e até o Novo-Mundo de Washington, para não fallarmos dos gregos, romanos e até dos barbaros, antecederam á França no que exclusivamente se attribue a ella. A divisão da propriedade (cujo valor economico não nos cabe discutir agora) que geralmente se lança á conta dos beneficios provenientes da Revolução, já era notada nada menos de vinte annos antes das famosas leis da Constituinte. (Vidè Arthur Yong, Relat. de Colbert e Turgot em Taine, Tocqueville e Molinari).

Por mais que nos demos ao trabalho de indagar qual o bem que nos adveio da Revolução, não chegamos a descobril-o. Ella nem ao menos aboliu a pena de morte. Todos os seus apologistas nos fallam apenas em coisas abstractas: *words, words, words!* Enganam-se tambem os que pensam que a Republica é um advento infallivel na marcha politica das instituições. Em primeiro logar as fórmas de governo não obedecem a leis physico-biologicas, mas sim a leis moraes, porque não são pro-

ductos naturaes, são creações da intelligencia. Quem *vê* que a razão da Republica é o individualismo, não póde admittir que a sociedade, na sua marcha progressiva, caminhe para esse ideal, para esse principio, que é a negação da Familia e do Estado, e por conseguinte da propria Civilisação.

Pelo fructo se conhece a arvore; e é pelos seus fructos que conhecemos a arvore da Revolução.

Se as leis de 21 de março e 5 de outubro fossem postas em pratica, a França teria tido em vez de 21:500 *comités* revolucionarios 45:000, custando 591 milhões; isto é, a administração publica despenderia 100 milhões a mais do que no tempo da monarchia. Pelos decretos de 8, 12 e 24 de agosto de 93 e pelo de 24 de julho de 94 o *regimen da liberdade* confiscava ás communas, aos estabelecimentos de caridade e até ás sociedades litterarias todos os seus bens. Não admira. Coffinhal tinha já dito triumphantemente a Lavoisier: « la République n'a pas besoin de savants! » A revolução e a guerra, no curto espaço de quatro annos e meio, custaram á Republica 7:121 milhões, o que equivale ao triplo de despezas no antigo regimen. O thesouro que no tempo da monarchia obtinha dinheiro a juros de 6,5 e 4 p. c. ao anno, só o conseguia sob a Republica á razão de 5 p. c. *ao mez,* chegando em 1796 a custar 6 a 8 p. c. Uma sacca de trigo que d'antes se vendia a 50 francos custava em maio de 93, 100 a 150 francos; o pão de 3 soldos a libra importava em 6, 10 e 12; a carne em vez de 6 soldos a libra, passa a custar 20; o assucar de 20 soldos sobe a 4 francos e 10 soldos. Em agosto de 94, o papel-moeda perdia 66 p. c.; 72 em outubro, e em dezembro 78. Em 11 de março de 1795 um luiz em ouro vendia-se em papel-moeda por 205 francos; em 11 de maio por 400; em 12 de junho por 1:000; em outubro por 1:700; em 13 de novembro por 2:850, chegando a vender-se por 19:000 francos seis mezes depois. Portanto o papel-moeda de 100 francos valia em junho de 1795, 4 francos, em agosto 3; 15 soldos em novembro e afinal 5 soldos! Proporcionalmente, em 1796, comprava-se por 50 francos em papel-moeda uma libra de pão; a carne custava 60, um alqueire de batatas 200, uma garrafa

de vinho 100! Com a fome e a guerra, que de 1792 a 1800 tinham dizimado um milhão de francezes, a mortalidade que era de 1 para 30 (o que dá para 26 milhões de habitantes 866:666 mortes), quasi que triplicou nos annos II, III e 1.º semestre do IV. Só em Paris no anno IV morrem 2:907 expostos sobre 3:122. Os mendigos percorriam em bandos a cidade, verdadeira leva de vagabundos que a fome, a falta de trabalho, a anarchia e a violencia na administração publica vasavam dos campos sobre Paris, onde a Republica celebrava a maior época da especie humana! «Un silence morne, une détresse concentrée peinte sur tous les visages, la haine la plus caractérisée pour le gouvernement en général développée dans toutes les conversations... les denrées de toute espéce augmentant de prix soixante fois par heure... les maisons de commerce transformées en cavernes de voleurs; les fripons devenus commerçants; la cupidité la plus sordide, l'égoïsme le plus mortel: voilà le tableau de Paris». D'ahi nos mezes de germinal, prairial e messidor sedições populares em Evreux, Dieppe, Verviens e Lille, e em quasi todos os departamentos. «Si le régiment d'Aunis (mandava dizer o directorio de Calvados) ne nous est pas rendu sur-le-champ, s'il n'est pas pris de mesures efficaces et promptes pour nous procurer une force publique, nous abandonnerons tous un poste, où il ne nous est plus permis de tenir au milieu de l'insubordination, de la licence, du mépris de toutes les autorités, et conséquemment de l'impossibilité absolue de remplir les fonctions qui nous sont confiées». Não era este o regimen da Paz e da Abundancia? Não é este o governo sob o qual até as mulheres paririam sem dôr, segundo a phrase pittoresca de Daird? Que importava, pois, que do Palais-Royal sahissem de braço dado ás Théroigne e ás Chabray os novos prophetas da Razão calcando o Despotismo e topetando triumphantes com as estrellas? «Citoyennes, êtes-vous bonnes républicaines? — Oui, oui, notre général. — N'auriez-vous, par hasard, caché dans vos cabinets quelque prêtre réfractaire, quelque Autrichien, quelque Prussien? — Fi, fi, nous ne recevons que de sans-cullotes».

Mas aboliram-se os dizimos e os direitos feudaes, dizem.

Engano, diz o snr. Molinari; apenas se lhe mudaram o nome e crearam-se impostos ainda mais onerosos. Assim, a *taille*, as *vingtièmes*, o direito *marc d'or*, que se pagava para exercer o commercio e a industria, foram substituidos pelos *patents;* o direito de *contrôle* foi substituido pelo do *timbre;* os *aides* chamaram-se contribuições indirectas; a *gabelle*, o odioso imposto de sal, e o *octrois*, abolidos ao principio, reapparecem para breve sob o titulo *d'octrois-de-bienfaisance;* as *corvées* ficaram supprimidas, mas os camponezes tinham que pagar em generos o equivalente; o imposto sobre a propriedade, a *taille*, de que estavam isentos os nobres na razão de 15 milhões em um total de 91 foi supprimido é verdade, mas em compensação a *contribuition foncière*, que é o equivalente d'aquelle, triplicou 242 milhões e meio de francos, dos quaes 120 milhões em centimos addicionaes! Os impostos directos, que tanto affligiam os novos legisladores e de cuja regular percepção tanto depende o thesouro cobravam-se já regularmente no tempo de Turgot; mas os *droits-réunis*, que os substituiram, sabem-no todos quão odioso se tornaram sob o primeiro imperio.

A actividade livre foi restringida, como nunca, por uma série de monopolios e de privilegios, tanto financeiros como industriaes. O commercio externo que, graças ao tratado de 1786 entre a França e a Inglaterra, sommava (importação e exportação) em 1787, 88 e 89 — 991, 983 e 1:018 milhões de libras respectivamente, desceu, devido ás medidas restrictivas e attentatorias da liberdade do commercio a 611 milhões em 1815, e levou trinta e seis annos para voltar ao seu antigo nivel!

Não só a decadencia do commercio, que é o fiel da balança economica, mas as despezas do orçamento foram crescendo fabulosamente depois da revolução, emquanto a população indicava um augmento menor que o normal. O commercio decahia, como vimos, e com elle a riqueza publica; mas as despezas pelos varios ministerios subiam em 1801 de 835.223:000 de francos a 3.770.000:000 — mais do que o triplo no tempo da monarchia.

Afinal — « Le servage militaire, qui était en voie de dispa-

raître sous l'ancien régime (escreve o snr. Molinari) a été rétabli et généralisé avec les exceptions du remplacement et, plus tard, du volontariat qui, en le rendant plus léger pour la classe gouvernante, au sein de laquelle se recrute presque exclusivement, la hiérarchie militaire à appointements, en alourdissent le poids pour la multitude. Cette rétrogression dans le régime du servage suffirait seule à balancer toutes les réformes progressives, ou pretendues telles, que l'on a coutume de mettre à l'actif de la révolution».

Não será licito perguntar depois do que vimos expondo qual o beneficio que adveio á França e á Europa d'essa apregoada conquista sobre o despotismo feudal? d'essa liberdade que foi o maior dos despotismos? d'essa igualdade que roçou pela bestialidade? d'essa fraternidade que foi a guerra entre irmãos, e o exterminio e a rapina levados a todos os povos europeus? Esse beneficio será por acaso o regimen de anarchia permanente em que vive a França desde que proclamou a guerra contra o throno e a igreja?

Nada, por isso, caracterisa tão bem a Revolução como o homem que d'ella nasceu. Conhecer Napoleão, é definil-a. E Napoleão foi um genial bandido. Do ventre revolto da França sahiu este seu filho, o maior, uma combinação hybrida do genio gaulez e transalpino que, arrancando á incendiada França um facho rubro d'entre os seus destroços, correu a Europa toda como uma onda de fogo rompendo, lambendo, destruindo. Guerra e rapina — eis a glorificação do regimen da liberdade, igualdade e fraternidade. E guerra e rapina quer dizer barbarismo. O que os exercitos de Bonaparte arrancam ás nações invadidas, constitue o roubo mais formidavel das idades modernas. Á Belgica, Hollanda, Allemanha e Italia — em dinheiro 655 milhões; em saques de objectos de ouro e prata — 305 milhões; em requisições em generos — 361 milhões; em confiscação de bens moveis e immoveis do clero, dos hospitaes e varias outras corporações, incluindo as corporações litterarias — 700 milhões. Pratas e alfaias saqueadas ás egrejas de Liege e aos eleitorados do Baixo-Rheno — 25 milhões. Exigencias á Lombardia, estados venezia-

nos e Modena — 65 milhões; diamantes, cruzes de ouro e outros objectos extorquidos aos monte-pios de Milão, Bolonha, Ravena e outras cidades da Italia — 56 milhões; caixas do hospital de Milão e outras — 5 milhões; mobilia e objectos de arte das villas venezianas e palacios de Brenta — 6 e meio milhões; alfaias, quadros e até o annel pastoral do Papa extorquidos ao Vaticano — 43 milhões. Ao todo — 2:656 e meio milhões! Accrescentem-se as cidades reduzidas a pó, os thronos usurpados em beneficio dos Bonapartes, a apropriação de riquezas artisticas e historicas, as leis e as tradições de outros povos calcadas com nunca visto impudor, os roubos feitos aos particulares, as victimas ensanguentadas de mil campos de batalha — e só assim é que a Revolução revive na Historia, encarnada na symbolica figura de Bonaparte. O Saturno da Revolução, depois de se devorar a si, começa a devorar a Europa. « La République française mange L'Europe feuille à feuille comme une pomme de artichaut. C'est pour dépouiller les nations qu'elle les révolutionne, et c'est pour subsister elle-même qu'elle les dépouille ».

F. d'Ayalla.

AS COMMUNIDADES DE GOA [1]

«Na India designam-se pelo nome de Gôa todas as terras do dominio portuguez contiguas á velha cidade conquistada em 1510 por Affonso d'Albuquerque. Essas terras abrangem uma área de 3:368,5 kilometros quadrados, e têm uma população superior a 420:775 habitantes. Paiz cortado de numerosos rios e correntes navegaveis, muito humido desde que se define a monção do sudoeste, de junho a outubro, e sêcco durante o resto do anno; fertil nos valles e bacias, arido nos outeiros, que lhe empolam a superficie, todo elle é dominado pela cordilheira dos Ghates, ao longo dos quaes se estende contra o mar».

Essas terras dividem-se em Velhas e Novas Conquistas, segundo a data da sua acquisição, pois entraram no dominio portuguez separadas e não conjuntamente, através de diversos e prolongados incidentes de guerras e de tratados.

Para nós, europeus, ha muito familiarisados com os regimens abertamente individualistas, o facto que n'aquellas paragens primeiro percebemos, pela sua evidencia como que externa, é a exploração da agricultura em proveito commum das aldeias

[1] *As Communidades de Gôa,* por Antonio Emilio d'Almeida Azevedo, juiz de direito. Livraria Bertrand, 1890.

que respectivamente povoam os palmares. Esse facto sem ser novo, pois que na Europa subsistem ainda restos, e quasi intactos, de instituições primitivas congeneres, interessa-nos todavia como um elemento historico de primeira grandeza, que tinha escapado ao saber dos velhos e venerandos mestres na materia.

« Não deve ser muito remota a época em que aquellas terras eram occupadas por communidades de pòvos primitivos, como as de curumbins que ainda hoje se encontram em Salsete, no recesso dos outeiros de Dicarpalle e Davorlim. São talvez os monumentos mais antigos de Gôa, e as raizes d'essas instituições eram tão profundas que muitas resistiram até agora, apesar dos golpes com que as têm mutilado successivas migrações e mudanças politicas». Nas Velhas Conquistas ainda hoje as melhores terras conservam-se communs; mas, nas Novas Conquistas, ou já foram divididas ou foram apropriadas pelos cobradores de impostos a que chamam *dessais*.

Como, por que modo se fazia a repartição da terra pelos casaes? Deixando de parte modificações secundarias, que circumstancias particulares impunham a determinadas aldeias, encontramos dois modos de repartição principaes, a divisão das glebas e divisão da producção total arrendada por licitação.

« Emquanto, por quasi toda a India, a propriedade passou definitivamente da communidade para a familia, em Gôa conservam-se exemplares notabilissimos d'aquelle regimen primitivo.

« Figuremos no centro as melhores varzeas de arroz, ao lado o pagode ou a igreja, e á volta, dispersos por entre os palmares, os bairros da aldeia. Os palmares entremeados de casas foram quasi todos divididos pelos visinhos e pagam á communidade um pequeno fôro; o fundo commum é constituido pelas varzeas, que se arrendam por licitação, entre os membros da communidade; os outeiros susceptiveis da cultura arrendam-se do mesmo modo.

« Do producto dos fóros pagos á communidade e do producto da licitação tira-se em primeiro logar o fôro ha muito fixado e os impostos que se devem ao Estado; satisfazem-se ou-

tras despezas da aldeia e o resto divide-se em quinhões iguaes pela gente que a povôa».

Este é o typo mais simples, mas «em algumas communidades as varzeas em logar de licitadas de tres em tres annos, segundo o costume, eram divididas glebariamente pelas familias, e foi por este processo que em outro tempo nas Velhas Conquistas, e ainda recentemente nas Novas Conquistas, se separaram muitas terras, tornando-se permanente a partilha». Em 1825 informava o Tanador-mór das ilhas de Gôa: «Desde a primitiva e até 1735 separava-se de cada communidade uma porção de terra, que se arrematava, cujo producto chegasse ao pagamento do fôro e mais contribuição ao dominante; e o resto tinham reduzido em tiras a que chamam bandys, sendo a divisão com tanta igualdade, que não havia nenhuma differença em producção d'um bandy a outro; estes bandys cultivavam os interessados, segundo o interesse que tinham na communidade, e todos os cultivadores formavam uma corporação, como já disse, chamada bouço e este fazia todas as despezas precisas para a conservação dos campos».

Por estes exemplos poderemos avaliar do caracter da communidade emquanto á posse e usufruição da terra, pondo de parte, como disse, modificações de aldeia para aldeia que, embora não sejam destituidas de valor, nem por isso destroem a base da propriedade.

Penetrando mais intimamente esta especie de relações na communidade, um outro facto nos revela o historiador que, junto ao que deixamos apontado, ensina que larga distancia vai das leis e costumes europeus ás communidades da India. E vem a ser que «a terra e os direitos que recahiam sobre ella eram inalienaveis».

Dizia o foral de 1526: «Se algum gancar ou outra pessoa quizer vender alguma herança em alguma das ditas aldeias, não o poderá fazer sem licença de todos os gancares da tal aldeia e assim mesmo ninguem poderá comprar sem a dita licença, e se se fizer alguma venda, ou compra sem haver a dita licença será em si nenhuma, e cada vez que os gancares quize-

rem será tudo desfeito...» Costumes eram estes tão differentes dos nossos que logo os portuguezes pediram a D. João III que mandasse fossem abolidos; e do afêrro que lhe mostraram e das vicissitudes por que têm passado, tiramos prova cabal de quanto era essencial na estructura das communidades a inalienabilidade dos direitos relativos á propriedade da terra.

Não importam porém reclamações perante quem os governa nem a tenacidade com que se apegam á tradição; com a queda de todos os demais elementos d'esses organismos, vai tambem a propriedade collectiva das communidades. E para só lembrarmos um dos muitos casos de apropriação individual citaremos as usurpações dos dessais. Abundam exemplos.

«Em Satary as communidades extinguiram-se e em Pernem conservaram o mecanismo necessario para a distribuição e cobrança dos fóros, mas deixaram de ter a administração das terras. Os dessais usurparam tudo e a instituição ia assumindo o caracter feudal quando o dominio portuguez foi implantado nas Novas Conquistas». Publicações officiaes do governo de Bombaim referem quanto os dessais eram pesados ás communidades, absorvendo o melhor das suas rendas sem em troca prestarem serviço que as valesse, e considerando as suas mercês não como remuneração, mas como direitos livres de todas as condições.

Comprehende-se facilmente este genero de usurpação, a lenta transformação do imposto em obrigação devida a uma familia ou a uma casta, a absorpção gradual de toda a renda até annullar a parte livre que anteriormente se dividia pela communidade.

Este é o exemplo de transformação economica das communidades, de mais prompta e clara comprehensão, mas muitos outros elementos têm concorrido no mesmo fim. Nem admira; os incidentes de emigrações e conquistas com as ambições e dominios correlativos necessariamente sujeitavam a contínuas e diversas transformações as instituições primitivas das aldeias, succedendo-se e accumulando-se na povoação, como de facto aconteceu, gentes de tão variadas origens.

«A stratificação dos povos de Gôa funda-se na raça cu-

rumbim, a mais antiga e de formação mais simples. Encontra-se depois um extenso coglomerado sudra. Sobre estas, em época muito posterior, assentaram as duas raças dominantes — marathas e brahmanes». Isto em ultima analyse; porque o historiador accrescenta que seria impossivel a classificação sem eliminar muitas differenciações «importantissimas sob o ponto de vista social».

Dois caracteres bem accentuados encontramos na gente de Gôa: a multiplicidade de origens ethnicas, e um forte sentimento de exclusão relativa.

«Os factos actuaes, as relações que se observam, circumscrevem-se por circulos muito estreitos. O primeiro e o mais importante é o da familia. Á intensidade das ligações de sangue corresponde um sentimento de exclusão, mais ou menos profundo, a respeito de todas as outras relações. Os circulos de familia estão comprehendidos dentro da casta, agora determinada em regra pela profissão, mas cujas raizes se entranham solidamente na religião e na raça. O ultimo circulo é descripto pelos limites da aldeia. Póde considerar-se ainda um facto geral a rivalidade entre aldeias visinhas e a desconfiança reciproca entre os habitantes.

«A composição da sociedade de Gôa, a diversidade de elementos de que ella se compõe, é um facto de primeira ordem e que deve ter-se em vista sempre. Os povos mais antigos — curumbins e sudras, estavam organisados em communidades muito antes dos marathas e brahmanes se estabelecerem no paiz; algumas d'essas communidades chegaram até nós, como se vê em Dicarpale, Telaulim, Dramapur e Sirlim de Salsete, e restam-nos monumentos vivos da antiga homogeneidade de muitas outras, que são os gancares curumbins e bhandarís, hoje depostos geralmente nas aldeias das Novas Conquistas.

«Ora estas camadas sociaes não se cruzam e acham-se tão separadas umas das outras como a agua se separa do azeite, o que todavia não obsta a que tenham exercido umas sobre outras notavel influencia».

A maneira de possuir a terra é o facto mais evidente das

communidades de Gôa, mas a diversidade das raças que as constituem, as rivalidades, odios e desconfianças mutuas, estas innumeras barreiras levantadas n'um terreno estreito são sem duvida o facto mais importante que nos offerecem. Porventura esta falta de homogeneidade seria um elemento de conservação; toda a transformação se tornaria difficil á falta de força sufficiente dos que a emprehendessem, contrariados pelos sentimentos adversos de castas de igual ou maior força.

Sem discriminarmos claramente até onde determinado costume é producto da simples emigração, da vontade do vencedor ou de necessidade impreterivel da ordem social, sem podermos estabelecer uma relação exacta entre os elementos constituintes da communidade e a sua origem historica, percebe-se todavia que todo aquelle systema de sociedade proveio d'um conflicto de raças — pedaços de differentes vasos soldados pelo interesse da existencia e mantidos intactos no seu barro primitivo pela tenacidade da tradição.

Para que a tradição se obliterasse ou perdesse faltou-lhes a escóla, este cadinho das sociedades europeias onde vão fundir-se n'uma materia amorpha as melhores heranças de virtude e os mais baixos legados de instinctos ruins.

« Parece que em algumas communidades da India a escóla entrava na organisação das aldeias, e em Gôa a instrucção elementar esteve algum tempo a cargo d'ellas sob o dominio portuguez. Nas Novas Conquistas encontra-se um grande numero de aldeias oneradas com *haccas* ou pensões para differentes *mothos*, casas religiosas sob a direcção de dois prelados (suamys) de Smarts e Vaishnavas ». Mas os limites do ensino dado alli afastam todo o perigo de prejuizo para a tradição, porque « n'essas casas, hoje em decadencia, apenas se ensina a recitar alguns textos dos Vedas repetidos nas ceremonias e ritos hindus. As primeiras letras da lingua maratha e as lições de arithmetica, que constituem quasi todo o saber das classes hindus, têm sido até ha pouco tempo professadas exclusivamente por mestres particulares, mantidos muitas vezes como pessoas de familia na companhia dos discipulos ».

Estes mesmos rigores de exclusão entre as castas e aldeias, que a tradição alimenta, presuppõem uma organisação n'aquellas collectividades, dependencias que convem não alterar pela introducção de corpos estranhos; e, de facto, verifica-se que essa organisação existe e o seu elemento inicial é a familia.

« A familia hindu agrupa-se á roda do chefe, e cada filho é um membro da grande arvore, e ao mesmo tempo um novo tronco, de raizes independentes.

« As casas são geralmente habitadas por varias familias, algumas com economia separada, mas o pae e os filhos e os netos, ou os irmãos e sobrinhos, continuam em regra a viver em sociedade e o culto domestico dos antepassados e de Ganesh, deus da prudencia e da sabedoria mundana, fazem-se quasi sempre em commum.

« A familia conjunta, caracterisada pela communhão de bens sob o patrio poder do *Waddil,* embora restricta a uma ou duas gerações, é ainda a unidade da aldeia e portanto da sociedade hindu.

« Está escripto nos livros sagrados que um dos principaes deveres do brahmane é continuar a sua geração e pagar aos progenitores com um filho a divida dos sacrificios. Porque a familia perpetua-se unicamente pelos descendentes masculinos, e as mulheres entram pelo facto do casamento na familia dos maridos ».

O matrimonio tem regras que se cumprem a rigor; nem póde celebrar-se entre pessoas da mesma familia, descendentes por varonia d'um tronco commum, nem entre pessoas de casta differente, determinada a casta pela profissão ou por certa ordem de profissões, e tambem pela seita.

A condição da mulher brahmane é miseravel. O casamento é tratado pelos paes, sem intervenção dos noivos, e as mães breve se arruinam physicamente pela procreação excessivamente precoce. « Reclusas dentro de casa, occupadas na cozinha e em intrigas, e martyrisadas emquanto noras, vingam-se quando chegam a ser sogras. Comem depois dos maridos, nos pratos de folhas de que elles se serviram, e resignam-se ou suicidam-

se, ao vêl-os gastar a vida e a fortuna entre bailadeiras». Viuvas, «são repellidas em toda a parte como coisa de mau agouro».

«A noiva, em regra, leva para o casal um dote que varía, conforme a fortuna das familias; os curumbins *compram-nas;* dão por ellas um preço nominal que entre os christãos é de tres ou quatro rupias.

«Apesar de se sujeitarem a trabalhos pesados, tanto as mulheres curumbins como as das outras classes inferiores se podem talvez considerar mais felizes que as brahmanes; as suas relações com os maridos estão n'um pé de maior igualdade; homens e mulheres occupam-se na labutação dos campos, e as casas de terra e cabanas apenas servem para os abrigar e aquecer durante as chuvas e nas noites de terral».

Ao despotismo da familia correspondia o despotismo na communidade, n'este sentido, que a administração da justiça fazia-se irregular e arbitrariamente, segundo o uso e costume, sem lei fixa nem quanto ás penas e direitos nem quanto aos julgadores. Havia assembléas das aldeias nascidas «espontaneamente da necessidade de manter a ordem, julgando e resolvendo os negocios que tocavam a todos»; mas «não havia diplomas que limitassem os seus poderes».

Não podia ir mais longe uma civilisação tão primitiva que, como as antigas, de que os historiadores nos dão relação, confundia n'um só pensamento e n'um só corpo de doutrina toda a auctoridade e toda a obediencia. «Os costumes hindus, assim como os livros sagrados, abrangiam no mesmo systema religioso toda a conducta dos homens entre si e para com Deus. A separação d'essas relações e a concepção da lei que d'ahi resultou é um facto estranho áquella sociedade».

«O desenvolvimento dos usos e costumes hindus em corpo de doutrina é um dos factos mais notaveis da civilisação a que estão ligados os povos de Gôa; a sciencia dos deveres (*dharma*), como preparação para o estudo dos Vedas, era professada na India muitos seculos antes da éra christã, e para instrucção dos alumnos colligiram-se institutas, primeiro em aphorismos e

sentenças, depois metrificadas, que eram entregues á memoria e se transmittiam assim de geração em geração. Pertence a esta classe de institutas um livro muito conhecido na Europa pelo nome improprio de *Codigo de Manu*, andam traduzidos muitos outros e sabe-se que existiram para cima de cem.

« Com o tempo essas obras, todas em sanscrito, foram adquirindo auctoridade e consideraram-nas de inspiração divina. Se os Vedas foram *vistos* pelos *rishis*, que nós podemos chamar com grande propriedade *videntes*, as regras para os sacrificios, os ritos e systemas de deveres, que constituem os *dharma-shastras*, passaram da *memoria* dos *rishis* para a tradição ».

Tudo se foi incorporar na religião. É assim nas sociedades primitivas em que o sentimento e a razão não alcançaram um desenvolvimento parallelo. O direito, a moral e hygiene confundem-se, tudo são obrigações e deveres, tudo é obediencia, não dá para mais a intelligencia d'aquella gente; dividiu a terra, esboçou o casamento, mas d'ahi para diante ficou n'um estado mais ou menos cahotico, frequentes vezes arbitrario, sempre confuso, *Knowing is classifying*, disse o philosopho; e os povos das communidades da India conheceram pouco porque não foram além d'uma classificação grosseira.

É verdade que presentiram um systema de leis naturaes fixas, mas não conseguiram determinal-o nem definil-o. « Ha dias propicios e aziagos. É uma coisa assente que um casamento, uma viagem, qualquer emprehendimento, não podem principiar ou celebrar-se indifferentemente n'este ou n'aquelle dia, e tambem não póde haver duas opiniões a respeito de certos signaes ».

« Estes factos exercem uma grande influencia e formam um corpo de doutrina, muito complicada e obscura; as primeiras linhas encontram-se em livros populares, mas só os ministros brahmanes, *purôhitos e joshis*, lhe conhecem a profundeza. Por isso elles adivinham e prevêem o futuro, reconhecendo d'este modo implicitamente que ha uma ordem de coisas fixa e inalteravel... Consideradas por este lado taes superstições são os primeiros signaes da confiança em leis permanentes ».

Dois espirros seguidos, uma gralha que vôa da esquerda para a direita, são *shecún*, bom agouro; um só espirro, uma gralha que vôa da direita para a esquerda, é *apshecún*, mau agouro.

«Se o esfregar d'um pau, observa Lyall, sem sacrificios nem invocações divinas, produziu fogo, um resultado maravilhoso, porque é que duas facas atravessadas no limiar, ou um farrapo vermelho pendurado na verga da porta, não haviam de chamar ou afugentar a doença? O raciocinio não põe limites a analogias d'esta ordem na imaginação do homem primitivo».

Não lhes põe limites o raciocinio, e o medo associado á ignorancia favorece-as. Por isso a communidade, tão profundamente dominada pelo espirito de exclusão, é tolerante para as religiões. Tambem o povo dos nossos campos, quando afflicto, não se fia em um unico santo e a muitos faz promessas e orações, sem prejuizo de bruxarias e dos conselhos do mestre barbeiro; tambem a gente fina quando doente, vai de medico em medico, por todas as igrejas e por todos os systemas de curar, sempre com igual ardor e devoção, sem prejuizo das orações e das promessas aos santos.

Ha cultos e ritos e divindades, cada aldeia tem o seu deus proprio a cargo do qual está protegel-a, livrando-a de males e favorecendo-a com beneficios; mas, quem sabe? talvez os deuses estranhos não sejam peores, sempre é bom experimentar. Porque não, se o systema religioso carece de base solida, isto é, não tem a sustental-o uma philosophia, uma concepção unica dos fins da vida e das causas dos phenomenos naturaes? «O hinduismo não repelle nenhuma crença, absorve-as e vai-as transformando lentamente».

«Curumbins e sudras entram com os seus deuses para dentro da civilisação brahmanica desde que reconhecem o caracter divino da casta levitica. A influencia social determina a influencia religiosa, e os costumes, as crenças e as instituições brahmanicas vão penetrando, embora modificadas, na massa do povo, insensivelmente, sem proselytismo, por imitação.

«O *purôhito*, no seu encargo de cura d'almas, não exclue

nenhuma casta; abre o registo dos nascimentos e obitos, intervem nos casamentos e funeraes, e recebe esmolas de todos, igualmente ».

A casta, tão zelosa da sua pureza quando tratou do casamento, foi tolerante e generosa quando se tratou dos deuses. Talvez na India, como na Europa, o mundo seja regido pelos mais baixos instinctos: determinou-se com rigor a usufruição dos bens da terra, perpetuou-se os interesses de classe pelo casamento exclusivamente dentro da mesma casta, mas quanto a obter o favor dos deuses, admitte-se transacção, podem confundir-se por um momento castas e classes, são permittidos serviços communs.

O que foram essas communidades no dominio dos portuguezes? Em Salsete, na igreja de Rachol, lê-se sobre uma sepultura: « Aqui jaz Diogo Rodrigues, o do Forte, capitão d'esta Fortaleza, o qual derrubou os pagodes d'estas terras. Falleceu a 21 de abril de 1577 annos ».

Se a religião consubstanciava a vida social das communidades, destruir o pagode seria o mesmo que n'um só momento destruir templos, escólas, museus, edificios do Estado e tudo o mais que as sociedades europeias levantaram para o exercicio da sua vida. Não foi outra coisa o que fez o capitão; e se lembrarmos que falleceu em 1577 e Gôa foi conquistada em 1510 podemos avaliar da fórma por que o dominio portuguez se iniciou na India.

É profundamente doloroso desenrolar o sudario d'esses tres seculos de miserias. Hoje destruiam-se os pagodes, e ámanhã apavorados com o despovoamento das aldeias e o abandono dos campos faziam-se concessões de tolerancia religiosa para restaurar a riqueza perdida. O fanatismo deu as mãos á mais sordida ganancia, os momentos de sensatez foram raros e breves; na lucta contra os *infieis*, a paixão e o roubo, a mais dura crueldade e a mais inteira ignorancia juntaram-se e succediam-se por fórma que não sabemos bem o que julgar dos casos estupendos que o historiador nos apresenta. Mas sempre é de crêr que a maior parte foi unicamente gerada pela ignorancia, que

destruia e aniquilava, sem saber que o melhor caminho era transformar.

*
* *

Não duvido lançar á conta de ignorancia quanto por lá se fez; e a prova está em que só hoje possuimos um estudo inteiro e completo das communidades de Gôa.

É uma perola do melhor quilate o livro com que o snr. Antonio Emilio dotou a litteratura portugueza. Revela-nos um mundo novo, inteiramente novo, pelo qual os seus antecessores passaram de olhos fechados, e dá-nos uma imagem definida e luminosa.

Percebe-se alli o erudito, o longo trabalho de exploração pela litteratura ingleza da India e o trabalho de observação directa, as canseiras de descobrir e os embaraços de interpretar, que só conhecem os que alguma vez sentiram a impenetravel desconfiança da gente do povo para os homens de classe superior, desconfiança que ha de necessariamente aggravar-se entre os povos de differente raça; percebe-se mas sem lhe sentir o peso, porque o historiador nos encurtou o caminho, levando-nos directamente d'um a outro ponto e occultando-nos as longas veredas tortuosas a que a descoberta o obrigou.

Adivinha-se a escóla, o discipulo d'essa geração de juristas que Sumner Maine creou. Para chegar a um estudo como o do snr. Antonio Emilio não bastam diligencias de averiguação; é preciso ter aprendido a classificar os factos, a determinar-lhe o logar, as relações e o valor.

O estylo é correcto, conciso, cingindo a expressão do pensamento a um molde preciso, d'um extremo rigor didactico. Não exaggero affirmando que *As Communidades de Gôa* pertencem á mais perduravel das especies de livros.

Jayme de Magalhães Lima.

*

OS PEGUREIROS

I

Ao toque matutino das Trindades, badalado lá em baixo na capella do logar pela vibrante sineta, cuja metallica voz delgada e plangente, cantando a alvorada, tinha como uma frescura velada através dos leves nevoeiros do valle, já a pequena filha do Rêpas subia madrugadoramente para as altas leiras maninhas, com o seu rancho de ovelhas, sósinha entre os perfumosos mattos da vertente alpestre; e, um pouco estremunhada ainda, tal como a dubia manhã indecisa sob o céo empardecido, espertava-se ao barulho d'um velho borrifador, rouco e fanhoso, em que vinha batendo cadentemente com uma pedra, ao modo de tambor ou pandeiro. De vez em quando interrompia-se, arrepellando-se toda porque alguma das rezes se arredava, ameaçava tresmalhar-se; e atirava-lhe com zunentes rebôlos, n'um frenesi, ou, quasi maguadamente, com uma curiosa ternura familiar, pedia-lhe que não fugisse.

Na portella penhascosa do monte, sentou-se a descançar, e molhando as mãos no orvalho, que emperolava as hervagens rasteiras como uma ligeira e lassa geada, pôz-se a esfregar e a lavar a cara. Em seguida, cofiou os cabellos despenteados com essa maravilhosa e simples agua do espaço, e limpou-se á po-

bre saiota esfarrapada. As gordas ovelhas espalhavam-se agora á vontade, procurando vorazmente o pasto, graves e comilonas, de cabeças cahidas para o chão; e, sem as perder de vista, a pastora começou de novo a espancar estridentemente o seu tosco e monotono instrumento falhado, levantando um contínuo tam-tam de taramella raivosa que guarda as searas, agitada pelos ventos, ou escorraça das figueiras a passarada larapia.

Em torno, vastamente, arredondava-se o circo immenso das serranias ensombradas, na sua immovel magestade carrancuda, conservando obscuridades de noite nas dobras das cavadas gargantas; e, com as fumosas nuvens algodoentas, entaladas nas ravinas a denunciarem a passagem dos ribeiros despenhados, como que figurava a metade deslocada e aberta, grandiosamente espedaçada, d'um mundo partido. Na placidez dos ares, zoavam as rompantes revoadas dos gaios, que se iam ao assalto das fructas nos campos mais proximos, e ás vezes insinuavam-se os dôces gorgeios longinquos das cotovias. E os cumes recortados, rotos, erriçados de granitos denegridos, d'um soberbo aspecto rebarbativo, mostraram pouco a pouco as suas cristas bafejadas sinistramente d'uma estranha claridade auroral.

Era o sol que vinha nascendo, por traz do horisonte escuro, arreganhado em dentaduras de rochas pontudas. Alçando-se lentamente, o disco espreitava a terra como uma pupilla vermelha, energica, opaca, e dura, côr de lacre; emquanto que, em roda, as lisas brumas ensanguentavam-se d'um intenso clarão rubro. Este singular luzeiro, ao mesmo tempo mortiço e profundo, candente e humido, estendia-se e alastrava á maneira d'uma vaporosa nodoa escarlate, até se perder n'um vago tom de casca de pecego, em que a nevoa subtil parecia uma avelludada pennugem. E jurar-se-ia, perante o imprevisto espectaculo da eclosão tragica da luz, que o astro fosse victima d'uma emboscada espantosa, nas trevas, ferido, assassinado talvez, e revelasse ao dia a traição da sombra, não podendo derramar sobre a natureza entristecida senão os reflexos lugubres do crime.

II

Estremeceu de medo, a rapariga, e cessou de tamborilar, quando reparou na sangoeira estarrecedora do sol. Uma idéa indefinida de que qualquer cousa superior, alguma desgraça insondavel e malvada estivesse para acontecer ás gentes, irremissivelmente, a repentina morte de tudo annunciada por aquelle aspecto original da atmosphera, consoante os vulgares e primitivos receios camponios, encheu-a de terror, obrigando-a a esconder-se debaixo d'uma lapa, a furtar-se ao temivel olho do céo, carmineo e perseguidor; porque a solidão completa, silenciosa e indifferente, que a cercava, entregando-a aos perigos do acaso, mais aggravava os sustos do seu ingenuo sêr, herdeiro das antigas superstições indestructiveis.

Sem tardança, ouviu tilintar fracamente um chocalho somnolento, que se avisinhava, acompanhado pelos assobios e gritos agudos d'um pastor. A filha do Rêpas sahiu do seu escondrijo, consolada, procurando vêr quem se aproximava; e logo um cão de pello fulvo, com o rabo alçado e festeiro, farto e empennachado como o de uma raposa, se lançou a correr para ella, ladrando amigavelmente. Bastava-lhe sentir perto outra pessoa, para esmorecer a sua afflicção raladora, augmentada pelo isolamento; e quando avistou o moço do Flandóra cortador, parado e encostado ao pau, a contemplar justamente o mysterioso sol nascente, desabafou, alliviada e risonha:

— Olha que lumieira aquella, ó Pitinho!

O rapaz voltou-se, com um ar sério. Na cara magra tinha a pallidez d'um grande respeito amedrontado; e com a falla vagarosa e meditadora, que hesitava e queria adivinhar, retrucou timoratamente:

— Tu nun te rias, Telvina! Talvez aquillo seja má signal, por hi a fim do mundo...

E, como o sol foi rolando pela abobada embaciada sempre embrulhado nas sangrentas gazes aéreas, e só tarde conseguiu

desembaraçar-se, boiar no infinito mais á vontade, conservando ainda a sua redonda e cegante cara hieratica toda tocada d'uma lividez melancolica, doentiamente amarellada, os dois pegureiros continuaram a trocar as suas impressões de pavor. A Telvina mostrou a lura, onde se acoitára prudentemente; ao passo que o outro confessou, sem pejo, que por pouco não fugira para casa, abandonando até o gado na serra. Desdobrando em liberdade os seus pensamentos frustes, vaticinavam phantasias tetricas para a destruição final do universo. O Pitinho ouvira contar que o cataclysmo derradeiro, consummado á tremenda ordem jehovanesca d'um Deus corpulento e rubicundo, que na sua imaginação tomava a figura do velho abbade da freguezia, com as mesmas sobrancelhas carregadas e o mesmo troante vozeirão de prégador, seria feito pelo fogo, por um abrazamento geral, um chaos de devoradoras labaredas e fumos asphyxiantes; mas a rapariga tagarella interrompia-o, não acreditava isso, porque a sua avó affirmára uma vez, conversando sisudamente á lareira, que a incalculavel catastrophe resultaria sem duvida d'um temeroso banho d'aguas diluviaes.

— Então, 'stamos nós bem aqui, n'êstas alturas! — observou elle, docilmente, sem questionar. E como esta idéa os alegrasse, dando-lhes o pueril prazer egoista da sua salvação n'aquella circumstancia casual, puzeram-se a descobrir, longe, os logarejos que tambem poderiam escapar á medonha e phantastica inundação: d'um lado, as casarias brancas, comparaveis a duros montões de neve petrificada, espalhadas numerosamente pelo entaboleirado e pittoresco paiz das vinhas, cuja opulencia se manifestava no estrepitoso luxo das bonitas habitações caiadas; e, da outra banda, as aldeias modestas, mais desguarnecidas de cal, das terras do milho, cercadas de castanheiraes. Repetiam com interesse os nomes das povoações felizes, como elles, resguardadas da fatal maré; e, para além dos successivos morros escalvados, tão distantes que se coloriam d'um esbatido tom violeta, diligenciavam enxergar outras, afincadamente, perdendo os seus olhares scismadores, afeitos aos largos horisontes e aos panoramas severos, pelas fragosas regiões ignoradas.

III

Que extraordinarios mares se atreveriam a trepar até aos picos do Marão e suas redondezas, envolvendo-os, atabafando-os, afogando-os na immensidade das suas revoltas ondas incombativeis? — ajuizava o Pitinho, arrastando os tamancos entre os sargaços, com o grosso cajado ao hombro, soberbo do seu raciocinio de fino rapazola serrano. Mais commedida e temente, a filha do Rêpas lembrou:

— Não qu'elle diz que s'arraza tudo!

O que esfriou subitamente o jubiloso enthusiasmo d'ambos. Entretanto, fazia já um calor ardente, mal temperado por esse delicioso vento fresco, que passa sempre sobre as descobertas cumiadas, — acariciador nos estios, para se tornar nos invernos flagellante e gelado. Dominando os incontaveis ruidos da vida rustica, que chegavam apagados e esvaídos, côro imperceptivel de sons fundidos no mudo socego das cousas, o silencio era absoluto por toda a montanha; e distinguiam-se os suaves estalidos crepitantes dos saltaricos, pinchando elasticamente na carqueja, emquanto que algum abelhão, vagabundeando n'um vôo negro, deixava o rastro zumbente do seu bordão. E, como todas as folhas dos arbustos sylvestres, transformadas em accesas caçouletas, exhalavam fortemente as suas essencias acres, d'uma gostosa intensidade na calma estimulante, o ar penetrava-se d'um divino e são perfume, e dir-se-ia, elle proprio, uma condensação balsamica d'aromas.

A Telvina e o Pitinho iam andando, sem rumo sabido, atraz das rezes que pastavam ás soltas, pacificamente. Davam-se irmãmente um com o outro; e, todas as vezes que se encontravam, percorriam os montes de sucia, bons camaradas encarregados d'igual tarefa. Tanto, que as ovelhas da rapariga, embora ao principio se tivessem mostrado arredias, com o vezo acabaram por misturar-se, confiadas, com os chibos do rebanho guardado pelo moço do Flandóra. Com o seu feitio lanzudo de

bestas d'industria, objectos viventes d'utilidade rendosa, as mansas ovelhas bem tratadas, leiteiras e parideiras, contrastavam pacatamente com os inquietos bodes, armados de longos cornos, em pennachos mephistophelicos, trabalhados como se fossem de cartão, malcheirosos animalejos pelludos e barbudos, d'um caracter exotico que suggere e evoca reminiscencias de lendas populares, recheiadas d'aventuras diabolicas. E no meio dos tremelicados balidos, que de vez em quando se cruzavam, só o chibo mór, guia intelligente e grave da suja manada, tintinnulàva o seu chocalho, somnolento.

Passeando sempre de sentinella, o cão ladrava n'um alarme, logo que alguma vez se desgarrava; e o pastor chamava-a com um longo assobio, ou, descontente, acudia devagar, gritando:

— Eh, catinga! Toma pr'áqui, eh! Espera, que te racho a cornaça, diab'alma!...

A rapariga atiçava:

— Curre lá, curre!

E rufava no seu tambor metallico, como se batesse um convencionado toque de reunir, invariavelmente obedecido.

Nos visos baldios, desiguaes pedaços de natureza virgem, livres ainda do arado devassador, e arranhados apenas por alguma estreita vereda ziguezagueante, raramente soupinhada por caminheiros peões, o pedregoso terreno desembaraçado dos pinheiros bravos, que pouco a pouco vão enflorestando todas as eminencias estereis, revestia-se de hervagens ruças, d'uma apparencia alourada de pelle de leôa, ao perto; emquanto que, nos cumes distantes, vermelhava n'uma côr macia de tijolo. A variegada floração de setembro, outoniça e saudosa, alcatifava tafulamente a atormentada e núa paizagem, salpicando-a de ramilhetes coloridos. Eram, por entre as espessas rendas verdes dos feitos, os tufos dourados e asperos dos cardos, que lembram gyrasoes rachiticos; e as timidas corollas azues dos poêjos; e os cachos de botões miudos do tojo, d'um amarello tenro; e as coralinas contas dos giestêlos, com que o demonio costuma enfieirar os seus falsos rosarios de feiticeiro noctambulo;

e as abundantes espigas roxas da torga; e as alvas candeinhas, que parecem pequeninos frocos de neve suspensos na ponta fina das hervas; e as pétalas redondas das estevas, brancas e como tocadas d'uma dedada de mel; e tambem uma exquisita florinha, côr d'assucena e de violeta, uma flôr montesinha que ficaria bem nas dôces mãos alongadas das virgens, nas ingenuas pinturas dos primitivos, e que rebenta do chão em hastes velludineas de lyrio rudimentar, assignalando os vestigios das passadas de Nossa Senhora quando, levemente, desce a laurear pela terra os seus ocios sagrados. E toda esta dispersa efflorescencia decorativa, desabrochando risonhamente no sólo selvagem, acastellado de pedreiras, tinha uma delicadeza encantadora.

A Telvina entreteve-se a compôr um ramo florido; e, depois de o atar cuidadosamente com um vencilho delgadinho de giesta, offereceu-o ao seu companheiro:

— Péga lá, que te dou eu.

Mas o rapaz, importando-se pouco com a linda prenda, que a outra lhe arranjára com a sua instinctiva graça feminina:

— P'ra que quero eu isso? perguntou rudemente. Então ella, pondo-se nas pontas dos pés, agarrou-lhe o cebento chapéo d'abas desapparelhadas, e entalou no barbante que substituia a fita cahida o seu ramo airoso, á moda d'uma altiva pluma farfalhuda, que logo proporcionou ao pastor farrapão um divertido quê de petulancia.

IV

Em frente d'elles, na esverdegada encosta d'além, um campanario em bico branquejava por cima d'um souto viçoso, na visinhança d'uma quéda d'agua encascatada, que desabava espumantemente sem bulha, na distancia. Quando, através do valle, o sino bateu o Meio-dia, em bronzeas pancadas tão cheias e tão claras, que se supporia festejarem a plenitude da luz, os pegureiros foram-se aos seus jantares, sem demora, correndo

para a sombra d'um pinheiro manso, que se erguia esbeltamente ao centro d'uma acanhada chan, pujante e solitario, semelhante a um gigantesco tortulho desenvolvido ás soalheiras, com o rotundo tronco elegantemente alçado n'um jacto, e a sua transparente copa em guardasol traccjada no ambiente como um tenue e verdenegro bordado d'aranha.

Sob o murmurio das franças agulhosas, em que zoava dôcemente a serena canção do vento, os dois saborearam o seu repasto frugal, sentados no musgo lenhoso d'um fôfo tapete de tormentello. Do seu farnel o Pitinho tirou um canto de brôa e a porção de maçãs camoezas, que trazia para se governar durante o dia; emquanto que a filha do Rêpas atordoou-o d'admiração e d'uma inconfessada inveja, apresentando a rica pitança de meia duzia de sardinhas assadas, postas em mólho sobre um naco massiço de pão, e que rescendiam um cheiro tantalisante, furiosamente aperitivo. Babado de desejo, elle propoz trocas interesseiramente, dando maçãs por sardinhas; a rapariga, gulosa de fructa, aceitou; e ambos entraram a brincar com o cão famelico e ganidôr, obrigando-o a arrisear pulos desastrados de pobre funambulo quadrupede para alcançar os restos das espinhas, contentes e crueis, gargalhando risadas sem fim. Quando acabaram de comer, o pastor ficou-se um pedaço a considerar a surrenta cara corada e o robusto corpo da Telvina; e de repente:

— Quantos annos tens tu?

— Inda hei de fazer onze, pelas castanhas.

Pois elle não sabia a sua idade, ainda que quizesse declaral-a. E com vagar, penosamente, como quem revolve e desabafa confusas dôres concentradas, deixou-se ir dizendo que não conhecia familia, nem jámais pessoa alguma o acariciára. Desde que tinha entendimento, vivia em casa do Flandóra cortador, que ás vezes, quando se arrenegava, lhe chamava engeitado ou zôrro; e não se recordava de ter ouvido alguem tratal-o por qualquer um nome christão. Era o Pitinho, para todos. Por um ai, por um espirro, o amo melava-o com pancadaria bruta; e fartava-se de levar má vida, mal alimentado e mal vestido,

gastando as suas noites a dormir e os seus dias a guardar gado, — ora pelos despovoados barrocaes da borda do rio, ora pelos algares áridos dos montes. Á força de ser aggredido e injuriado pelos donos dos campos, que se queixavam de pequenos estragos causados pelas rezes, sem culpa d'elle, já não andava descançado senão por sitios onde não encontrasse gente; e preferia os maninhos, mesmo, porque folgava e cantava á larga por lá, não sonhando sequer com os temidos lobos, e vendo sómente passar um ou outro caçador, que espantava os echos com os seus tiros estrondeantes, emquanto a canzoada ladrava encarniçada na pista.

Escutando-o attentamente, a pastora comprehendia agora com pezar a figura doentia e enfézada d'aquelle rapaz, cujos olhos luzidios, penados de soffrimento, a enterneciam. E aconselhou-lhe, á tôa:

— Foge do Flandóra, abala!

Ah, bô! Fugir para onde, e para que! Prendel-o-iam vergonhosamente, ou morreria talvez de fome por essas terras desconhecidas. Não! Aturaria pacientemente os trabalhos para que nascera; ou então, se perdesse o animo antes de chegar a homem, esmagado por alguma angustia intoleravel, tinha a sua tenção feita, — botar-se-ia a afogar. E o Pitinho expunha convictamente, de caso pensado, este plano de futuro duvidoso e amedrontador, um pouco excitado pelo desvanecimento indefinivel de patentear á commovida companheira a superioridade da sua coragem mascula perante a morte provavel. Mas sobreveiu-lhe uma curiosidade, e fitando a filha do Rêpas:

— Porque tê manda o teu pae támem pr'áqui desgarrada, tanto a eito?...

Por sua vez, ella tomou um ar de seriedade compenetrada, e como possuindo a pratica e precoce consciencia do combate ineluctavel da vida, explicou simplesmente que não havia remedio senão ajudar o seu pae, que era caseiro dos Lamaes, e custosamente apurava com que pagar a renda. E, se a mãe não negociasse pelas feiras em porcos e bacorinhos, gallinhas e coe-

lhos, e ella não cuidasse das ovelhas, achar-se-iam sempre em casa sem uma sonante peça de dinheiro.

O outro, então, observou:

— Mas tu, 'ó menos, 'stás bem medrada!

V

Invadido bruscamente d'uma grande alegria disparatada, o Pitinho pegou na rapariga ás cavalleiras, e, com berros doidos, largou n'uma carreira estabalhoada; porém, ou porque o carrêgo fosse demasiado, ou porque tropeçasse e embaraçasse os pés no matto, as pernas dobraram-se-lhe, perdeu o equilibrio, e ambos cahiram n'um trambulhão.

A rir-se da inesperada tropelia, a Telvina chacoteou, vexando-o:

— Ih, que podriqueiro! Sempre és um canilhas, um cinco rêis de gente... E mais olha que nun tens menos altôr do qu'eu.

E assentou-se n'uma pedra, magoada, reparando com desgosto n'um rasgão que, na queda, lhe estiraçára a barra da saia, mosaicada de remendos. Arrependido e solicito, o garoto aninhou-se no chão junto d'ella, submissamente; e com os olhos empiscados de maroteira, arregaçou-lhe o vestido com geito, balbuciando n'um disfarce, emquanto lhe espreitava as coixas:

— Deixa vêr...

Desconfiada, a rapariga prevenia-o:

— Está quieto, se queres!

E como elle continuou, desnudando-lhe as pernas desaforadamente, d'arremeço, agatanhando-lhe a carne e casquinando, n'um gozo indeciso de joven macho que acorda, a Telvina esbofeteou-o, damnada, recuou a chorar de raiva, e, armando-se valentemente com um pedregulho, promettia rachar a cabeça ao atrevido, se elle avançasse uma passada! O rapaz ameaçou-a vagamente com uma troçada do seu arrôcho; mas afastou-se,

descoroçoado e corrido. Bem perto, levantava-se um d'esses amontoamentos de penedias monumentaes, que diademam os cumes com os seus negrejantes blocos, desconjunctados, carrancudos, sobrepostos em tropel, encodeados de musguedo, e affectando grosseiramente fórmas de termos e dolmens colossaes, d'elmos impavidos, d'agachadas garupas de mastodontes, corpulencias atarracadas de sphinges, e monstruosas cabeças de Hercules nunca vistos, decepadas e immobilisadas na contemplação perpetua dos céos, onde se desenrola e ri o setim luminoso do azul ou galopam os batalhões turbulentos das nuvens, na debandada das tormentas. Á frente, um penhasco mais destacado fazia o effeito d'uma asselvajada peanha, com o seu bojo ventrudo e o tôpo chato; o Pitinho, impellido d'um novo capricho, conseguiu ir empoleirar-se sobre elle. Então, aquelle vulto de pequeno montanhez maltrapilho parecia resuscitar alli, de relance, o idolo abolido d'alguma fabulosa e esquecida mythologia barbara, adorado n'outras éras pela inventiva raça humana, bipede e pensante, parasita victoriosa do globo.

E o pastor não se apeou do seu pedestal senão quando a boa rapariga, communicativa e conciliadora, avisou:

— Se caes d'ahi abaixo, estoiras!

Entardeceu. No poente illuminado a radiantes clarões de topazio, o sol escondia-se por traz d'uns nublamentos lividos, cujos rebordos debruava vivamente de braza; emquanto que, a um lado, reunia-se uma multidão de nuvens recortadas e reclinadas, semelhando uma verdadeira assembléa de visões veneraveis, vestidas de dalmaticas deslumbrantes, que se douravam de gemma d'ovo incandescente, por diante, afofando-se celestialmente de arminhos pela banda opposta. Eram os santos que assistiam á desapparição do astro, n'uma aberta do paraiso, — conforme o Pitinho inculcou á Telvina, na sua crença investigadora. As cotovias despediam-se da luz, cantoriando os seus gorgeios trillados e meigos; a espaços, algumas surdiam d'entre as hervas queimadas, de salto, voavam bruscamente como pedras despedidas com força, e iam pousar mais longe. Depois, o crepusculo veiu melancolico e frio; e todas as nuvens escu-

recidas lembravam, no céo baço, fragmentações cinzentas de gelo fluctuando n'uma desmedida laguna polar.

Desencadeou-se gradualmente uma ventania desabalada, que sibilava pelos desampárados rochedos das portellas como as refégas dos vendavaes, quando vergastam as fragas cavernosas das praias; ao mesmo tempo, os pinheiraes cerrados reforçavam a sua zoeira, em redor, roncando n'um surdo e poderoso marulho d'oceano em procella. E já os melros ariscos, mais negros do que os sonhados passaros da treva, e gordinhos com o bom alimento das uvas depinicadas pelas vinhas, choquejavam em appellos, ou retriniam os seus estridulos silvos, recolhendo-se pelos matagaes.

— Toca p'ra casa, rapariga! — clamou o pegureiro, cuja voz se perdeu quasi, esfrangalhada pelo vento. Ambos d'accordo, sentindo nos seus corações o confrangimento vago dos pavores que começam quando a luz se esváe, resolveram deixar as agrestes alturas tempestosas; e desciam já a encosta, caminho do logar, um assobiando á ordeira rebanhada do gado, a outra batendo rijamente no seu tambor improvisado, quando a sineta plangente da capella, annunciando a noite, vibrou lá em baixo o repousado toque vespertino das Ave-Marias.

Alto-Douro — Outono de 1887.

Monteiro Ramalho.

SONETOS

SANTA IRIA

Ao conde de Rezende.

« O pequeno dedal nos dedos finos,
Ella cosia á porta do casal,
Alevantando os olhos peregrinos
Ao céo azul de limpido cristal.

« Passava o cavalleiro desleal,
Ferino o instincto, os braços assassinos...
E levou esse lirio virginal,
Desbotando-lhe os labios purpurinos.

« E, impiedoso, matou-a... » No alvo rosto
Da minha amada, um intimo desgosto
Se esbateu, para em mim achar abrigo...

É que a Lenda tambem me despertara
A infancia, ao longe, rumorosa e clara...
Que nostalgia desse tempo antigo!

ALVÉOLA

Á noite, quando dormes emballada
Num sonho aerio, timido, suave,
Como no ninho a pequenina ave,
Sob a aza de Deus agasalhada,

Visão gracil de múrmura ballada,
Dôce madona em misteriosa nave,
Ha no teu vulto dulcido de agave
A frescura das tintas da alvorada.

Então, meu taciturno pensamento,
Mais rapido, mais rapido que o vento,
Vai ter comtigo, vai beijar-te, flôr!

E nos teus sonhos côr de rosa passa,
Cheia de luz e de perfume e graça,
Como uma nuvem de infinito amor!

O COVEIRO

Ao dr. Thomaz de Carvalho.

Moça e amada, casara nesse dia
A filha do coveiro. O pobre lar,
Festivo, embandeirado, parecia
Um pittoresco e radioso altar.

Que esplendente! que limpida alegria!
Écôa palpitante pelo ar
Das violas a languida harmonia,
Esbatida na luz crepuscular...

Horas felizes passam num momento!
— O coveiro, cavado e macilento,
Breve da ingenua festa desertava,

E, posta ao hombro a enxada, silencioso,
Seguia absorto, mudo e vagaroso,
Pelos caminhos que o luar banhava...

SULAMITE

A Luiz Botelho.

« Trago-o dentro de mim, o meu amado,
Dentro em meu coração ao sol desperto,
Como em berço de estrellas emballado,
Sob as palmeiras verdes do deserto.

« Dorme sorrindo, dorme socegado,
Tem na fronte de luz um céo aberto:
Como o linho floresce, além, no prado,
Alveja-lhe na bôca um riso incerto.

« Ah! deixal-o dormir no brando ninho,
Que eu lhe fiz, de assucena e rosmaninho...
Ah! deixal-o dormir, o meu amado:

« Que o vinho dos seus olhos graciosos
Embebeda os meus olhos amorosos,
Num dôce encantamento de noivado... »

Setembro, 1890.

Joaquim de Araujo.

CHRONICAS DA POLITICA EUROPÊA

A ALLEMANHA E GUILHERME II

A figura dominante da politica europêa contemporanea é certamente o imperador d'Allemanha. Este moço de trinta annos, que não conta bem tres de reinado, já tem dado bastante que fallar de si. Viagens continuadas e variadas que o levariam a comparar ao Cesar Adriano se houvesse paridade entre o sceptico imperador da Roma decadente e o audacioso chefe da novissima Allemanha, rescriptos que tocam nas mais variadas questões desde a reorganisação fundamental do imperio até á disciplina interna do exercito, brindes politicos, proclamações militares, visitas soberanas e inspecções sem numero parecem não esgotar nem cançar a actividade do joven monarcha que fixa n'este momento a attenção da diplomacia europêa. Depois de ter dispensado com a energia mais amavel os serviços do ministro indomavel e lucido que completou a obra do grande Frederico e firmou a velha corôa imperial na cabeça dos monarchas prussianos, Guilherme II parece ter tomado a peito mostrar que o movel que o inspirou ao despedir o seu glorioso chanceller não foi a sêde juvenil do mando, nem o amor-proprio offuscado por uma grandeza consagrada, mas a consciente concepção d'um corpo de idéas politicas e a resoluta vontade de as fazer passar ao campo dos factos. Quanto haja de enygmatico no caracter do joven imperador, não é preciso encarecel-o. Só a perspicacia dos mais habeis d'entre os diplomatas acredi-

tados junto á côrte de Berlim poderá apurar, através da multidão de medidas por que se manifesta a actividade um pouco turbulenta do dynasta allemão, as linhas determinantes d'um caracter e colligir elementos que se possam tornar base para a previsão e o calculo. E, seguramente, a uma critica esclarecida não é licito fundar juizos sobre os boatos que uma reportagem pouco sisuda e assaz charlatanesca accumula dia a dia para pasto d'uma curiosidade tão tonta como indiscreta. Mas é desde já possivel discriminar, através d'essas medidas, senão os contornos precisos d'uma figura moral, ao menos a intenção preponderante d'um plano de governo.

E considerado sob este ponto de vista, Guilherme II apresenta-se como um monarcha revolucionario. Manter a paz européa em proveito da conservação das derradeiras acquisições germanicas, cimentar um systema de allianças capaz de conter em respeito as ambições russas e os resentimentos francezes, ligar ao destino do imperio o destino de nações que as difficuldades internas e os perigos externos tornam pouco exigentes e faceis de contentar, estimular o zelo dos seus amigos com ameaças de abandono e conter a má vontade dos inimigos com ameaças de repressão terrivel, affirmar a supremacia do Estado em frente das resistencias da Egreja e contra as avançadas do socialismo, porém affirmal-a conservando os seus grandes orgãos historicos e fugindo como de peste do papel de reformador, professar o scepticismo mais desdenhoso tocante o alcance pratico das theorias sociaes e uma misanthropia quasi cynica tocante ao valor moral dos homens, e fazer tudo isto com a mão no punho da espada e uma salutar confiança no primado soberano da força, tal foi o programma que o principe de Bismarck concebeu e seguiu com uma tenacidade de ferro na segunda parte da sua gloriosa carreira. Guilherme II parece não se querer afastar da linha de proceder do grande chanceller no que toca á politica exterior; as suas continuadas viagens, os seus innumeraveis discursos não manifestam senão desejos de travar relações cordeaes com os seus visinhos e consolidar a conservação da paz; a manutenção da triplice alliança e a sua renovação n'um pe-

riodo proximo parecem entrar nos seus planos diplomaticos e a propria visita ao imperador da Russia, por occasião das grandes manobras militares, não tem nada que destoe d'esse systema de coquetteria politica que fez comparar o principe de Bismarck á Celimène do *Misanthropo*. Mas no que toca a politica interna o moço imperante tem idéas pessoaes que nutre convicto e professa com desassombro. Quanto estas idéas se afastam das do chanceller, a retirada d'este provou-o de sobra. Quanto esta acção irá revolver fundo o organismo social e politico da Allemanha, as medidas tomadas, como a reunião da conferencia operaria e a não-renovação das leis de excepção contra os socialistas, bem como as reformas que se annunciam para breve, e que têm por objecto a escóla primaria, a communa e o imposto, provam-no bastante. Guilherme II é tão moço na alma como nos annos e a audacia é uma qualidade dos moços.

O professor Ernesto Renan na sua famosa *Carta a um amigo d'Allemanha* denunciava com uma aspereza que lhe é pouco habitual, mas com um grande fundo de razão, o regimen de ferro implantado pelos estadistas prussianos, esse confessado desdem por toda a tentativa destinada a resolver as velhas questões pendentes e a fundar a harmonia das classes, esse desamor pelos interesses superiores da cultura humana, tratados de chimeras, e esses sarcasmos contra as nobres aspirações do coração humano qualificados de sentimentalismo. E o eminente publicista ajuntava que as nações são chamadas cada uma a seu turno a exercer uma hegemonia moral, e aos grandes homens que as encarnam incumbe a missão de assombrar, deslumbrar, consolar os homens. E quanto ao regimen contemporaneo elle não representava mais que a bancarrota do idealismo germanico feita em proveito da rasteira diplomacia prussiana.

A diplomacia prussiana poderia responder-lhe alguma coisa. Não o faremos nós. Mas seja como fôr, o professor Renan deve estar satisfeito. Eis que subiu ao primeiro throno da Europa um moço audacioso, incansavel no trabalho, cheio de talento, rico de cultura e que parece precisamente arder no desejo de *assombrar, deslumbrar e consolar os homens.*

Mas para levar ávante os seus planos o imperador terá de cortar ou derrubar formidaveis obstaculos. As difficuldades interiores do Imperio germanico são enormes. E as reformas projectadas não tendem a pallial-as, antes a fazel-as entrar n'um periodo agudo. Apontemos em breves traços as principaes, e com ellas os recursos com que o imperador póde contar para as vencer.

Em primeiro logar ha o espirito separatista dos estados secundarios, contido em limites plausiveis nos tempos normaes mas que póde destruir a unidade germanica sob a acção d'um abalo consideravel. Com effeito, é sabido como essa unidade é de recente creação, á custa de que violencias e iniquidades foi realisada, que fundos resentimentos provocou, que odios e invejas chamou contra a dynastia dos Hohenzollern e finalmente como é real o dualismo geographico e moral da Allemanha manifesto tanto no contraste physico da rasa planicie prussiana com o pittoresco planalto da Germania meridional, como na opposição moral entre o positivismo e o jurismo formalista de Kant e o profundo naturalismo religioso e mystico de Schelling, de Gœthe e de Hegel. Certamente este dualismo está encerrado dentro de certos limites e mal adveio a Luiz Napoleão em contar demasiado com elle. Mas limitado como é, esse dualismo existe, esse separatismo persiste, um abalo interno ou um choque exterior póde exacerbal-o e é sabido que apoio encontrariam esses elementos de desunião, junto á diplomacia das potencias inimigas da Allemanha.

Ajuntem-se as difficuldades religiosas. Após o grande movimento da Reforma, a contra-revolução religiosa do seculo XVI veio oppôr um dique á corrente das innovações e a actividade dos grandes papas dos seculos XVI e XVII secundada pela poderosa companhia de Jesus, conseguiu preservar do contagio protestante a Hespanha e a Italia, esmagar a heresia em França e reconquistar ao inimigo no seu proprio terreno metade dos seus recrutas, arrancando-lhe a Baviera, o Hanover e a Austria, e preparando as armas para a terrivel guerra dos Trinta annos; e como nada do que é emprehendido com fé e amor se perde n'este mundo, é ao esforço d'esse punhado de hespanhoes e por-

tuguezes, que foram Loyola e os seus companheiros, que a igreja deve um dos seus mais robustos esteios e tambem os governantes do Imperio um dos seus mais serios cuidados. O numeroso partido commandado por Windthorst e denominado Centro catholico, é um dos elementos mais importantes na vida constitucional do imperio, e o seu antagonismo com as confissões protestantes e com as escólas liberaes constitue um motivo de perpetuos conflictos ainda aggravados pela arrogancia das pretenções theocraticas e a correspondente reacção das intransigencias lutheranas ou liberaes. A proxima reforma do ensino, em que o imperador parece intervir pessoalmente, não fará senão exacerbar este conflicto, conhecida a importancia que a igreja liga á questão da escóla primaria e á resistencia que os seus adversarios opporão a desandar no caminho das conquistas seculares realisadas.

Tomem-se ainda em conta as difficuldades propriamente politicas. Comquanto possa surprehender os que não são lidos na historia contemporanea da Europa, é certo que o principio monarchico é d'uma solidez relativa na Allemanha, que a velha fé dynastica obliterou-se em toda a Europa occidental n'um tempo em que até os reis não crêem bem na legitimidade dos seus direitos, que poderosos elementos republicanos já existiam, mesmo antes do movimento socialista, no Wurtemberg e nas provincias rhenanas vinte annos occupadas pela França revolucionaria, que nos annos de 48 e 49 as corôas allemãs andaram á matroca como boias arrancadas pela tempestade, e a Revolução tripudiou em Berlim como em Paris, que a fidelidade dos grandes proprietarios e dos grandes industriaes que constituem o nervo das classes conservadoras, é condicional, limitada pelo interesse, e ha d'isso provas recentes, que finalmente no dia em que se pozesse em questão o throno, Guilherme II só poderia contar com a constancia da fidalguia rural e militar prussiana. Ora a reforma da communa que virá destruir os vestigios do velho regimen feudal e completar as medidas que modificaram profundamente a Prussia depois de Iena, não póde senão desgostar os membros da aristocracia prussiana, como a reforma

proporcional do imposto e a protecção ao operario não farão senão irritar os grandes proprietarios e os grandes industriaes, e envenenar a campanha que desde já levantam na imprensa os orgãos dos grandes patrões mineiros da Allemanha occidental.

Finalmente, atraz de tudo, como o dragão no fundo da caverna, negreja a questão social. E é para ella que Guilherme II vai direito como o cavalleiro da lenda. Terá elle a espada encantada e as palavras que esconjuram? Nunca heroe algum haverá mais precisado d'ellas. Porque se trata de resolver um problema que a Historia deixa aberto, um problema que por não têl-o resolvido morreram de morte affrontosa as duas civilisações classicas, e que é realmente o problema visceral da Historia. Porque se trata de realisar uma empreza nunca conseguida, não de fundar ou derrubar uma dynastia, não de transformar uma revolução religiosa n'uma revolução politica como Cromwell, não de lançar as bases d'uma monarchia militar sobre as ruinas d'uma revolução suffocada como Napoleão, não de ganhar batalhas ou tomar cidades de assalto, mas de salvar o fundo abysmo que a fatalidade abriu entre classe e classe, de extirpar o antigo cancro da Miseria, e dobrar até beijar as pontas esse duro arco fundido no ferro do egoismo, cujos extremos se chamam Capital e Trabalho. Que o imperador pensa n'isto, que a conferencia operaria não representa uma velleidade ou uma bravata, que a grandeza das difficuldades não o faz recuar parece sobejamente provado. No momento mesmo em que escrevo estas linhas as noticias chegadas sobre o discurso pronunciado em Breslau indicam que o imperador persiste no seu plano e espera o auxilio de todos os bons allemães para obter a paz social e debellar os perigos do anarchismo.

Para vencer tão grandes obstaculos o imperador póde contar com recursos tambem grandes: e são elles a docilidade germanica tão bem disposta para a authoridade legitima, a provada fidelidade da fidalguia militar, a força do seu numeroso, aguerrido e disciplinado exercito, o mecanismo da sua admiravel burocracia, o prestigio dos seus dotes pessoaes e das tradi-

ções da sua gloriosa familia, a sympathia que inspira uma tão nobre tentativa a todos os corações generosos, e finalmente os seus proprios talentos secundados pelos mais variados estudos e educados n'essa grande escóla de bom-senso chamada a guerra, que o preservará de chimeras e lhe fará vêr o que é possivel e pratico através das illusões que naturalmente assaltam um reformador moço.

Entre as numerosas palavras que uma reportagem avida tem attribuido ao principe de Bismarck conta-se um juizo critico do velho ministro sobre os planos reformadores do moço imperador, juizo critico penetrado d'aquella grande sabedoria bebida na experiencia da vida e na pratica dos negocios, e que constitue o traço distinctivo do seu genio. Graves e profundas palavras essas em que se insinua o perigo de desencadear as esperanças revolucionarias, e se estabelece a solidariedade entre todas as peças do edificio politico, de sorte que se se desloca uma só pedra compromette-se toda a construcção e com ella as pedras coronaes. Graves palavras essas d'onde escapam como settas despedidas através das brumas dos tempos sinistras previsões sobre o futuro do imperio e do seu chefe. Mas Guilherme II tem no fundo razão. Uma grande politica deve ser realista nos meios, mas idealista nos fins. E se a sua audacia não provar senão temeridade, se o seu esforço fôr vão em frente d'uma empreza que talvez exceda o esforço humano, se essa tentativa não fôr senão uma aventura e se essa aventura tem de acabar de modo tragico, se o seu corpo tem de tombar varado de balas no campo da guerra estrangeira ou decepado pelo cutello no alto do cadafalso revolucionario, ainda assim terá escolhido o melhor quinhão. E junto ao ataúde onde o seu cadaver repousar amortalhado na nuvem dourada e sangrenta das illusões desfeitas, o historiador poderá murmurar as palavras do poeta:

> ... il est d'un grand cœur et d'un heureux destin
> D'expirer comme toi pour un amour divin.

G. Côrte-Real.

PRATICAS E THEORIAS

DA

DICTADURA REPUBLICANA

NO BRAZIL

« Aucuns, voyants la place du gouvernement politique saisie par des hommes incapables, s'en sont reculés.

« Et celuy qui demanda à Cratès jusques à quand il faudrait philosopher, en receut cette response : Jusques à tant que ce ne soient plus des asniers qui conduisent nos armées ».

Montaigne, livre I, cap. XXIV.

Ha algumas semanas a Dictadura brazileira fez telegraphar para o estrangeiro a noticia de que fôra solemnemente promulgada, no Rio de Janeiro, a nova Constituição do Brazil. Acreditou a Europa por alguns dias que havia cessado n'aquelle paiz o extraordinario regimen do arbitrario inutil, sem precedente na historia dos paizes cultos.

Chegaram, porém, os jornaes, e o publico europeu teve occasião de verificar uma vez mais a audacia phenomenal com que um pretenso governo, sem necessidade, mente tão repetidamente ao mundo.

A solemne promulgação que, segundo o telegramma official, fôra tão applaudida em todo o paiz, na verdade nada tivera de solemne. Não foi sequer uma promulgação verdadeira, pois a Constituição não entrou em vigor; e não foi applaudida, como se vê da leitura dos jornaes dos Estados.

Nos circulos officiaes no Brazil, e entre os endeusadores da Dictadura, está por tal modo obliterada e esquecida a noção da soberania popular, que esta pseudo-promulgação do novo codigo

constitucional foi um acto que teve toda a apparencia de um presente devido á generosidade do snr. Deodoro — presente concedido e festejado em familia.

Uma folha illustrada, inspirada n'esse meio, representou, n'uma abominavel lithographia, uma mulher de mãos tortas, adiantadas para o snr. Deodoro, recebendo d'este militar um livro grosso, mal encadernado, que tem na capa este nome: CONSTITUIÇÃO [1]. Ao lado do liberal e magnanimo dador da Constituição está a figura do snr. Ruy Barbosa.

Os jornaes officiosos e amigos do governo noticiaram minuciosamente esse pretendido acto solemne da assignatura e promulgação da Constituição — acto que na realidade não foi senão um acontecimento da estricta intimidade da familia do Dictador. Veja o leitor a singularidade burlesca, e commova-se a posteridade, com a grandeza da scena a que vamos assistir [2]:

« O snr. ministro da fazenda levou em sua pasta o autographo. Lido pelo snr. secretario Fonseca Hermes (sobrinho do Generalissimo) e feitas algumas emendas de redacção, passou o projecto ás mãos do Generalissimo chefe do Governo Provisorio.

« O menino Mario da Fonseca (este innocente tambem é sobrinho da Dictadura) offereceu então a s. exc.ª uma penna de ouro adquirida pelos snrs. ministros para essa assignatura solemne. O autographo foi assignado ás 5 horas e 50 minutos da tarde.

« Depois da assignatura passaram para o salão de jantar os snrs. ministros e secretarios presentes. Foi uma festa toda intima.

« A exc.ma esposa do Generalissimo sentou-se no topo da mesa. O Generalissimo occupou o centro da mesa » [3].

O *Diario de Noticias* disse que o ministerio tinha deliberado, decerto em attenção á grande solemnidade do dia, que só houvesse dois brindes: um ao Generalissimo, outro a M.me Deo-

1 A *Revista Illustrada* do Rio de Janeiro.

2 *Gazeta de Noticias* de 23 de junho.

3 A Dictadura ignora as regras da distribuição de logares á mesa, admittidas na boa sociedade. Esses pequenos factos dão ás vezes idéa justa do grau de cultura social dos individuos.

doro da Fonseca. O Generalissimo porém não fez caso d'essa deliberação do seu ministerio (como não tem feito caso de muitas outras) e rompeu logo n'um brinde ao snr. Ruy Barbosa que retorquiu promptamente n'outro brinde ao snr. Deodoro, e entre as amabilidades ditas ao Generalissimo teve a idéa de o comparar a Washington [1]. « O snr. Quintino Bocayuva saudou a exc.ma esposa do Generalissimo. Foi este o ultimo brinde ».

O povo brazileiro, a nação, não foram lembrados nem deviam sel-o, porque o povo e a nação não tiveram parte alguma na obra d'essa Constituição. O innocente Mario da Fonseca collaborou mais n'essa obra do que o povo brazileiro. Ao levantar da mesa, talvez entre o charuto e o café, foi assignado o telegramma para a Europa, annunciando a solemne promulgação da Constituição no meio dos applausos de todo o paiz. Em seguida, dizem os jornaes, o Generalissimo e os ministros assignaram uma circular telegraphica aos governadores dos Estados, annunciando a assignatura da Constituição, dando conta do banquete, sem esquecer de mencionar que a penna offerecida ao Dictador era « de ouro com pedras preciosas ».

Estas foram as fórmas externas da publicação da Constituição, cuja assignatura foi um aperitivo de nova especie, um vermuth constitucional e reconstituinte que precedeu o jantar intimo do snr. Deodoro.

E essa Constituição promulgada e festejada em familia? que documento é esse? No seu preambulo é mais uma affronta, mais uma humilhação para o povo brazileiro:

Decreto n.º 510 de 22 de junho de 1890

« O Governo Provisorio da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, *constituido pelo exercito e pela armada*, em nome e com o assenso da nação:

[1] Jornaes do Rio de Janeiro de 23 de junho. A *Gazeta de Noticias* diz que o snr. Ruy Barbosa fez este brinde « em phrases *ligeiras porém eloquentes* ». Os novos manuaes de rhetorica deverão mencionar o novo genero; a eloquencia ligeira — para occasiões solemnes, anniversarios, promulgações de constituições, baptisados, etc. etc.

« Considerando na suprema urgencia de accelerar a organisação definitiva da Republica, e entregar no mais breve prazo possivel á nação o governo de si mesma, resolveu formular sob (*sic*) as mais amplas bases democraticas e liberaes, de accordo com as lições da experiencia, as nossas necessidades e os principios que inspiraram a revolução de 15 de novembro, origem actual *de todo o nosso direito publico*, a Constituição dos Estados-Unidos do Brazil, que com este acto se publíca, no intuito de ser submettida á representação do paiz em sua proxima reunião, entrando em vigor, desde já nos pontos abaixo especificados;

« E em consequencia,

« Decreta:

« Art. 1.º É convocado para 15 de novembro do corrente anno o Congresso Nacional dos representantes do povo brazileiro, procedendo-se á sua eleição a 15 de setembro proximo vindouro.

« Art. 2.º Este Congresso terá poderes especiaes do eleitorado para julgar a Constituição que n'este acto se publíca e será o primeiro objecto de suas deliberações.

« Art. 3.º A Constituição ora publicada vigorará desde já *unicamente* no tocante á dualidade das duas camaras do Congresso, á sua composição e á funcção que são chamadas a exercer, de approvar a dita Constituição e proceder em seguida de accordo com as suas disposições;

« Pelo que o Governo Provisorio toma desde já o compromisso de cumprir e fazer cumprir *n'esses pontos* a dita Constituição que é do theor seguinte... »

Segue-se a chamada Constituição.

*

* *

A Constituição publicada pela Dictadura não entrou em vigor. Porque? Porque a dictadura não quiz cercear o seu proprio poder. Os direitos do homem proclamados no art. 72.º me-

nos claramente e em peor portuguez do que os proclamava o art. 179.º da antiga Constituição: esses direitos não estão em vigor. A eleição vai ser feita sob o regimen dictatorial, sem haver liberdade de imprensa nem de reunião; sob um regimen que permitte que qualquer cidadão seja banido, deportado e enviado para os presidios do Estado sem processo, sem garantia legal, mettido na cadeia sob o pretexto mais futil e até sem nenhum pretexto [1].

Não contente com fazer perdurar a Dictadura, não pondo em vigor as disposições constitucionaes que são a garantia da liberdade individual, o governo, para melhor assegurar o resultado da eleição, expediu um regulamento destinado a favorecer visivelmente a corrupção e a fraude officiaes. Por esse regulamento, os governadores, chefes de policia, commandantes de armas e de corpos policiaes podem ser eleitos (e hão de sêl-o com certeza) pelos estados e districtos federaes onde exercem auctoridade e pressão (Art. 4.º). Em paiz algum do mundo existe escandalo igual.

Os partidos politicos do Imperio, em opposição, tinham conseguido depois de grandes luctas a incompatibilidade eleitoral d'aquellas auctoridades. As mesas eleitoraes eram compostas pelo elemento electivo, isto é, os juizes de paz e os fiscaes

[1] O cidadão Bellarmino Pessoa de Mello, achando-se n'um logar publico do Rio de Janeiro, foi violentamente insultado por um dos irmãos do Marechal Deodoro. Esse irmão accusou o snr. Pessoa de Mello de ter tido a audacia de vir, durante um trajecto n'um tramway, *fazendo olho* á mulher d'elle irmão do Dictador. Para terminar, o irmão do snr. Deodoro ameaçou com a prisão o snr. Pessoa de Mello que se apressou em vir contar o caso pelas folhas, implorando a justiça e a imparcialidade do Dictador. Não lhe valeu de nada esta reclamação, nem os protestos que fez da sua innocencia. D'ahi a dias foi o snr. Pessoa de Mello recolhido ao carcere onde esteve trinta dias por ordem do Governo Provisorio, ficando o publico sabendo que tal é o castigo de quem, para o futuro, tiver a infelicidade de piscar o olho ás cunhadas da Dictadura.

O negociante portuguez José Pereira Ramalheira accusado, em Sepetiba, por algumas pessoas, de «viver a fallar mal da vida alheia», foi recolhido á casa de correcção do Rio de Janeiro por ordem do chefe de policia. (*Gazeta de Noticias* de 16 de junho).

nomeados pelos candidatos. O regulamento eleitoral emanado da Dictadura supprimiu todas essas garantias. As mesas eleitoraes serão compostas no districto de paz, séde do municipio, pelo presidente, dois membros da intendencia municipal e dois eleitores designados pelo mesmo presidente da intendencia; — nos outros districtos de paz e suas secções por um presidente e quatro cidadãos nomeados pelo presidente da intendencia; — o presidente da intendencia é nomeado e demittido á vontade do governador candidato (Art. 13.º); — a mesa funccionará em logar separado do recinto franqueado aos eleitores, sem nenhuma fiscalisação contra os actos que não possam ser vistos de fóra, taes como: a leitura de um nome por outro na cedula, a maior e mais veseira fraude eleitoral que se póde praticar (Art. 47.º); — as cedulas serão queimadas lògo após a apuração (Art. 43.º); — o governo não poderá mandar força para o recinto dos collegios eleitoraes, *salvo se ella fôr requisitada pelo seu preposto presidente da intendencia ou pelos presidentes das outras mesas* designados pelo dito preposto!!! (Art. 52.º) [1].

A Constituição do snr. Deodoro declara (Art. 26.º) inelegiveis os padres, os governadores dos Estados, os commandantes e os funccionarios militares, os magistrados e os funccionarios administrativos demissiveis sem processo.

Pois bem: o governo que julga indispensaveis essas incompatibilidades para a pureza das eleições ordinarias, agora que se trata da eleição mais importante que um paiz póde fazer, da eleição de uma constituinte que deve ser a mais isenta de toda e qualquer suspeita de fraude, esse governo decretou n'umas *Disposições transitorias,* que, *d'esta vez,* não haverá incompatibilidades! O que é immoral nas eleições ordinarias deixa de o ser

[1] Em resumo; diz um articulista da *Gazeta de Noticias:*

« Os ministros e governadores candidatos elegem os presidentes das intendencias, estes com seus collegas, tambem pelos ministros e governadores eleitos, presidem ás mesas dos districtos, sédes dos municipios, e designam á vontade quem presida ás outras; recebem as cedulas com todas as formalidades de limpeza; apuram-nas como querem, sem que alguem possa penetrar na divisão em que estão; queimam depois as cedulas e ficam nomeados membros do congresso! »

na primeira eleição republicana! E para cumulo de irrisão só é mantida a incompatibilidade dos padres, dos padres que só têm armas moraes para convencer e influir, ao passo que os militares e as auctoridades candidatos têm mil meios de compressão e de corrupção. Qual a razão d'esta injusta desigualdade? A razão está no facto de que a Republica brazileira é uma indefeza prisioneira dos militares ambiciosos que a fizeram, que a mantêm, e que a escravisam. Quizessem os theoristas republicanos do governo applicar os seus principios excluindo do Congresso os militares, e não durariam mais um momento esses pobres ministros civis.

A Republica brazileira, querendo constituir-se por meio de uma eleição em que vai preponderar, pela força da propria força, o elemento militar, abjurou, ao nascer, o ideal republicano de um povo culto.

Na França republicana é respeitado o dogma democratico de que a politica está fóra da esphera militar. Segundo o art. 9.º da lei do recrutamento, os militares de todas as patentes, tanto de terra como de mar, não tomam parte em voto algum, quando estão no exercicio das suas funcções. Os militares e os officiaes de marinha, em serviço activo, não podem ser eleitos, e o mesmo acontece aos que estão em disponibilidade, salvo os militares fazendo parte da segunda secção do Estado Maior geral e aquelles que commandaram em chefe diante do inimigo (Lei de 30 de novembro de 1875, art. 7.º). O general Lewal, um dos militares republicanos de mais prestigio, escreveu estas palavras: «O exercito não póde ter direitos politicos. Conceder-lhe esses direitos é coisa contraria ao bom senso, pois o militar está submettido a um codigo especial, a chefes seus e não possue a sua liberdade. É coisa incompativel com a disciplina, pois o exercicio dos direitos politicos póde gerar um antagonismo entre o subalterno e o superior» [1].

Um escriptor insuspeito aos homens da Dictadura brazileira, porque é um republicano e é um discipulo de Comte, o

[1] General Jung, *La Guerra et la Société*, Paris, 1889, pag. 295.

general Jung, n'um livro revisto e approvado por Gambetta, escreveu esta phrase que bem caracterisa a verdade:

« Os legisladores que votaram a interdicção dos direitos politicos ao exercito, fizeram uma coisa justa e conforme á moral social » [1].

Pois bem: os republicanos do Brazil, cedendo ás ambições dos militares e entregando-lhes as primeiras eleições da Republica, commetteram uma injustiça e praticaram uma clamorosa immoralidade social.

O primeiro Congresso sahirá do quartel, como do quartel sahiu a Republica [2].

*
* *

O Congresso, que nos termos do decreto de 23 de junho será chamado a « exercer a funcção de approvar a Constituição » do snr. Deodoro, não podia ser eleito por outra fórma. Ideada pela Dictadura, por ella convocada e gerada com todas as fraudes e todas as violencias caracteristicas dos regimens arbitrarios, aquella assembléa trará o estigma da sua origem. Ella não duvidará exercer a sua funcção approvando a Constituição assignada, antes da sôpa, em casa do Dictador.

Fallam muito os thuriferarios da Dictadura brazileira em Washington e nos Estados-Unidos. E o exemplo dos Estados-Unidos é no entanto a mais fulminante condemnação do que se está passando no Brazil.

« Nós, o Povo dos Estados-Unidos, com o fim de formar uma união mais perfeita, de estabelecer a Justiça, de assegurar a Tranquillidade domestica, prover á defeza commum, promover o bem-estar geral e assegurar os beneficios da Liberdade para nós e para a nossa Posteridade, ordenamos e estabelece-

[1] Ob. cit., pag. 296.

[2] No Paraná é o commandante das armas que preside ás reuniões eleitoraes e organisa as listas. Em Sergipe é o proprio governador que tomou a si esta tarefa.

mos esta Constituição para os Estados-Unidos da America».

Que grande e bella linguagem exprimindo a mais sublime grandeza d'este mundo, a de um povo livre, no exercicio dos seus direitos, conscio da sua liberdade! Que differença entre estas phrases dos grandes patriotas norte-americanos (grandes phrases, porque as escreveram grandes homens depois de grandes feitos), que differença entre esta nobreza de sentimento e de palavra, e a degradante humilhação que, mais uma vez, a Dictadura inflinge ao paiz, dando-lhe uma Constituição em nome do exercito e da armada apossados dos poderes publicos!

O primeiro Imperador proclamou a Constituição em nome «dos povos do Imperio juntos em camaras». O snr. Deodoro fal-o em seu proprio nome.

E no jantar da assignatura d'aquelle papel o snr. Ruy Barbosa, homem lido nos livros inglezes e norte-americanos, comparou o snr. Deodoro a Washington esquecido de que *non licet parva componere magnis.*

O snr. Ruy Barbosa ousou pronunciar o nome purissimo de Washington em casa do snr. Deodoro da Fonseca.

Nós tambem vamos fazer a nossa comparação:

Washington

Washington tinha sido official de milicias e depois coronel de voluntarios. Quando começou a Revolução era um simples agricultor. Não faltou aos seus juramentos. Acompanhou os seus compatriotas na sua resistencia aos impostos inconstitucionaes votados pelo parlamento inglez, e foi eleito deputado ao Congresso de Philadelphia (1777). Quando os representantes do povo americano resolveram resistir pelas armas, foi Washington unanimemente nomeado, pelo Congresso, general em chefe do exercito e mostrou-se sempre submisso ás decisões dos representantes eleitos dos Estados-Unidos.

Deodoro

O snr. Deodoro, em 15 de novembro, pertencia ao exercito brazileiro, e havia empenhado a sua palavra de honra, palavra de soldado, para a defeza do Imperador e das instituições politicas da sua patria. Não recebeu commando algum confiado pelo governo ou pelos representantes da nação brazileira. Pozse á frente de algumas tropas rebeldes, esqueceu os seus juramentos, dispersou os representantes da nação, destruiu as instituições que jurára defender e depoz o velho Imperador que o accumulára de distincções e de quem se dizia amigo.

Washington aceitou a presidencia da Republica quando livremente eleito pelos seus concidadãos (1789). Não tinha commando algum nem exercia nenhum poder politico n'essa occasião; estava retirado em Mount Vernon. Repelliu a dictadura e o poder supremo da realeza que lhe offereciam e que tinha toda a liberdade e facilidade para aceitar [1].

De Washington, diz Thomaz Jefferson: «Nenhum motivo de interesse, de parentesco, de amizade ou de odio influiu jámais em suas decisões. Durante toda a sua carreira civil e militar mostrou sempre um respeito tão religioso pela lei, como a historia do mundo não offerece outro exemplo» [2].

«Washington nunca mostrou para com o exercito nem complacencias nem fraquezas. Não perdia uma só occasião

1 *Washington's Writings,* tom. VIII, pag. 300; Guizot, *Washington,* étude historique, pag. XLVI, na Hist. de Washington, de Cornelis de Witt; Washington Irving, *Life of Georges Washington,* tom. IV, pag. 1362; Cabot Lodge, *Georges Washington,* Cambridge, 1889, vol. I, pag. 330.

2 *Washington Irving,* tom. IV, pag. 1580.

O snr. Deodoro fez-se Dictador, o primeiro que o Brazil tem tido [1] e chefe do unico governo que n'aquelle paiz tem governado sem lei alguma. Vai ser eleito presidente emquanto exerce esta dictadura, tendo debaixo do seu poder absoluto os futuros e indefesos eleitores.

O snr. Deodoro reservou para si um ordenado 20 % maior do que o povo norte-americano dá ao seu primeiro magistrado. Á sombra e com a protecção do snr. Deodoro medra no Brazil um nepotismo nunca visto; os sobrinhos numerosos são nomeados para empregos, recebem promoções escandalosas, cercam os ministros, influem nas suas decisões, e ao redor d'elles só se ouve o degradante clamor dos aduladores. O snr. Deodoro varias vezes declarou quo o seu fim era vingar-se dos ministros pouco se importando que *levasse a bréca a monarchia* [2]. Quanto ao seu respeito á lei, está claro que, sendo o Dictador o desprezador de toda a lei, esse respeito é uma das virtudes desconhecidas do snr. Deodoro.

O snr. Deodoro, um official bravo, que teve diante dos olhos os exemplos de civismo dos seus chefes gloriosos,

1 Os vice-reis e os governadores do tempo da colonia governavam segundo a lei escripta. O absolutismo colonial reconhecia um direito publico e era limitado por elle. O absolutismo do snr. Deodoro não tem limite.

2 Vid. *Gazeta de Noticias* de 17 de julho — artigo *Apontamentos para a Historia.*

*

de lhe inculcar esta verdade: *que a subordinação e a dedicação*, não sómente á patria, mas ao *poder civil*, são coisas da condição natural do exercito e são o seu *primeiro dever*» [1].

Em 1781 alguns regimentos da Pensylvania, amotinados e conduzidos pelos seus sargentos (e não pelos officiaes, que esses foram fieis) foram reclamar do Congresso reunido em Philadelphia o reconhecimento e o pagamento dos prets atrazados. O Congresso entrou em transacção com os amotinados; Washington reprovou essa solução como *perigosa e destruidora da disciplina* [2]. Dias depois os regimentos de Jersey, acampados em Promptòn, imitaram o exemplo dos da Pensylvania e marcharam contra o Congresso. Washington mandou ao encontro d'elles o general Howe com uma força reduzida com instrucções positivas de não admittir arranjo algum que não fosse uma rendição incondicional. Recommendou-lhe que fuzilasse os cabeças e que, para vencer os revoltosos pedisse o auxilio das milicias locaes, e nas instrucções escreveu Washington estas memoraveis palavras: «Procure utilisar os serviços da milicia; faça-lhe vêr *quanto é perigoso para a liberdade civil o precedente de soldados armados dictarem leis ao seu paiz*» [3]. Os sediciosos foram obrigados a depôr as armas e dois foram fuzilados [4].

Em 1783, o major John Armstrong dos Caxias, dos Osorio, dos Porto-Alegre e outros generaes brazileiros, esqueceu estes exemplos. Deixou-se dominar pela sua ambição pessoal e pela influencia do snr. Benjamim Constant.

Longe de reprimir por sua influencia os excessos da indisciplina, tornou-se o echo da vozeria da officialidade insubordinada. Por seu intermedio e com grave descredito da civilisação brazileira, a guarnição do Rio de Janeiro fez intimativas aos governos. Longe de se esforçar por combater os sediciosos, chamando-os ao estricto cumprimento do nobilissimo dever militar, de que tão deploravelmente se afastaram alguns officiaes brazileiros, o snr. Deodoro patrocionou, animou todos esses crimes de lesa-nação, e tirou d'elles até o maior proveito para si e para a sua familia. A guarda nacional, correspondente ás milicias locaes em que Washington, por amor á liberdade, desejava apoiar-se, era instituição temida e execrada pelo snr. Deodoro e seus amigos, que viam n'ella um obstaculo á realisação das suas ambições. Ao contrario de Washington, o snr. Deodoro não vê quanto é perigoso para a liberdade o precedente de soldados armados dictarem a lei; o seu governo vangloria-se de ser constituido pelo exercito e pela armada. O snr. Deodoro assignou manifestos concitando a classe militar a fazer pressão sobre os governos para garantir os seus interesses que o snr. Deodoro julgava ameaçados. O snr. Benjamim Constant, que compararíamos ao major Armstrong se este major não fosse um militar que viu muitas vezes o que nunca quiz vêr o snr. Benjamim Constant, isto é, o fogo — arrastou o snr. Deodoro a reuniões sediciosas; e em 1887 a officialidade da guarnição do Rio de Janeiro, tendo já á sua frente o snr. Deodoro, reuniu-se publica-

---

1 Guizot, *Washington*, étud. hist., pag. XLVI.

2 Irving, ob. cit., vol. III, pag. 1235.

3 Irving, ob. cit., tom. III, pag. 1235: «You will also try to avail yourself of the services of the militia, representing to them *how dangerous to civil liberty is the precedent of armed soldiers dictating the law to their country*».

4 Ramsay, *Vie de Washington*, pag. 185.

espalhou no acampamento de Newburg um impresso anonymo convidando os officiaes descontentes a tomarem a defeza dos seus proprios interesses forçando o Congresso e o Povo a attenderem ás suas justas reclamações. O general Washington conteve a tempestade, chamou-os ao cumprimento do dever pronunciando estas palavras: «Declaro por este modo publico e solemne, que podeis contar plenamente para a defeza de vossos interesses e para que justiça vos seja feita, com todos os serviços da minha dedicação *comtanto que ella possa exercer-se sem prejuizo dos grandes deveres que tenho para com a minha patria e para com os poderes que somos obrigados a respeitar* [1].

«Em 1784 e 1787, diz Guizot, os officiaes reformados tentaram formar entre si uma sociedade que, depois da dispersão consecutiva á paz, conservasse um laço de união entre os officiaes, para amparo mutuo dos seus membros e suas familias. Chamava-se esta sociedade a sociedade de *Cincinnato*. Washington, vendo que estas simples palavras — *Associação Militar* — despertavam a desconfiança e o descontentamento da sua patria ciosa da liberdade [2], não só fez modificar os estatutos da sociedade, como, apesar da affeição que tinha a mente n'um theatro e ahi chefes agaloados e de bigode branco, ouviram alferes alitteratados, de pince-nez de ouro, sem buço e pouco prosodicos, injuriar em discursos pedantescos (genero Benjamim) os poderes do Estado que Washington respeitava e fazia respeitar.

O snr. Deodoro tomou parte na formação da sociedade politica conhecida pelo nome *Club Militar*, e aceitou a presidencia d'essa associação. O Club Militar não se limitou a ser um gremio de officiaes com o fim de manter uma solidariedade fraternal e occupar-se do estudo de questões militares. O Club presidido pelo snr. Deodoro, não teria sido permittido em nenhum paiz culto. Onde ha a comprehensão verdadeira e patriotica do que seja o dever militar, associações d'esta ordem não são creadas e nunca seriam sequer toleradas. Os grandes e immortaes cidadãos que fizeram a republica dos Estados-Unidos da America, considerariam, como Washington considerou, que essa associação militar era um perigo para as liberdades publicas.

---

1 W. Irving, obr. cit., IV, pag. 1370; *Washington Writings*, tom. VIII, pag. 392-400; Guizot, *Etud. Hist.*, XLVI; Ramsay, *Vie de Washington*, pag. 223.

2 O juiz Burke fez-se echo da opinião publica e escreveu um pamphleto dizendo que a sociedade pretendia *collocar os militares acima das classes civis*. Este grito de alarme echoou na legislatura do Massachussets e foi repetido em todos os Estados da União.

essa sociedade, rejeitou publicamente a presidencia d'ella e deixou de tomar parte nas suas reuniões» [1].

Washington, eleito presidente, formou um gabinete de conciliação com os principaes homens dos dois partidos politicos em que estava dividido o paiz: Jefferson e Randolph, do partido democratico; Hamilton e Knox, do partido federalista.

«Ninguem mais do que Washington, diz Cornelis de Witt, teve repugnancia em invocar a razão de Estado para desculpar actos arbitrarios ou injustos. Ninguem abusou menos do poder; ninguem mostrou mais respeito pela liberdade. Washington nunca assignou um decreto de desterro ou de banimento. Apenas removeu de New-York para o Connecticut, treze pessoas accusadas de intelligencia com o inimigo».

Como militar, Washington commandou em chefe os exercitos da sua patria em tempo de guerra contra o estrangeiro. Os americanos lhe não chamam *Invicto,* porque, como Frederico, como Napoleão e todos os grandes capitães, soffreu revezes mas ganhou varias victorias decisivas como as de Boston

[1] Guizot, *Etud. Hist.*, XLVII; *Cartas* de Washington ao general Knox e a Arthur St. Cyr, citadas por Guizot.

O snr. Deodoro excluiu do governo os dois partidos que formavam a grande maioria da nação e entregou-se aos republicanos que não tinham organisação séria senão em S. Paulo e que constituiam uma muito pequena minoria de politicos despeitados e incapazes, como disse o snr. José do Patrocinio [1], e de alguns supersticiosos bohemios e jacobinos.

O snr. Deodoro desterrou e baniu, não só toda a Familia Imperial, como varios brazileiros eminentes. Assignou leis de excepção; creou commissões militares para pretendidos delictos politicos [2]. Durante a Dictadura do snr. Deodoro, desappareceu do Brazil a liberdade de imprensa e de reunião e muitos cidadãos têm sido presos sem fórma alguma de processo. A liberdade politica ficou supprimida no Brazil em virtude da vontade do snr. Deodoro e dos seus ministros.

O snr. Deodoro, militar valente, não passou no Paraguay de um chefe de batalhão e n'essa qualidade foi ferido, o que aconteceu a centenas de outros

[1] Conferencia feita no Rio de Janeiro em 1888.

[2] Luiz Napoleão, depois do 2 de dezembro não ousou crear essas commissões militares; creou *commissões mixtas,* em que tinham assento juizes letrados e que julgavam segundo a lei escripta.

(1776), Trenton (1776), Princetown (1777) e Yorktown (1781).

officiaes. Foi um *troisième rôle* [1]. Nunca commandou em chefe as tropas brazileiras em campo de batalha, nunca dirigiu combate algum. Agora, em tempo de paz, de figos e de vaccas gordas é generalissimo. Porque? Porque commandou em chefe a grande acção de 15 de novembro [2].

---

[1] A Dictadura corrompe tanto o caracter nacional que algumas Intendencias nomeadas por ella, em logar das municipalidades eleitas que foram dispersas, têm mudado o nome do general Osorio e de Caxias, dados a algumas ruas, pelo nome do general Deodoro.

[2] O plano do snr. Benjamim foi o mesmo do general de Offenbach, plano com o qual não havia combate possivel. Está hoje mais que provado que o snr. Deodoro quando penetrou a cavallo no pateo do quartel general sabia que a tropa estava a seu favor, desarmada. O marechal estava de convivencia com os commandantes. O coronel Andrade Pinto tinha até mandado tirar as balas das espingardas dos seus soldados. Vid. depoimentos dos officiaes publicados na *Gazeta de Noticias* com o titulo *Apontamentos para a Historia*.

Poderiamos proseguir no parallelo. Basta, porém, o que fica escripto. Quando dizemos «parallelo», empregamos, no caso presente, uma expressão impropria, porque se a vida politica de Washington é inflexivel como uma linha recta, esta rectidão ninguem a póde achar na existencia publica do snr. Deodoro. O gentleman da Virginia, descendente de austeros puritanos, é producto de outra civilisação e tinha atraz de si outra hereditariedade (moral e ethnographicamente fallando).

O snr. Ruy Barbosa póde ser muito grato ao snr. Deodoro a quem deve a posição que occupa. Não devia, porém, fazer ao valente militar, totalmente desnorteado n'uma situação para que lhe faltam os recursos intellectuaes, o mau serviço de pronunciar, depois do nome de Washington, o nome do chefe da Dictadura brazileira.

Ao snr. Deodoro, com todas as consequencias e inconsequencias da sua Dictadura, deve o Brazil o estar, Deus sabe até

quando, debaixo do militarismo: d'esse militarismo que todos os bons liberaes profligam e que o snr. Ruy Barbosa estigmatisava na sessão da camara dos deputados de 17 de março de 1879, ao pronunciar estas palavras: « O militarismo é uma instituição peculiarmente europêa, que o velho mundo soffre, maldizendo como exigencia flagelladora da situação conhecida, e que, entretanto, aqui, *sem necessidade nenhuma*, estadistas imprevidentes ou faceis, com uma inconsciencia incrivel, ou por uma especie de puerilidade perversa, inocularam na America que o repelle ».

A inconsciencia incrivel de que falla o snr. Ruy Barbosa foi a dos estadistas faceis que não viram no Brazil o perigo do militarismo; militarismo que não é dos paizes cultos, mas do Perú e da Bolivia; militarismo de generaes e generalissimos acclamados nas ruas por seus subordinados, e de generaes de brigada improvisados como o proprio snr. Ruy Barbosa.

Esse é o militarismo da Dictadura — systema que no Brazil é ás vezes despotismo e ás vezes opereta.

*
* *

No continente sul-americano, apesar dos progressos realisados n'estes ultimos annos, apesar da instrucção se ter espalhado, o militarismo politico, de que o Brazil podia ufanar-se até ha pouco tempo de estar isento, resurgiu com a revolução de novembro.

A Republica Argentina viu ha pouco uma tentativa de resurreição d'esse militarismo; e houve alli officiaes que deram, como bem disse o governo argentino, um novo escandalo perante o mundo civilisado, sublevando parte da tropa para, por meio da revolta, resolver questões politicas [1]. Eram enganadoras, até certo ponto, as apparencias de adiantamento moral, e a

[1] Proclamação de 26 de julho. Esta é a opinião dos povos cultos sobre toda e qualquer revolta militar.

fórma externa de civilisação politica que apresentava a Republica Argentina. Tão funesto é o militarismo politico que, mesmo depois de muitos annos, elle ainda resurge, ás vezes, nos proprios paizes que julgavam tel-o debellado.

O credito da Republica Argentina não soffreu muito, porque, se é verdade que a revolta de julho mostrou haver ainda no paiz militares politicos que se servem das armas para fazer politica, por outro lado, a victoria da causa da legalidade, a fidelidade que a maioria do exercito mostrou guardar aos seus juramentos, a bravura com que officiaes e soldados se bateram, resgataram perante o mundo a vergonha da insurreição militar. Cinco regimentos e os estudantes da escóla militar, transviados dos seus deveres, faltando aos seus juramentos, pegaram em armas contra a auctoridade legalmente constituida pela nação. A parte sã do exercito argentino, que, para honra d'esse exercito, foi a maior parte, conservou-se fiel e bateu-se cumprindo o seu dever; e os argentinos podem ter o justo orgulho de dizer que, se na sua ultima revolução houve erros e houve crimes, não houve traições em massa nem fraternisações que deixassem em duvida, perante o mundo, não só a lealdade, como a bravura dos seus officiaes. O commandante das forças do governo não se recusou a atacar os batalhões rebeldes, dizendo: São Argentinos! [1]

*
* *

Não foi só a Republica Argentina que durante o mez de julho deu mostras da bem conhecida fraternidade americana.

Na Bolivia, dois coroneis, generaes ou talvez marechaes, resolveram fazer heroismo e salvar um pouco a patria. Para

[1] No dia 15 de novembro o ajudante general Floriano Peixoto, que estando de accordo com os snrs. Deodoro e Benjamim Constant, se conservou ao lado do governo, fingindo querer defendel-o, recusou-se a atacar os rebeldes, dizendo que eram brazileiros. No dia 18 de dezembro mandou fazer fogo sobre 80 soldados revoltados. Quando os adversarios são 2:000, não os ataca porque são brazileiros; parece que, quando são 80 apenas, deixam de ser brazileiros.

isso concitaram algumas tropas a revoltarem-se contra o governo. O governo boliviano deu caça aos dois heroes, e dizem que estes se eclipsaram. Estas são as ultimas noticias que parecem confirmar a victoria da legalidade. O *Times* observa, porém, que n'estas luctas da America do Sul é difficil prevêr o resultado; não se póde calcular sómente com os recursos militares de cada um dos belligerantes; ha a traição, a perfidia, a defecção que mudam de um momento para outro a face das coisas. Na Republica Argentina, o adiantamento social e a civilisação parece não permittirem já essas defecções caracteristicas. A isto deve a ordem legal as suas victorias contra as revoltas militares de 1875 e de 1880.

Tambem na America Central houve ultimamente mais uma gloriosa revolução e mais uma vez foi salva a patria. O inclyto e invicto general Ezeta, á frente de alguns regimentos, surprehendeu em um baile o presidente do Salvador, o até então não menos inclyto e invicto general Menendez, que, não contando com essa revolução, em logar da ultima figura do *cotillon* teve um ataque e morreu, dizem os telegrammas inspirados pelo Ezeta, ou foi apunhalado, segundo outras noticias. Organisou-se um Governo Provisorio constituido pelo Exercito, não figurando n'elle a Armada pela simples razão d'ella não existir no Salvador; e a espantosa mudança politica realisou-se sem effusão de sangue, com applauso de todo o paiz e admiração do mundo. Foi, dizem os jornaes do inclyto Ezeta, um facto unico na historia e uma epopeia incruenta. O general Barrïllas, outro inclyto e invicto, presidente da Republica de Guatemala, não approvou a epopeia salvadorense, e, á frente das suas tropas, apresentou-se na fronteira. D'ahi combates repetidos que têm sido motivo para as comicas polemicas dos diplomatas centro-americanos na Europa, pretendendo cada qual que a victoria coube ao seu paiz.

E quando a lucta entre o Salvador e Guatemala arrefece, chega um telegramma noticiando as hostilidades entre os invictos e inclytos generaes Hippolyte, do Haiti, e Ulysses L'Heureux, de S. Domingos.

A titulo de actualidade devemos tambem fallar de uma ou-

tra epopeia incruenta de que Stanley deu noticia ao mundo na relação da sua ultima viagem. Esta epopeia foi a deposição do governador da Equatoria pelos seus officiaes egypcios e sudanezes. Este facto heroico e admiravel teve logar nas margens do lago Albert Nyanza. São textuaes as phrases seguintes:

« Os officiaes espalharam noticias aterradoras sobre as intenções de Emin; — diziam que Emin queria escravisal-os depois de dissolver o exercito. N'aquelle paiz fanatico e ignorante estas palavras espalharam-se como um rastilho de polvora. Insurreição geral e prisão do Pachá ». (Stanley, *A Travers les Ténèbres de l'Afrique*, tome II, pag. 114). « Nem todos tomaram parte no movimento, mas todos adheriram por amor da sua segurança e aceitaram o *facto consummado* ». (*Sic*, pag. 114, linha 42). « Os defensores do Pachá mostraram-se de uma cobardia insigne » (pag. 127). « Grandes paradas, festas e discursos » (pag. 140). « Todos os officiaes envergaram novos e vistosos uniformes » (pag. 143). « Selim Bey entrega ao Pachá em nome dos officiaes revoltados uma carta notificando-lhe a sua deposição » (pag. 149). « O chefe da sedição, o capitão Fadl-el-Uoulla promove-se a si mesmo Bey, isto é, coronel » (pag. 150). « N'uma palavra, diz Stanley, a queda definitiva do governo da Equatoria teve por causa as mentiras urdidas por um individuo meio-civil e meio-militar » (pag. 199).

Stanley não nos conta se esse hybrido personagem que bem já mentia constantemente, ou constantemente intrigava, era positivista ou professor da escóla militar. Não temos tão pouco os jornaes do Nyanza dando conta do enthusiasmo que despertou a gloriosa e estupenda revolução.

Perguntará talvez o snr. Deodoro, ao lêr estas noticias ao sabio snr. Benjamim Constant, porque ha tantos generaes que teimam todos os dias em assombrar o mundo com seus feitos. O snr. Benjamim Constant dirá que realmente o officio de fabricante de epopeias incruentas está meio achincalhado. O Rio de Janeiro já não é a unica cidade onde epopeias d'essas se têm realisado. O que o snr. Benjamim Constant não comprehende é esta mania de dar e receber tiros de bala que os generaes do

Salvador e de Guatemala parecem ainda conservar. «Que imprudencia!» pensa o snr. general de brigada.

Se o snr. Benjamim Constant não responde outra coisa, Herbert Spencer dá a verdadeira explicação da existencia d'esses governos de generaes ainda hoje communs na America Latina.

A explicação é esta, segundo o grande pensador:

«Entre os povos não civilisados o chefe militar tende manifestamente a tornar-se tambem um chefe politico» [1].

*
* *

O militarismo politico é (nem era preciso que Herbert Spencer o dissesse) um indicio do atrazo da civilisação nos paizes onde esse militarismo apparece. O militarismo, como o entendem as nações cultas, é o desenvolvimento dos meios de defeza externa de um paiz, é a constituição de um exercito nacional, estranho á politica e destinado a garantir diante das aggressões exteriores e internas a existencia, os interesses e a dignidade da patria. E qual o melhor criterio para distinguirmos um militarismo do outro?

Herbert Spencer fornece-nos indirectamente esse criterio quando diz:

«Em toda a historia da Europa, em grande ou em pequena escala, vemos o sentimento da LEALDADE reinar em toda a parte onde o typo militar é accentuado. Não precisamos particularisar para provar esta verdade» [2].

Ora, nos exercitos sul-americanos, cujos exemplos o snr. Benjamim Constant tanto aponta aos officiaes brazileiros, a TRAIÇÃO, como notou o *Times*, tão habituado a acompanhar as agitações sul-americanas, é um factor constante das luctas do militarismo republicano.

Esta é a differença capital entre os dois militarismos. O mi-

[1] *Principes de sociologie*, §. 259.
[2] Ibidem, §. 560.

litarismo das nações civilisadas significa a lealdade do exercito e o consequente ennobrecimento do dever militar. O militarismo, entendido á hispano-americana, significa a traição e o aviltamento da profissão das armas. Este militarismo é o militarismo de que falla Spencer, cujo resultado immediato é o chefe militar tender a tornar-se tambem um chefe politico. Só tres paizes da America estão hoje livres d'essa calamidade: o Canadá, os Estados-Unidos e o Chile.

O velho Sarmiento, que soffreu tanto no seu grande coração com a tyrannia militar de Rosas, caracterisou bem as tendencias de uma e de outra concepção do que seja o exercito. Todos conhecem na America o bello livro em que elle pinta os horrores do governo militar de Rosas e os esforços dos patriotas que luctavam contra o seu dominio. O sub-titulo do livro é: *Civilisação e Barbaria.*

*
* *

O curioso é que o Salvador, Guatemala, Hayti e S. Domingos assignaram em Washington juntamente como o Brazil uma especie de tratado ou compromisso pelo qual se obrigavam a liquidar as suas questões por meio de arbitragem. Vemos como aquellas republicas irmãs cumpriram a sua palavra. A deslealdade caracteristica do militarismo politico manifesta-se até no cumprimento das promessas internacionaes.

O Chile, o unico paiz latino-americano que goza na Europa de um credito igual ao antigo credito do Brazil, ainda n'esta questão da arbitragem mostrou a patriotica sagacidade dos seus estadistas. O Chile, que tem na Europa uma reputação immaculada de honradez politica e de estabilidade governativa, comprehende que o seu interesse bem entendido não lhe permitte aceitar a suzerania dos Estados-Unidos, como outros paizes têm tido a fraqueza de consentir, enganados pelos falsos apostolos da chamada fraternidade americana. O Chile, bem inspirado, não assignou o tratado de Washington, e o presidente Balmaceda deu conta ao Congresso dos motivos que para isso

teve. No Chile ha o systema parlamentar representativo e os governos têm de dar contas dos seus actos. — Singular paiz! pensará o snr. Deodoro. — Mas assim é. Pois bem: o presidente, a respeito d'esse tratado, pronunciou as seguintes palavras que fazem honra ao governo chileno:

« Foi tambem proposto e aceito por alguns representantes do Congresso de Washington a arbitragem internacional na fórma mais compressiva e obrigatoria. Não prestamos assentimento a este projecto pelo julgarmos inefficaz e porque o Chile não necessita, para o exercicio da sua soberania no mundo civilisado, de outra lei que não seja a lei geral das nações. Os povos como o nosso, que vivem do seu trabalho e que cumprem fielmente as suas obrigações e compromissos internacionaes, terão de recorrer á arbitragem nos casos especiaes e concretos em que assim o aconselharem a justiça publica, a prudencia e o respeito reciproco dos estados soberanos; julgo porém que não nos será licito limitar á arbitragem a acção das gerações futuras para fazer vingar o direito. Só a ellas compete apreciar e resolver sobre os meios que a lei internacional lhes faculta para a defeza do seu direito. A restricção dos direitos do Estado por meio da adopção obrigatoria de um processo excepcional como é o da arbitragem, não se coaduna com a liberdade que, em qualquer eventualidade, desejo reservar aos poderes publicos da minha patria e aos meus concidadãos ».

O governo chileno e o governo argentino não assignaram, como a Dictadura brazileira fez, as conclusões commerciaes do congresso de Washington. Esses governos comprehendem que dos Estados-Unidos não póde a sua patria receber nem os capitaes nem os braços indispensaveis para o desenvolvimento da sua riqueza e para a obra da grandeza nacional. O ministro do Chile nos Estados-Unidos, n'um banquete que lhe offereceram em Chicago, teve a coragem de affirmar que, em vista das exigencias do governo norte-americano, o Chile tinha de continuar a ter só em vista a Europa e a trabalhar por estreitar cada vez mais as suas relações com o velho mundo.

Estas idéas não são as da Dictadura brazileira. O governo que domina hoje o Brazil sente que os despotismos mais ou menos corruptos e militares da America hespanhola são os governos da sua sympathia natural. E uma questão de semelhança e de affinidade. D'ahi nasce a doutrina da fraternidade americana de que são apostolos os snrs. Quintino Bocayuva e Benjamim Constant.

A aceitação da arbitragem por parte da Dictadura brazileira não é a adhesão fundada e convencida a uma doutrina. Foi uma imposição que a Dictadura soffreu, não tendo nem a dignidade nem a energia do Chile para a repellir. Se a Dictadura tem a convicção de que a arbitragem é o meio mais conveniente de resolver as difficuldades internacionaes, porque desprezou esse recurso quando quiz resolver a questão das Missões, entre o Brazil e a Republica Argentina? E o governo de Washington, tão favoravel á arbitragem, porque acaba de a recusar agora quando lhe foi proposta pela Inglaterra para a solução das questões de pescarias no estreito de Behring? O tratado de Missões concedendo territorio brazileiro á Republica Argentina nem será discutido pelo congresso que a Dictadura militar vai fazer eleger. Nas *disposições transitorias* que acompanham a chamada Constituição do Brazil, o art. 2.º, §. unico, diz: «As patentes, os postos, os cargos inamoviveis, as concessões e os *contratos* outorgados [1] pelo Governo Provisorio são garantidos em toda a sua plenitude». O tratado secreto celebrado em Montevideu pelo snr. Quintino Bocayuva, que com justa razão não ousou mostrar á luz do dia a sua obra, será decerto considerado entre os taes *contratos outorgados* que vigorarão em toda a sua plenitude independentemente da opinião do congresso constituinte que a Dictadura vai eleger.

A Dictadura, apesar do futuro congresso ser obra inteiramente sua, ainda quer mais garantias, e impõe desde já uma restricção á vontade d'esse congresso que ella quer fazer appa-

[1] Só os jurisconsultos da Dictadura eram capazes de dizer este dislate: *outorgar um contrato.*

recer diante do mundo como a representação directa e legitima da soberania nacional. A Dictadura diz aos pretensos eleitos da nação: «Sois o congresso constituinte dos Estados-Unidos do Brazil, trazeis poderes especiaes dos vossos eleitores para organisar a constituição da patria. Sois os agentes directos da soberania nacional. Mas quanto ás concessões, aos favores, aos contratos e aos arranjos que nós cá fizemos, snrs. representantes da soberania nacional, isso é outro negocio. Não tendes o direito de desfazer o que fizemos».

Segundo a Dictadura, a soberania do congresso terá de ser limitada por essa lei que a Dictadura francamente lhe impõe desde já. Ora não ha lei sem sancção. Se o congresso constituinte, apesar do §. unico do art. 2.º das disposições transitorias, deliberar na sua soberania, que deve ser completa e absoluta, que uma concessão ou qualquer outro negocio da Dictadura deve ser desfeito, que meio honesto tem a Dictadura para corrigir este acto do congresso constituinte? O meio é mais um *pronunciamiento;* é a dissolução da constituinte pela força armada.

Tal é a logica da immoralidade e da barbaria caracteristicas de todas as revoluções militares.

*
* *

Fallando das relações internacionaes da Dictadura militar não se póde deixar de admirar os progressos que no Rio de Janeiro tem feito o hespanholismo das republicas sul-americanas. O ministro dos negocios estrangeiros chama-se «ministro das relações exteriores», como dizem os hespanhoes; a camara municipal não tem mais esse nome — chama-se «Intendencia». Esta imitação pueril nos nomes é devida em parte ao snr. Quintino Bocayuva, o admirador das civilisações argentina, boliviana e guatemalense, e é tambem devida á imitação das praticas politicas hispano-americanas. Pois se o Brazil já tem generalissimo, *pronunciamientos,* promoções feitas por acclamação, etc. etc., porque não adoptará tambem a lingua dos povos mais

adiantados e mais felizes da America Latina, povos que antes do Brazil conheceram as gloriosas revoluções e as epopeias incruentas de que tanto se orgulham os heroes de 15 de novembro?

O — *Saude e Fraternidade* — no final dos avisos do Governo Provisorio, é um grotesco e grosseiro erro de traducção. *Salut et fraternité*, formula que por medo do ridiculo ninguem ousa empregar em França, não póde ser assim traduzida. *Salut* não quer dizer *saude; saude* é *santé*. Os imitadores atrazados dos republicanos de 1848 pouco sabem do francez. A adopção do *vós* como tratamento é tambem uma futilidade que só tem servido para atrapalhar os amanuenses e os diplomatas brazileiros nascidos no estrangeiro, pouco praticos n'esse plural tão novo em estylo official. Tudo isto é muito ridiculo, mas, para o observador consciencioso, são factos a registrar. Na sua frisante significação indicam bem qual o estado mental dos individuos.

Têm tambem igual caracter significativo os novos estylos e as recentes usanças da diplomacia brazileira. A Dictadura não espera que os ministros dos paizes que com ella têm relações officiaes peçam audiencia do ministro ou apresentem as suas credenciaes. Uma mensagem em estylo retumbante e assignada por todos os ministros é levada a bordo; e são manifestações para cá, manifestações para lá, coisas que a seriedade das relações diplomaticas entre os povos cultos não póde comportar. O snr. Quintino Bocayuva e o snr. Moreno, ministro da Republica Argentina, cultivam mais do que todos este genero de mau gosto e diplomacia bombastica. O ministro argentino assumiu no Rio de Janeiro uma situação que toca as raias da impertinencia e passa com certeza as do burlesco. O snr. Moreno não parte, não chega, não fica, não falla, não escreve, não se cala, ou não deixa de escrever, sem *manifestação*, quer passiva quer activa. Em tudo intervem, a respeito de tudo dá opinião. Arrasta o snr. Bocayuva a fazer o grande *pic-nic* diplomatico de janeiro ao Rio da Prata, tão caro ao thesouro e á dignidade do Brazil, que com um pedaço do seu territorio pagou a fes-

ta. O snr. Moreno prestou um grande serviço ao seu paiz; mas para que veio depois fazer rhetorica no Instituto Historico, e querer até estragar o Pão de Assucar com a idéa barbara de lá arrumar uma estatua de Colombo? E o snr. Moreno continúa a entulhar o Rio de Janeiro com a sua personalidade obstruente e invasora de diplomata agitado e *rastaquouère!*

O secretario da legação de França e encarregado de negocios interino, o snr. Blondel, parece ser bastante diplomata á vista da maneira facil com que adoptou até certo ponto os estylos do novo regimen. Sómente esse diplomata francez, aceitando o que elle julgará serem os usos da terra, ha de rir-se com a sua ironia de parisiense do papel que representa. Quando á sahida da casa do snr. Deodoro, o snr. Blondel é saudado com uma salva de dez tiros de canhão, o diplomata francez ha de lembrar-se dos seus collegas que em Madagascar, em Sião, ou no Annam presenceiam costumes diplomaticos pouco differentes dos do novo governo do Rio de Janeiro [1].

*
* *

A proposito do diplomata francez devemos tratar d'um facto que, no correr do mez de junho, foi muito commentado na imprensa do Rio de Janeiro. Queremos fallar do reconhecimen-

[1] Para dar uma idéa do desprestigio da Dictadura e da sua ignorancia dos usos admittidos entre os governos civilisados, registramos o seguinte facto:

No dia 23 de dezembro ultimo lia-se em todos os jornaes do Rio a seguinte nota official: «O snr. Gosselin, membro de uma das legações de França no Rio da Prata, para onde seguiu ha dias, foi na sua passagem por aqui comprimentar e felicitar o snr. marechal Deodoro, por parte dos snrs. Carnot, presidente da Republica Franceza, e Tirard, chefe do gabinete francez». Esta noticia chegou a Paris e a 19 de janeiro a Agencia Havas e o *Temps* desmentiam-na officialmente. Verificado o caso, soube-se que M. Gosselin era um caixeiro viajante marselhez que, por troça, se apresentára como enviado do snr. Carnot. E o snr. Quintino Bocayuva, imaginando que os chefes de estado têm o costume de mandar e receber assim recados, recebeu o snr. Gosselin e apresentou-o ao Dictador. Imagine-se como o marselhez não terá feito rir as mesas redondas dos hoteis por onde passa contando o logro e a espirituosa *blague* que pregou ao poderoso *généralissime de Fonseca.*

to official do Governo Provisorio do Brazil pelo governo da Republica Franceza.

Em dezembro de 1889, o ministro dos negocios estrangeiros de França, M. Spuller, declarou na camara dos deputados que o governo francez reconheceria «os poderes provisorios do novo governo logo que estes fossem confirmados pela Assembléa Constituinte que brevemente devia reunir-se». A maioria da camara applaudiu as declarações do ministro.

O snr. Spuller enganava-se porém, e redondamente, em dois pontos: 1.º a Assembléa Constituinte não se ia reunir *brevemente* porque a Dictadura convocou-a só para d'ahi a um anno. 2.º o snr. Spuller cahiu, foi substituido pelo snr. Ribot e este senhor reconheceu o governo do snr. Deodoro antes d'essa confirmação de poderes que o snr. Spuller e a camara julgavam indispensaveis para o reconhecimento.

Porque mudou o governo francez de opinião?

Ha differentes explicações. A explicação unica, de origem official e authentica, publicada em Paris com consentimento da Legação do Brazil, é a que consta da nota officiosa impressa pelo *Temps* de 15 de junho, e segundo a qual o governo da Republica Franceza reconhecia o Governo Provisorio porque este tinha tido para com a França os seguintes *bons procédés:* 1.º tinha affirmado ao encarregado de negocios de França que a lei da naturalisação não seria applicavel aos francezes; 2.º porque, ainda a pedido d'aquelle diplomata, e segundo a versão d'elle, tinha o Governo Provisorio supprimido o imposto de exportação da borracha no Pará; 3.º porque o Governo Provisorio estava resolvido a terminar a questão de limites entre o Brazil e a Guyana franceza, por meio de um accordo directo ou por meio de arbitragem.

Os jornaes amigos do Governo Provisorio desmentiram tudo isto no Rio de Janeiro. O *Diario Official* em declaração positiva deu um desmentido formal ao snr. Ribot.

Quem mente? O governo da Republica Franceza tem no mundo uma situação e occupa entre os governos civilisados uma posição que tornam inverosimil a accusação de uma falsidade

tão grosseira. O Governo Provisorio tinha em Paris, além do seu enviado extraordinario ordinario, outros enviados pouco mais ou menos extraordinarios e remunerados, com a missão de vigiarem aquelle enviado official e os outros funccionarios, de saberem se têm em casa retratos do ex-imperador, etc. Ora, toda esta diplomacia, tanto a ostensiva e de caracter politico internacional como a occulta e de caracter policial e inquisitorial, aceitaram a explicação do reconhecimento dada pelos jornaes officiosos directamente informados pelo ministerio dos negocios estrangeiros. A nota do *Temps*, affirmando que o reconhecimento foi feito a troco do que a delicadeza franceza chamou apenas *des bons procédés*, merece ser acreditada: 1.º porque emanou de fonte authentica, isto é, do ministerio dos negocios estrangeiros; 2.º porque foi aceita e admittida pela Legação do Brazil e pela sua imprensa.

O Governo Provisorio nega o que os seus representantes e agentes aceitaram.

Outros dizem que o reconhecimento foi obtido sómente graças á habilidade e aos talentos do ministro em Paris o snr. barão de Itajubá. Esta versão, que é a dos jornaes que estampam os retratos de s. exc.ª e das folhas que exploram a especialidade industrial da biographia do «homem notavel» da America do Sul e do diplomata exotico, não deve ser verdadeira, pois o Governo Provisorio tirou de Paris o snr. Itajubá. Dizem que vai mandal-o para Berlim tratar do reconhecimento. Parece que o reconhecimento é a especialidade d'aquelle diplomata. (A familia imperial do Brazil que o diga). Mas se o snr. Toledo Piza, que tem uma rasoavel reputação quanto aos seus dotes intellectuaes, não está nos casos de dirigir esta negociação em Berlim, não está igualmente no de representar o Brazil em Paris, a sua mais importante legação no continente europeu.

Isto, porém, é uma pequena questão de empregos e empregados.

A Dictadura deu um desmentido brutal ao governo francez, que teve a generosidade de a reconhecer; e o snr. Ribot a estas horas já tem uma idéa bem clara do valor moral d'aquella dictadura. O governo e a opinião publica dos Estados-Unidos

viram com o maior desprezo o advento da dictadura militar no Brazil. O governo de Washington viu porém todo o proveito que podia tirar da desmoralisação e do desprestigio em que havia cahido o poder publico na grande nação sul-americana; e o governo norte-americano, embora fosse o ultimo dos governos da America a reconhecer a Dictadura brazileira, fel-o sómente em troca da adhesão do Brazil ás conclusões do congresso de Washington, congresso cujo fim era reconhecer praticamente a suzerania dos Estados-Unidos sobre todo o continente. Felizmente, o Chile e a Republica Argentina tiveram a dignidade de repellir a audaciosa pretenção.

O governo francez, temendo que no Brazil a preponderancia dos Estados-Unidos chegasse a ser absoluta, e fiado nas promessas que o snr. Blondel dizia do Rio de Janeiro terem-lhe sido feitas pela Dictadura e que eram confirmadas em Paris pelo snr. barão de Itajubá, mudou de politica e reconheceu esta dictadura contra o voto do presidente Carnot. Este primeiro magistrado da França não é dictador: é o chefe constitucional de um governo parlamentar e livre, e teve por isso de ceder ao seu ministro dos estrangeirôs. O reconhecimento não quer porém dizer que a França, os seus homens de Estado, os seus pensadores, os seus jurisconsultos, admittam a legitimidade do direito publico do snr. Benjamim Constant e consortes, pelo qual o exercito e a armada têm o direito de mudar as instituições quando bem lhes parecer. A civilisação admitte a soberania popular, mas não a soberania dos exercitos e das armadas.

A França tinha relações diplomaticas com Rosas, com Lopes do Paraguay, e tem-nas ainda com os potentados e regulos africanos. Isto não quer dizer que a França approve os processos nem os costumes politicos d'esses tyrannos exoticos. Dias depois de receber o snr. barão de Itajubá, representante do invicto Generalissimo Deodoro da Fonseca, o snr. Carnot recebeu, com o mesmo ceremonial o snr. Box, enviado não menos extraordinario do inclyto general Hippolyte, do Haity, que mezes antes derrubára o glorioso general Legitime, que havia derrubado o heroico general Seyde-Télémaque, que, unido ao bravissimo ge-

neral Calypso, tinha antes derrubado o venerando general Salomon, duque de Crique-Mouillée, que antes tinha tambem derrubado um outro general qualquer não menos invicto, inclyto, glorioso, bravo e venerando. O snr. Carnot, recebendo os snrs. Box e Itajubá, não quiz com isso significar que elle e a França approvam o direito publico em que se baseiam os generaes Hippolyte e Deodoro, signatarios das credenciaes d'aquelles dois distinctos diplomatas.

Não. A França que venceu e repelliu o boulangismo, não póde estimar nem respeitar o pretorianismo politico vencedor em 15 de novembro [1]. Não é nem póde ser essa a explicação verdadeira d'esse reconhecimento contraditorio e inexplicavel, que, como todos os negocios pouco honestos, foi acompanhado de affirmações e desmentidos. Póde o Governo Provisorio, no seu desmentido ao snr. Ribot, dizer que não empregou *diligencias nem instancias para obter o reconhecimento da Republica.* Todo o mundo sabe que essas diligencias e essas instancias elle as tem empregado e nem por isso merece censura. Todos os governos novos pedem o seu reconhecimento, e n'isso não ha dezar algum. O que é deshonra, é apresentar ao mundo o espectaculo de uma dictadura inutil, e que se gloría de haver sido constituida pelo exercito e pela armada em revolta [2].

*
* *

No *Diario Official* o Governo Provisorio maltrata ingratamente o governo francez, por ter tido a generosidade de, prematuramente, reconhecer essa dictadura, que, varias vezes tem sido

[1] Tem-se repetido no Brazil que o mundo ficou deslumbrado com o espectaculo do *pronunciamiento* militar do Rio de Janeiro. É falso, Frederico de S. publicará brevemente em volume os artigos dos jornaes da Europa, e principalmente dos Estados-Unidos, a respeito d'esse *pronunciamiento.* Verá o publico brazileiro que o bom nome e a reputação do Brazil soffreram tanto com aquelle facto, como o seu credito financeiro.

[2] O governo francez teve logo occasião de dar tambem o seu pequeno desmentido á Dictadura brazileira e de mostrar-lhe tambem o seu mau humor e o seu pouco caso.

submissa a outros paizes, como foi em relação aos Estados-Unidos e principalmente em relação á Republica Argentina, á qual cedeu territorios e diante da qual tanto se humilhou o snr. Quintino Bocayuva. A Dictadura que em Washington é partidaria da arbitragem recusa em Buenos-Ayres esse systema moderno de solver a nossa questão de limites. Porque? Porque a dictadura não ignora que um arbitro teria infallivelmente attribuido ao Brazil todo o territorio das Missões, e o snr. Bocayuva ficaria assim privado do prazer de offerecer parte d'esse territorio aos seus amigos argentinos.

Sacrificou a Dictadura mais uma vez os interesses e a dignidade do Brazil, ainda pelo orgão do snr. Quintino Bocayuva, quando auctorisou o ministro do Brazil no Uruguay a perdoar áquelle paiz metade da divida passiva que tem para com o Brazil. O Uruguay, paiz rico e prospero, deve ao Brazil 18:000 contos de reis, e tem recursos mais que sufficientes para saldar o seu debito. Pois bem: o snr. Quintino Bocayuva, em nome do Brazil, contenta-se em receber só 9:000 contos, dando somma igual de presente aos uruguayos. O Brazil, pelos tratados existentes, depois de ter gasto grandes sommas e derramado o sangue precioso de seus filhos, tinha o direito exclusivo da navegação do Rio Jaguarão e da Lagoa Mirim. O snr. Bocayuva, proseguindo na sua politica de dar aos hespanhoes do Rio da Prata a supremacia sobre os portuguezes do Brazil, entendeu que as coisas não podiam assim continuar. Teve a coragem, por um acto que todos os jornaes publicaram, de auctorisar o snr. Ramiro Barcellos, ministro do Brazil em Montevideu, a desistir em nome do Brazil d'esses dois direitos soberanos; e de abrir assim as portas do Rio Grande, não só á acção militar dos seus irrequietos

Os jornaes da Dictadura annunciaram que uma esquadra franceza iria brevemente ao Rio de Janeiro apresentar ao marechal Deodoro os comprimentos do snr. Carnot. Ha dias, os jornaes francezes publicaram uma nota official dizendo que aquella noticia *não tinha o menor fundamento* (sic).

A Dictadura tem em Paris um enviado extraordinario, e a França, facto que é um acto de desconsideração innegavel, lá deixa no Rio de Janeiro um simples encarregado de negocios, e esse mesmo interino, pois é apenas o secretario da legação.

visinhos, como de generalisar e tornar de uma vez de todo irreprimivel o grande contrabando que tem arruinado o Rio Grande do Sul. Isto sim, que é humilhação para o Brazil: como foi humilhação ceder ás imposições dos Estados-Unidos no congresso de Washington.

Dirá a Dictadura que não se humilhou em Washington e que até recebeu dos Estados-Unidos provas de grande consideração, entre outras, a da esquadra que lá foi ao Rio de Janeiro comprimentar o Dictador [1]. Vieram estas provas de attenção antes, ou depois do Brazil se ter separado do Chile e da Republica Argentina, para fazer em Washington o que queria o snr. Blaine? Vieram depois da Dictadura ter cedido nos pontos em que o snr. Blaine queria que o Brazil cedesse. Foram attenções bem pagas.

*
* *

Na memoravel entrevista do generalissimo Deodoro e do almirante Walker disse o snr. Deodoro o seguinte:

[1] Esta esquadra tinha por missão *unica* comprimentar e saudar. Bem; n'esse caso para que foi o almirante Walker apresentar um *ultimatum* ao snr. Deodoro dizendo-lhe que constava que o Generalissimo queria dar-lhe um baile, e que, se era verdade, désse o baile quanto antes porque queria partir. Ora quem vai só para cumprir deveres internacionaes de cortezia, leva folga para dar tempo á reciprocidade. A titulo de curiosidade aqui vai, segundo a *Gazeta de Noticias,* parte da conversa entre o Dictador e o almirante *yankee,* conversa por meio de intreprete, está claro: «Terminada esta apresentação, o snr. almirante Walker disse ao snr. Generalissimo que lhe constava que s. exc.ª manifestára o desejo de offerecer á esquadra um baile de despedida depois do que se vai realisar no dia 4 no Cassino Fluminense; que, em attenção a esse desejo, podia demorar-se mais uns dias, *mas que desejava sendo possivel* partir na manhã de 6. Então disse o snr. Generalissimo que seriam precisos ainda alguns dias para terminar os preparativos a que se estava procedendo no palacio Itamaraty; que sabia perfeitamente o que era o *cumprimento do dever militar* (!) e que por isso não insistiria no pedido de permanencia da esquadra por mais alguns dias, mas que confiava, que, apesar da não realisação da festa, seriam considerados como effectivamente satisfeitos os deveres de cortezia que de coração pretendia prestar á distincta officialidade». O almirante praticou uma grosseria e uma indiscrição. O snr. Deodoro esse poderá dizer que *moralmente* deu um baile ao almirante, baile bom, divertido e sobretudo barato.

« O dia 15 de novembro assegurou em base estavel a união de todos os povos que actualmente se acham constituidos em varias nações no continente americano. O desapparecimento do regimen monarchico no nosso paiz, *unico obstaculo que ainda existia para a consecução de tão elevado desideratum*, só por si garante a realisação d'essa aspiração de todos os patriotas americanos ».

Ora o snr. Deodoro não leu, não conhece a historia da America. Repetiu inconscientemente uma das muitas banalidades erroneas que lhe tem mettido na cabeça o snr. Benjamim Constant e outros.

Dizer que a existencia da monarchia no Brazil era o unico embaraço para a união dos povos americanos é affirmar um erro digno de commiseração. Que influencia teve a monarchia no Brazil n'esse longo drama sangrento que é a historia politica da America latina? N'esse capitulo, que é dos mais lutuosos da historia universal, o Brazil monarchico só figura para honra e gloria sua, representando a paz, a liberdade e a civilisação.

Pensar que a identidade de fórma de governo é uma garantia de harmonia entre as nações, é ignorar a historia, é desconhecer a vida das sociedades politicas. Tomemos a actualidade europeia. Qual é a nação mais chegada á França republicana? É a Russia autocratica e cesariana. Porventura a identidade da fórma republicana impediu todas as guerras que este seculo tem presenciado entre as republicas hespanholas?

O Mexico republicano, durante uma das presidencias do generalissimo Sant'Anna, foi invadido pelos Estados-Unidos, esmagado, humilhado, mutilado; e o generalissimo vendeu uma parte do territorio da sua patria. Guatemala, Salvador, Honduras, Costa Rica e Nicaragua são republicas. O que é a historia d'estes pobres paizes, senão a historia das suas guerras, das suas dictaduras, das suas revoluções? A Columbia e Venezuella, a Columbia e o Equador, o Equador e o Perú, o Perú e o Chile e a Bolivia, quantas guerras não têm tido entre si? E são republicas. Se a monarchia no Brazil era o unico obstaculo á união dos povos americanos, quererão os inspiradores do snr.

Deodoro dizer que o imperio brazileiro é o culpado de todas estas guerras?

No Rio da Prata, as guerras da monarchia brazileira não foram guerras dynasticas; foram guerras nacionaes feitas em defeza dos interesses e da dignidade do paiz. Fosse o Brazil republica, e o seu governo patriotico, teria forçosamente de fazer essas guerras.

A primeira guerra, no reinado de Pedro I, foi começada pela Republica Argentina, promovendo uma revolução em territorio brazileiro e annunciando que ia invadir esse territorio. Em 1851-1852 o Brazil armou-se contra os dictadores Rosas e Oribe para libertar o Rio da Prata. E quem foram os alliados do Brazil n'essa campanha feita em prol da liberdade e dos interesses da civilisação? Foram os homens mais liberaes, mais distinctos e mais patriotas, tanto da Republica Argentina como do Uruguay. Em 1864 e 1865 contra o governo do Uruguay: podia o Brazil deixar impunes os sangrentos ultrajes feitos aos brazileiros? E, finalmente, em 1864-1870, na guerra contra o tyranno do Paraguay, que havia capturado um paquete brazileiro e invadido, sem declaração de guerra, a provincia de Matto Grosso, o Brazil teve duas republicas como alliadas, e póde dizer que as salvou, porque o dictador militar do Paraguay tinha forças sufficientes para as conquistar. Hoje, os sectarios da Dictadura do Brazil desdenham os louros que os seus antecessores colheram e pensam talvez que o 15 de novembro, esse feito d'armas *fin de siècle*, sem perigos nem tiros, mas rendoso em todos os sentidos para os que n'elle tomaram parte, vale muito mais do que todas as batalhas do Paraguay. N'esse repertorio de vergonhas e de traições que a *Gazeta de Noticias* está publicando com o titulo de *Apontamentos para a historia*, ha longos depoimentos de officiaes que tomaram parte na sedição de 15 de novembro. Desapontamentos grandes para a historia e para os que tiverem tido a ingenuidade de acreditar no heroismo sedicioso, hão de ser no futuro, como são já no presente, esses infelizes *Apontamentos!* Um d'esses officiaes falla desdenhosamente da guerra do Paraguay: «... a guerra

que a monarchia fez á republica do Paraguay! » Sim. A monarchia fez essa guerra em desaffronta da honra nacional e em defeza do sólo da patria. É isso honra sua e gloria do exercito de então. Se hoje o Brazil recebesse affrontas iguaes, sahiam logo para a frente as sociologias poltronas do snr. Benjamim Constant e as fraternidades americanas do snr. Bocayuva, e a Dictadura continuaria a ouvir, com a espada na bainha, os discursos dos seus pretorianos aphilosophados.

« A monarchia do Brazil era obstaculo á união dos povos americanos », fez o snr. Benjamim Constant dizer ao snr. Deodoro. A monarchia brazileira foi escolhida pelos Estados-Unidos que a respeitavam e estimavam, para decidir as suas graves questões com a Inglaterra (1871); escolhida mais tarde ainda pelos Estados-Unidos e pela França, as duas grandes republicas do mundo (1880) para exercer a nobilissima e elevada funcção de decidir os seus conflictos. A monarchia que a mais séria, a mais gloriosa republica sul-americana, o Chile, escolheu para arbitro de suas difficuldades com poderosas nações europeias (1883), sempre se manteve digna da suprema e excepcional magistratura que povos e governos entregavam á sua rectidão e á sua justiça. É que a monarchia liberal do snr. D. Pedro II era a unica republica, no elevado e nobre sentido da palavra, que existia na America do Sul. Governo parlamentar e livre, era grande o numero de cidadãos que influiam na marcha dos negocios. Governos de um só, monarchias de facto e monarchias espurias como lhes chama Joaquim Nabuco no seu admiravel manifesto, eram os governos mais ou menos revolucionarios e ageneralados da America hespanhola. Quem foi mais do que Rosas monarcha e despota do typo antes asiatico do que europeu, porque é um typo que a civilisação occidental repelle? E como Rosas, mais ou menos sangrentos, quantos chefes militares de chamadas republicas não têm deshonrado esse nome! No Mexico é Sant'Anna; em Venezuella é Gusman Blanco, que trouxe das suas presidencias e dos seus generalissimatos uma fortuna colossal. No Uruguay é Santos, que trazia o guarda-chuva cravejado de brilhantes. E no Equador, na Bo-

livia, no Perú — os Daza, os Melgarejo, os Pierola, e muitos outros cujo nome é Legião! Compare o povo brazileiro estas individualidades, legitimas encarnações do militarismo republicano, que na Europa, no mundo civilisado e na historia serão a vergonha eterna da America do Sul, com o typo superior e puro do velho Imperador, que no fim de cincoenta annos de reinado, que foram outros tantos de progresso para o paiz e de desinteresse patriotico e nobre, vive pobre e no exilio, tendo porém uma riqueza que jámais possuiu potentado republicano da America — a de uma consciencia satisfeita e recompensada com a estima e o respeito do mundo civilisado [1].

No Brazil, os supersticiosos da fórma republicana, os fanaticos palavrosos, esses homens que ás vezes se acham envoltos nas commoções politicas e que constituem o que Renan chama a «parte irracional da historia», esses homens podem e devem estar contentes, porque, na sua opinião, desappareceu do Brazil o privilegio hereditario, e o acaso do nascimento não destina já um individuo á missão de governar. E pensam talvez assim com toda a sinceridade!

Não foi, porém, o acaso que fez o snr. Fonseca Hermes sobrinho do snr. Deodoro? E graças a esse acaso aquelle sobrinho é secretario geral do governo, exerce uma especie de alta superintendencia sobre os ministros que o temem, porque elle exerce influencia decisiva sobre quem tudo póde. E Napoleão dizia que o mal de tudo poder é a tentação de tudo querer. O snr. Fonseca Hermes, desconhecido e nullo, sem ter praticado acto algum de benemerencia, só por ser sobrinho e sobrinho influente sobre seu tio, vive no Rio de Janeiro, cercado de adula-

[1] A *Bataille*, de Paris, de 16 de junho, jornal inspirado pela legação do Brazil, no tempo do snr. barão de Itajubá, disse que o velho imperador «fugira do Brazil com a *caixa imperial* e recebera depois um presente de 12 milhões do Governo Provisorio, que andava a gastar alegremente nas mesas redondas das cidades de banhos». N'outro jornal francez, um empregado da Dictadura disse que a princeza Isabel tinha ás suas ordens 500 libertos d'entre os quaes tirava os facinoras que estipendiava, e que costumavam por ordem da princeza assassinar os republicanos no Rio de Janeiro.

ções as mais vergonhosas; e quando aquelle senhor fez annos, os empregados publicos que desejavam ser conservados, os que queriam augmento de ordenado, todos os que tinham negocios dependentes do governo, todos correram á casa do sobrinho, casa que atulharam de presentes de joias, de moveis, de pratarias, de brilhantes, tal qual como se faz nas côrtes despotieas do Oriente, onde todo o mundo quer ter as boas graças d'um ennueho influente, a d'um vizir poderoso e ávido. E para não haver duvida sobre o faeto, os jornaes publiearam a lista dos presentes e dos contribuintes que a sua posição de dependentes do governo, de pretendentes junto ao poder, sujeitou a esse imposto que, para garantia dos seus interesses, todos se apressaram em pagar.

Não fosse o acaso do nascimento, não fosse o snr. Hermes sobrinho do Dietador, e por certo o dia do seu anniversario teria passado para elle apenas nas santas, dôces, e pouco substaneiaes effusões da familia. Nada de ricos presentes, nem de valiosos donativos!

A conclusão é que a Republiea, no Brazil, não acabou eom os privilegios de familia. Tornou-os até mais odiosos. A familia imperial nunca exigiu presentes dos empregados publieos.

E este capitulo dos presentes não é o dos menos interessantes da historia da Dietadura republieana no Brazil.

*
* *

O systema do presente impéra hoje na politica e na administração brazileira. É um costume oriental que a Dietadura introduziu n'aquelle extremo occidente. Já não basta o discurso nem o ramilhete de pennas pintadas; as flôres, tanto as de rhetorica como as naturaes, já não fazem effeito. A banda de musica a estrondear e a soprar á porta do alvo da manifestação já não revela enthusiasmo nem fervor. O retrato a oleo é achado d'uma simplieidade patriarehal. O proprio tinteiro de prata, depois da depreciação d'este metal, é tido em pouca

conta — e não fallemos no album, que isso até é coisa infantil!

Os snrs. ministros e parentes da Dictadura são demasiado poderosos para poderem aceitar bagatellas d'essas. Fallem-lhes de ricos anneis e pesados collares de brilhantes (sempre de preferencia os brancos por serem do Brazil e por patriotismo); fallem-lhe de boas baixellas de prata, joias, ouros, etc. etc.

O snr. Ruy Barbosa, esse aperfeiçoou e desenvolveu o systema mais do que nenhum outro. Ainda n'este particular, o snr. Ruy Barbosa quiz accentuar a sua superioridade sobre os seus collegas.

O snr. Ruy Barbosa, ministro da fazenda e general de brigada, é, ao mesmo tempo, o creador do Banco dos Estados-Unidos do Brazil, banco instituido nas circumstancias que os leitores conhecem. Apresentaram-se como accionistas de milhares de acções individuos sem vintem, e como organisadores outros de reputação commercial perdida. O snr. Ruy Barbosa accumulou de favores esta gente, entre a qual figuravam revisores de provas do seu jornal e o escrevente do seu escriptorio de advogado. Concedeu-lhes privilegios, isenções, direitos de emissão, mil vantagens. Houve um immenso clamor contra o escandalo.

O snr. Ruy Barbosa poderá hoje dizer triumphante que, se aquelles homens têm muitos defeitos, ao menos um não têm: a ingratidão. E é verdade. Não foram ingratos os favorecidos pelo snr. ministro da fazenda.

Reuniram-se aquelles corações agradecidos, sob a presidencia do snr. Mayrink, presidente do Banco dos Estados-Unidos do Brazil, e resolveram fazer uma manifestação de apreço. A quem? perguntará o leitor. Ao rei da Prussia? Não; ao snr. Ruy Barbosa [1].

[1] Repetimos aqui o annuncio feito pelo snr. Mayrink e que em numero anterior da Revista já transcrevemos:

Os jornaes publicaram o seguinte, com a assignatura da gente do Banco dos dos Estados-Unidos do Brazil:

Manifestação de apreço ao conselheiro Ruy Barbosa

«Tendo-se resolvido adiar a reunião convocada para o dia 25, por ser dia santificado, a commissão abaixo assignada convida a reunirem-se no dia 2 de abril

E qual foi afinal a manifestação escolhida?

Uma mensagem de agradecimento? Um busto? Uma estatua? Uma medalha? Um retrato?

Não. Tudo isso seria mesquinho.

O snr. Mayrink conhece, não só os meritos, como até as predilecções do snr. Ruy Barbosa.

Foi offerecido ao ministro da fazenda, pelos homens que elle acabava de favorecer tão escandalosamente, nada menos do que UM BELLO E GRANDE PALACIO SITUADO NO BAIRRO PITTORESCO DAS LARANJEIRAS!

O leitor vai pedir-nos decerto as provas da nossa affirmação. O leitor pensa decerto que se trata de um d'esses rumores malevolos que se elevam surdamente contra os homens em alta posição.

Não.

O donativo foi feito pelos doadores e aceite publicamente pelo favorecido; os doadores publicaram a noticia em todos os jornaes do Rio de Janeiro. Isto fresca, franca e claramente.

Sabem d'esse facto os 500:000 habitantes do Rio de Janeiro e todo o mundo que lê os jornaes do Brazil.

*
* *

As violencias, os crimes e os erros da Dictadura brazileira não deixarão de si outra memoria senão a de uma phase de provações para o paiz. Será como uma tempestade que faz dos caminhos uns rios de lama, transforma os campos em charcos, curva até ao chão as altas arvores, macúla de lodo as flôres,

proximo no salão do club de engenheria, ás 3 horas da tarde, todas as pessoas que receberam listas para agenciar os donativos em favor da manifestação projectada ao eminente cidadão dr. Ruy Barbosa. — *Francisco de Paula Mayrink*, presidente; *Manoel José da Fonseca*, vice-presidente; *Carlos Augusto de Miranda Jordão*, thesoureiro; *Luiz Plinio de Oliveira*, 1.º secretario; *Paula Ferreira Alves*, 2.º secretario ».

turva as fontes e os lagos. O sol acaba porém raiando afinal e resuscitando a natureza. Faça a Dictadura o que quizer: pollua as consciencias, destrua o direito, envileça os corações. A sua obra impura ha de ser destruida, e até sobre os nomes dos culpados a generosidade dos pósteros estenderá um véo e, esquecendo-os, lhes dará quasi um perdão. A justiça, sol imperecivel, ha de apparecer e dominar.

Só o snr. Ruy Barbosa não será então esquecido. A memoria da sua passagem pelo poder ficará assignalada pelas pedras do palacio que elle ganhou emquanto administrou os dinheiros publicos. Quem sabe se um dia a cólera popular que, ás vezes, é a terrivel explosão da justiça, não querendo consentir que perdure o padrão da vergonha de um homem, não correrá ás Laranjeiras para arrazar a casa da ignominia?... Se o palacio durar, os paes, no futuro, hão de mostral-o aos filhos, os nacionaes hão de, indignados, mostral-o ao estrangeiro, dizendo: — O dono d'aquelle palacio foi o primeiro ministro que, no Brazil, enriqueceu no poder.

E nós dizemos: — Queira Deus que seja o ultimo!

*
* *

Poderiamos parar aqui... Mas não. Devem ficar registrados, mais uma vez, novos factos mostrando que a corrupção não é o unico caracteristico da Dictadura republicana. Cada correio do Brazil confirma o que temos dito, isto é, que a Dictadura é a indisciplina, é a violencia, é o servilismo.

A indisciplina dos militares revela-se todos os dias. Os jornaes, mesmo os que condemnam a nossa defeza das liberdades brazileiras, trazem diariamente noticias da insubordinação dos soldados, dos roubos, dos assassinatos e das tropelias de todo o genero, sempre impunes, que a soldadesca pratíca em todo o Brazil [1]. Dois officiaes da armada, um capitão de mar e guerra,

[1] A *Gazeta de Noticias,* de 17 de julho, publicou a noticia que abaixo transcrevemos. No dia 19 noticiou novos actos de selvageria militar:

«Durante a noite de ante-hontem para hontem andavam pelas freguezias de

e um capitão de fragata esbofeteam-se publicamente nos salões do Club Guanabarense; têm ambos o movimento nobre de querer lavar as reciprocas affrontas n'um duello; mas os collegas interpõem-se e o arbitro escolhido, n'um discurso publicado pelos jornaes, decidiu que o duello não devia ter logar porque... «a disciplina militar soffreria um golpe profundo n'esse encontro d'um capitão de mar e guerra com um capitão de fragata». Prevaleceu a decisão do arbitro [1].

S. José e Candelaria diversos grupos de praças do batalhão naval e do corpo de marinheiros nacionaes, praticando toda a sorte de tropelias.

«As praças desordeiras estavam armadas de refles, que traziam occultos por baixo das bluzas.

«Ás 9 1/2 horas da noite, a praça de policia Alfredo Dias Nogueira, que rondava a rua do Cotovelo, foi inopinadamente aggredida e esbofeteada por um grupo de cêrca de vinte soldados do batalhão naval e de marinheiros nacionaes.

«Aos apitos de soccorro compareceu o alferes commandante da 3.ª estação policial, acompanhado de força, e conseguiu dispersar o grupo.

«Ás 3 horas da madrugada, compareceu n'aquella estação José Ferreira de Mesquita, residente em Nictheroy, queixando-se de que, ao passar pelo largo do Moura, fôra atacado por tres praças do batalhão naval, que de refle em punho ameaçaram matal-o se gritasse, e roubaram-lhe a quantia de 76$500 reis, um relogio de prata e uma corrente de plaquet.

«As praças de policia que rondavam as ruas da freguezia da Candelaria foram retiradas dos seus postos, por mais de uma vez, tendo sido essa medida tomada pela auctoridade policial, afim de evitar conflictos, attentas as constantes provocações e aggressões que soffriam os rondantes ao chegarem aos respectivos postos de vigilancia.

«Hontem, ás 9 horas da manhã, quando parecia estar tudo em santa paz, a praça de policia Agostinho Francisco Neves, que rondava a rua Primeiro de Março, foi victima d'um grupo dos mesmos desordeiros, que a espancaram e feriram. Foi o ferido transportado para o seu quartel.

«Além do alferes Horacio e de mais quatro praças do regimento policial que, como noticiamos, foram feridos n'esses ultimos tres dias, baixaram mais ao hospital do respectivo quartel, os cabos de esquadra, Luiz Antonio da França, Arthur de Barros Vasconcellos, e os soldados, Manoel Ignacio do Rego, Olympio da Fonseca Vianna, Francisco Pereira da Silva, Agostinho Francisco Neves, João Sacerdote de Lima, Daniel Honorato e Sebastião Fernandes da Silva, tendo alguns d'estes tido alta».

[1] *Gazeta de Noticias* de 18 de julho.

E estes exemplos multiplicam-se.

Mais de uma vez temos citado casos de officiaes e soldados que praticam violencias contra paizanos [1].

E o que mais dizer sobre os repetidos attentados contra a liberdade de pensamento?

Aos factos que já temos narrado podemos hoje accrescentar outros.

No Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, só é permittida a publicação do jornal do governo *A Federação* [2]. Na capital de Sergipe, «os redactores da *Gazeta de Sergipe*, que combatem a administração, foram chamados ao palacio do governador e ameaçados de deportação se publicassem qualquer censura aos actos do governo» [3]. Ainda n'aquelle Estado, na cidade da Estancia, o velho e inoffensivo vigario foi açoitado em pleno dia e em plena rua e obrigado a assignar termo de bem viver por ordem do governador [4]. O vigario d'uma parochia do Esta-

1 *Gazeta de Noticias* de 22 de junho: «O tenente de cavallaria André Leon de Padua Fleury, estando em uma taverna (!) da rua do Espirito Santo, suspeitou que o cidadão João Francisco de Araujo que alli estava, era espião e prendeu-o, ordenando-lhe que o seguisse para a policia. O tenente desembainhou a espada e levou por diante a sua victima applicando-lhe pranchadas. Apesar das supplicas de Araujo e dos protestos do povo que assistia áquella scena, chegou o infeliz á repartição da policia em estado lastimavel. O snr. dr. Pestana de Aguiar, primeiro delegado, ao tomar conhecimento do facto, foi ameaçado pelo tenente Fleury que, lançando mão da sua espada, declarou á auctoridade policial que estava disposto a tudo. Devido á intervenção do snr. tenente Becker e á calma do dr. Pestana de Aguiar, foi que não occorreu facto de maior gravidade na 1.ª delegacia de policia».

2 A *Gazeta de Noticias*, de 20 de junho, publíca uma carta do visconde de Pelotas, transcripta da *Federação*. A carta termina assim: «*Tendo cessado a publicação de todos os jornaes d'esta cidade* (Porto Alegre), sou obrigado por isso a aceitar o offerecimento que se me fez d'esta folha para publicar esta resposta que não desejo demorar».

3 *Gazeta de Noticias* de 24 de junho.

4 *Gazeta de Noticias* de 24 de junho. N'esse jornal lê-se ainda o seguinte, com respeito a Sergipe: «O tenente honorario Ezequiel do Nascimento, de Simão Dias, teve a casa cercada por tropa durante dias e foi obrigado a fugir para o sertão da Bahia, deixando a familia em extrema penuria, para não ser preso o

do do Rio de Janeiro é preso no pulpito da sua egreja e trazido ao Rio por ter prégado contra a separação da egreja e do estado [1].

Os jornaes publicam uma estatistica do presidio de Fernando de Noronha e por essa estatistica vê-se que ha n'aquella ilha 152 deportados. A *Gazeta de Noticias* de 12 de julho diz que na vespera seguiram para Matto-Grosso, para onde grande numero de individuos já têm sido desterrados, 54 novos deportados, a bordo do paquete *Rio Negro*. Todas estas prisões e deportações são feitas no maior mysterio. Os nomes dos prisioneiros não são publicados e nem ao menos lhes é dado o direito de reclamar. O chefe de policia diz — são *capoeiras!* — e basta esta sentença arbitraria e verbal para um individuo ser arrancado da sociedade e enterrado vivo (Deus sabe onde) sem ter ao menos o direito de fazer ouvir uma queixa. Muitos são malfeitores, é verdade, mas que provas, que motivos houve para essa condemnação? Quantos innocentes e quantas victimas de perseguições e odios pessoaes não estão soffrendo as durezas do carcere na companhia de facinoras? Tudo isto ficará para sempre no mysterio.

Não é a primeira vez que um poder despotico, a pretexto de punir crimes, se torna tambem criminoso.

*
* *

Fallámos da indisciplina militar e das violencias materiaes. O que diremos da indisciplina moral?

arrastado á capital. Seu crime foi ter querido fundar um club para a sustentação d'uma candidatura ao congresso».

1 *Gazeta de Noticias* de 8 de junho: «Chegou hontem a Nictheroy escoltado, o conego Bernardino Borges, vigario da freguezia de Santo Antonio da Encruzilhada, que foi recolhido ao quartel do corpo policial do Estado do Rio de Janeiro». O crime d'esse vigario foi tambem aconselhar os paes de familia que mandassem os filhos sómente ás escólas onde se ensina a doutrina christã.

*

Alguns estudantes da faculdade de direito de S. Paulo, exasperados com o justo rigor d'um professor, que é um sabio e que ao mesmo tempo era a propria justiça nos seus julgamentos, resolveram desacatal-o e pedir ao ministro da instrucção publica a jubilação do professor que, no meio da relaxação geral, era um exemplo vivo do trabalho e do dever.

O snr. Benjamim Constant, que agora encontramos feito ministro da instrucção publica, teve de tomar conhecimento do facto e de julgar o dr. Justino de Andrade. E aquelle mau mestre, aquelle empregado publico sempre ávido de ordenados accumulados, aquelle militar perjuro que ensinou ser a traição uma virtude, a ingratidão um merito, aquelle falso soldado que na guerra deu o triste exemplo da prudencia evitando o perigo a que o seu dever o chamava — o snr. Benjamim Constant deu razão aos madraços barulhentos e mal educados, contra o mestre eminente e austero. E não ficou ahi o snr. Benjamim Constant.

N'um aviso sem grammatica e sem bom senso, disse o ministro que havia tratado de «acautelar a disciplina escolar, que resume-se essencialmente no cumprimento exacto dos deveres que cabem aos mestres e discipulos, sendo que sempre áquelles cumpre *servir de modelo aos moços, traçando-lhes por seus actos normas de conducta, e dando-lhes as grandes lições fecundas que só em ministrar os bons exemplos, porque a mocidade é sempre generosa e sempre prompta a receber as boas lições e a tomar os bons exemplos*».

Não. A mocidade é inexperiente e tambem toma os maus exemplos. Os exemplos dados á mocidade pelo dr. Justino de Andrade foram sempre os exemplos do amor á sciencia e da virtuosa austeridade. Se os exemplos dos mestres são seguidos pelos discipulos, o que farão os jovens militares brazileiros, discipulos do snr. Benjamim Constant, no campo de batalha? Se os discipulos quizerem seguir o exemplo do mestre hão de fugir ao perigo como o mestre fugiu. Isto, porém, não acontecerá porque os Benjamim Constant são raros para honra do

exercito brazileiro, e porque o patriotismo é na alma humana um sentimento que domina o medo [1].

*
* *

Fallámos da indisciplina e fallámos das violencias dictatoriaes. O servilismo é consequencia de uma e de outra coisa.

Quantos exemplos d'esse servilismo não fornece a historia da Dictadura brazileira?

Devemos fallar de um exemplo que é particularmente triste, o do snr. Benjamim (outro!) Franklin Ramiz Galvão, ex-barão e ex-aio dos Principes. Este pobre homem, que é um homem instruido, sabe que já no tempo dos gregos, o mestre tinha para com os discipulos deveres menos sagrados sómente que os da paternidade. Pois bem; no dia do perigo e da provação esse mestre abandonou os seus discipulos e foi pedir á Dictadura, que bania a Familia Imperial, o logar de Inspector da Instrucção Publica. E no dia 13 de maio, segundo anniversario da abolição da escravidão, o snr. Ramiz foi fazer um discurso que ninguem lhe havia pedido, e declarou que o Governo Provisorio «arrancou o Brazil das peias de um regimen condemnado pela Sociologia e que o Povo Soberano acclamava a obra regeneradora de 15 de novembro» [2]. Pouco tempo antes, esse mestre, dedicado e fiel amigo da Familia Imperial, no Instituto Historico fallava commovido nos «*ternos principes*» seus discipulos e «*nos louros que o futuro reservava para essas vergonteas vicejantes do throno bem amado brazileiro*» [3].

[1] Um nosso correspondente, um militar da Bahia, escreve-nos dizendo que só ao voltar precipitadamente do Paraguay, para onde só a muito custo e com vagar se encaminhára, foi que o snr. Benjamim Constant virou positivista ao mesmo tempo que virava tambem as costas ao inimigo. N'essa occasião adoptou o snr. Benjamim Constant a divisa *Ordem e Progresso*, divisa com cujas letras, e em anagrama, se póde escrever esta phrase: REGRESSO POR MEDO.

[2] *Gazeta de Noticias* de 14 de maio.

[3] *Revista do Instituto Historico*, tomo XLV, parte II, pag. 652.

Na festa official de 13 de maio, o orador, o snr. José do Patrocinio, referiu-se á Princeza D. Izabel, a quem elle chamava a Redemptora. Que circumloquios e que cautelas não empregou porém, o eloquente e então embaraçadissimo tribuno fallando diante do Dictador e dos ministros que expulsaram do Brazil aquella Princeza! O snr. Patrocinio fallou de tudo, de todos; estendeu-se longamente n'uma tirada relativa á mãe do snr. Deodoro, pessoa muito veneravel, mas que tomou tanta parte na abolição da escravidão, como o snr. Benjamim Constant na guerra de Troia e até na do Paraguay. Só depois d'isso, é que o pobre orador julgou que lhe seria perdoada a phrase, lembrando a Princeza libertadora.

Fallámos do anniversario do snr. Hermes da Fonseca, sobrinho e secretario do Dictador. O anniversario do mesmo Dictador foi occasião para novas scenas que deixam longe tudo quanto inventou a engenhosa cortezania de Byzancio.

Tomemos uma para exemplo:

Organisou-se logo uma *commissão promotora* da manifestação. A *Gazeta de Noticias*, de 20 de julho, conta que, acclamados o presidente, o secretario e o thesoureiro, por proposta de um dos manifestantes, «ficou resolvido que, *visto não haver tempo de se mandar fazer um mimo digno do cidadão a quem é destinada a manifestação*, se abrisse uma subscripção popular para com o producto d'ella se construir um edificio e se fundar uma escóla primaria modelo, perpetuando-se d'este modo o nome do benemerito chefe do governo».

A idéa de uma escóla é sempre uma bella idéa. Mas, como se vê da transcripção acima, essa idéa não foi adoptada por ser em si uma idéa sympathica. Foi apenas *por falta de tempo*. Houvesse tempo, e a commissão promotora preferiria dar, e o snr. Deodoro receber, o tal mimo digno d'elle. Graças a esta abençoada falta de tempo, talvez a infancia venha a ter no Rio de Janeiro mais uma escóla.

Ha muitos annos a avultada quantia reunida para ser erigida uma estatua ao snr. D. Pedro II foi, a pedido do Soberano, applicada á construcção de escólas. E se aquelle bom mo-

narcha não teve uma estatua não foi *por falta de tempo:* foi por sua vontade, e só por sua vontade, que em vez da estatua se fundaram escólas:

A escóla feita por falta de tempo vai ter o nome do snr. Deodoro, d'esse militar de letras gordissimas que, em vez de patrono da escóla, devia ser o seu primeiro alumno. E talvez com effeito ella venha a construir-se [1].

*
* *

Ha muitos mezes que vimos contando aos leitores da Revista de Portugal o que é a Dictadura militar e republicana no Brazil.

Achamos graça muitas vezes aos jornaes opposicionistas portuguezes, que muito sinceramente fallam contra a dictadura ministerial que dizem installada em Lisboa. O que é o longo habito da liberdade! Ha em Portugal quem chame *dictadura* aos actos de um governo que, em todo o caso, vive exclusivamente dentro da lei.

Não. É preciso não chamar dictadura esse estado de governo que, por vezes, os portuguezes têm tido na sua patria. A unica e verdadeira dictadura que hoje existe é a do Rio de Janeiro. Lá é que ella triumpha ha longos mezes! Lá é que, para desgraça do Brazil, ella encontrou um meio propicio ao seu nascimento e á sua vida!

A nossa indignação procurava ha muito tempo um adjectivo para qualificar esse governo que confiscou todas as liberdades, e mais do que todas, a liberdade de pensamento.

Esse adjectivo acabamos de achal-o. O snr. Benjamim Constant foi quem nol-o forneceu e é o verdadeiro.

[1] Dizemos *talvez* porque, se o snr. Deodoro morrer ou deixar o poder antes de feito este edificio, terá elle o nome do seu successor ou ficará no mesmo limbo em que estão a estatua do visconde de Ouro Preto, o pagamento da divida interna, a estatua de Colombo no Pão d'Assucar e outros productos variados postos em circulação pelos maniacos de manifestações mais ou menos desinteressadas.

Segundo o depoimento de um official, depoimento publicado nos *Apontamentos para a Historia* [1], na manhã do dia 15 de novembro, esse official, o coronel Antonio Joaquim da Costa Guimarães, encontrou á frente de um batalhão o snr. Benjamim Constant, que pela primeira vez occupava esta marcial situação.

— « *O que é isto, Benjamim?* » perguntou o coronel.

— « *O que é isto? É o exercito que por mais tempo não póde supportar este governo infame que por todos os meios procura trucidar-nos abafando a liberdade de pensamento* », respondeu o snr. Benjamim Constant.

Pois bem. Até áquella manhã de novembro podia-se dizer que havia mais de meio seculo que o Brazil não tinha presenciado prisões politicas, degredos, deportações, commissões militares, prisões de jornalistas, ameaças contra os escriptores, proscripções e violencias como meios ordinarios de governo.

Que pensamento foi jámais coagido em sua liberdade, durante o governo que o snr. Benjamim Constant ajudou a depôr?

A Dictadura, essa sim, é que, encarcerando por motivos politicos, banindo, deportando, ameaçando por todas as fórmas, promulgando decretos contra a imprensa, prendendo, intimidando jornalistas por meio de commissões militares, proscrevendo e violentando todos os dias: essa Dictadura, sim, é que tem abafado a liberdade de pensamento.

E um governo que abafa a liberdade de pensamento, disse-o, e tem toda a razão o snr. Benjamim Constant:

— É um governo infame.

Frederico de S.

[1] *Gazeta de Noticias* de 17 de julho.

LIVROS UTEIS E INSTRUCTIVOS

Anselmo Povoas

Guia do arbitrador judicial, contendo toda a legislação vigente relativa aos louvados, noções de agricultura e chimica agricola indispensaveis nas avaliações e regras para dividir e medir predios, seguida da tabella dos emolumentos e salarios judiciaes. 120

A. A. Leal

Noções de civilidade ou regras e preceitos indispensaveis aos meninos e adultos que desejem ser educados moral, civil e religiosamente. 200

Anthero de Quental

Considerações sobre a philosophia da historia litteraria portugueza..... 200

Antonio Cordeiro

Historia insulana das ilhas a Portugal sujeitas no Oceano Occidental. 2 vol.. 2$000

Antonio Ferreira Augusto

Subsidios para a boa interpretação do codigo civil portuguez, baseados no que ha escripto ácerca de cada um dos seus artigos em todos os jornaes e livros juridicos do paiz..... 1$000

Antonio Luiz Ferreira Girão

Ensaios chimicos applicados á procura e doseamento dos compostos de chumbo, de cobre e de zinco nas aguas potaveis e bebidas fermentadas. Seguidos de varias experiencias e analyses..... 300

Da acção da agua sobre os encanamentos de chumbo..... 200

A theoria dos atomos e os limites da sciencia..... 300

Antonio Luiz Soares Duarte

Descobertas e maravilhas (thesouro inesgotavel de sciencias industriaes e domesticas) contendo aproximadamente 2:000 receitas. Publicação illustrada com 39 gravuras e utilissima a todos os artistas, industriaes e donas de casa..... 1$200

Antonio Manoel Gomes

Principios elementares de arithmetica e systema metrico, approvados pelo governo para uso das escólas de instrucção primaria. 120

A. M. Lopes de Carvalho

Noticia sobre alguns insectos uteis á agricultura. opusculo illustrado com gravuras..... 100

Antonio Peixoto do Amaral

Selecta classica de prosadores portuguezes, elaborada segundo o programma official para as cadeiras de portuguez dos lyceus e escólas normaes, e augmentada com mais trechos classicos e notas. 2.ª edição. 600

Antonio Xavier Pereira Coutinho

Guia do vinicultor, com 58 gravuras. 1$000

* * *

Os asylos agricolas da Suissa, considerados como meios de educação para as crianças pobres, remedio contra os progressos do pauperismo e systema de colonisação. Traduzido do francez e applicado ao estado presente de Portugal..... 200

Augusto Burgain

Couronne littéraire, choix de morceaux, extraits de diverses auteurs. Cart ... 600

Geographia patria elementar..... 400

Ayres de Albuquerque Gama

Elementos de desenho linear. Cart.... 320

Ayres de Carvalho Soveral

Breve estudo sobre a ilha de Moçambique, acompanhado de um pequeno *vocabulario portuguez-macúa*..... 100

Balzac

Physiologia do matrimonio ou meditações de philosophia eclectica sobre a felicidade e infelicidade conjugal. Traductor A. da Silva Dias. 2.ª edição. 2 vol..... 1$000

Bibliotheca util

Do espirito positivo, por A. Comte. Cartonado..... 200

Soluções positivas da politica brazileira, pelo dr. L. P. Barreto. Cart..... 200

Da educação, por França Leite. Cart. 200

Traços geraes de linguistica, por Julio Ribeiro. Cart..... 200

Branco Rodrigues

Methodo de prolongar a vida, simples observações sobre a hygiene pratica..... 200

Burggraeve

A longevidade humana. 2.ª edição, com um diccionario de hygiene..... 600

A REVISTA DE PORTUGAL é publicada mensalmente, n'um volume de 130 a 150 paginas.

Um *BOLETIM BIBLIOGRAPHICO* acompanha cada numero da Revista, dando noticia e descripção de todas as obras, nacionaes ou estrangeiras, que forem enviadas á Redacção.

Os *ANNUNCIOS* são inseridos n'um supplemento especial collocado no fim do numero.

ASSIGNATURA

Portugal e ilhas adjacentes

Um anno	Seis mezes	Tres mezes
6$000 reis	**3$200 reis**	**1$700 reis**

Numero avulso.	**500** reis
Pelo correio.	**540** »

Colonias, Hespanha, Brazil e outros paizes da União Postal

Um anno	Seis mezes
7$200 reis fortes	**3$800 reis fortes**

A REVISTA DE PORTUGAL assigna-se no Porto na livraria dos editores e administradores LUGAN & GENELIOUX, *e em todas as livrarias de Portugal. Agentes: em Paris,* ***Amedée Prince & Cie****, 36, Rue Lafayette, 36; em Londres,* ***Amedée Prince & Cie****, 10, Coleman Street, 10; e em Leipzig.* ***Karl W. Hiersemann****, 2, Königsstrasse, 2.*

Porto — Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 70